

Larissa Inspector

**NA JANELA OS TELHADOS
ESTAVAM OS MESMOS**

Como a geração de folhas é também a geração de amantes.

Folhas: a umas o vento joga no chão, a outras forma o bosque em flor, e vem a primavera: tal é a geração de amantes, uma se forma, a outra fenece.

(Por Homero.)

O que uma mariposa entende do fogo onde cai?

Amós Oz (A caixa-preta).

Só sobrou a casa no lugar.

Vento entranhava frio os espaços entre os meus dedos e ouvidos, a tatuagem no braço, os cílios dos olhos. Soprou um canto de folhas secas na terra, titubeando no barro. Anunciava o fim de uma tarde de céu triste, desprovido de chuva e passarinhos. Estava só naquele terreno, uma camisa branca em meio às árvores que chicoteavam tons de verde escurecido no ar. Não havia ninguém para colher as acerolas, as seriguelas, as goiabas, os maracujás, agora caídas no chão. Depois que o meu amor se foi, levou com ele os meus filhos, os meus netos, os meus irmãos, as escaladas nas árvores, as tardes de leitura, as brigas desmanchadas às escondidas na dispensa atrás da cozinha. Só restou a casa no lugar. Fria, distante, sem necessidade de ser habitada. Os vidros das janelas já estavam opacos.

Aos fundos, vi que havia se levantado bem alto um mamoeiro cujo tronco, por mais que seus galhos finos balançassem ao vento, permanecia reto, imóvel no céu. Apoiada a ele, a nossa amoreira entrelaçava-lhe os ramos, como fossem irmãos-amantes de muito tempo. Sob a folha larga, ela guardava uma amora tão roxa, que parecia conter a noite e seus brilhos nos gominhos. Ar frio rodopiava nos meus pulmões, enquanto eu a assistia cavalgar o vento.

Atraído pelo fruto, peguei a escada mais alta que tínhamos, uma dessas de alumínio com rodinhas vermelhas na ponta, a apoiei no mamoeiro. E me assegurei que ela estava bem firme ao chão. Comecei a subir.

Mas à medida em que pisava os degraus, sentia o tronco do mamoeiro estremecer perto do peito, balançar pros lados. E logo ele, que parecia tão forte. Continuei a subir já sem saber se o que tremia era ele ou algo em mim que se rachava, se partia. Quando cheguei mais ou menos na metade, e eu já estava bem longe do chão, uma lufada de vento me fez perder o equilíbrio. Segurei com força o tronco com uma das mãos e o degrau da escada com a outra. Olhei pro alto raspando o queixo no alumínio, os galhos continuavam a balançar na copa, a amora, ainda mais brilhante, acompanhava os movimentos do vento com uma suavidade indiferente. Calculei que, mesmo que chegasse ao final da escada, faltaria ainda alguns metros pra alcançar a amora.

Desci. Meus ombros acompanharam o horizonte descer.

Se por medo ou desânimo, não considere a minha altura, o comprimento dos meus braços como a diferença necessária para alcança-la.

Eu atravessei as árvores do quintal e fui à rua abrindo o pesado portão de madeira, e fiquei um tempo parado no meio da pista de paralelepípedos. Algumas pessoas caminhavam, passeavam com seus cachorros, conversavam. Uma mãe segurava a mão de sua filha. Eu virei o meu rosto pro céu, onde fracas manchas alaranjadas diziam o lugar onde deveria estar o sol. Quando me virei para trás, vi, ao final da rua, meu pai dirigindo sua pick-up branca em minha direção. Ele a dirigia de ré. E não lembro como ele corrigiu a direção, aparecendo pra mim com a frente do veículo.

Ele abriu a porta. Desceu do carro e me falou alguma coisa. Seu cabelo molhado pelo orvalho.

Era época de tempo ruim. O verão do norte era apenas calor e chuva, e naquele final de janeiro as tempestades eram constantes. Pelo dia, vinha uma sensação abafada, claustrofóbica, como estivesse constantemente um ônibus lotado de gente inquieta e animais barulhentos, janelas fechadas, suor escorrendo as costas, pescoço, axilas, o tecido da roupa: salgado e pegajoso; por mais que se respirasse, o ar sempre parecia faltar nos pulmões. A noite, quando normalmente ocorriam as tempestades e os trovões, também era abafada, apenas menos quente. Passaríamos a noite em Iñapari, uma cidade fronteiriça que havia se “desenvolvido” justamente por ser um ponto de parada pra viajantes, caminhoneiros, ou acrenses desocupados que quisessem tirar uns dias de folga no Peru. Como havia uma grande circulação de taxis, comerciantes e tuk-tuks pela fronteira, a migração brasileira não se preocupava em fiscalizar todo mundo que entrava ou saía do país. Podia-se andar livremente pelas ruas de Iñapari sem enfrentar qualquer problema com a migração.

Sáímos de Puerto Maldonado, pegando uma van por volta das 11 horas e chegamos lá na segunda metade da tarde. Percorremos a única avenida daquela cidadezinha chocha, prestando atenção nas ruas transversais em busca de um hostel, que fosse barato. A floresta, sempre rente à cidade, mantinha-se controlada pelo concreto. Terminamos encontrando dois praticamente vizinhos, a uma quadra da Plaza de Armas: Hospedaje Arequipa, quarto matrimonial por 30 soles; não vou lembrar o nome do outro, quarto duplo 25 soles. Ficamos neste último.

Era um quarto pequeno com duas camas apartadas, forradas com lençóis finos de tecido sintético, uma janela que desafiava escolher: ar ou privacidade? Não tinha um ventilador. As paredes eram pintadas num verde-chapado bem enjoativo e, à exceção das camas, uma mesinha de madeira era o único cômodo do quarto. Uma mistura do melhor da lógica arquitetônica com o acolhimento e receptividade peruana. Em casa!

Deixei a minha mochila no chão, ao lado da mesinha, e Catarina jogou a dela na cama da direita com o lençol do Yugi-oh.

— Não quer nem ver o outro?

— Não. Esse aqui é mais barato.

Pensei dizer que a diferença era pouca, mas deixei quieto. Qualquer coisa podíamos dormir na mesma cama. Quando um gato está com raiva de seu dono, ele age como se o dono não existisse e faz tudo para que o dono tenha exatamente essa mesma impressão. De que o dono não lhe é necessário, e que o gato pode se virar muito bem sem ele, e que se esteve com ele durante muito tempo foi somente porque lhe era conveniente, podendo muito bem abandoná-lo quando deixar de sê-lo. O gato não o evita nem se aproxima e pode passar dias fora de casa, sem dar na vista. Bem assim é Catarina.

Decidi que eu mesmo iria acertar o pagamento, não queria que ela se preocupasse disso. A dona do hostel era uma velha antipática, como a maioria dos peruanos de interior. Entronchava a boca a cada pergunta que fazia, como se tivesse fumo bem amago entre as gengivas. Mas, dentes brancos, cara amarela. Coloquei nossos passaportes sobre o balcão dando buenos, ela se levantou da cadeira de balanço em frente à TV, tirou uma prancheta com um formulário de uma gaveta e esticou, junto com um bocejo, as sobrancelhas como se estivesse dizendo, mais um que tenho que aguentar. *¿De donde venís?* Maldonado. *¿Donde van?* Casa. *¿Donde?* Eu olhei pra ela, em seguida pros nossos passaportes. Ela não retirava os olhos do formulário e das anotações. Ao ver que eu não falava, ela repetiu incisivamente a pergunta. Brasil... Bateu a prancheta sobre o balcão, *firma*. Feia. *¿Que?* Non Hablé nada. Paguei com um misto de alívio e desconforto típico de quem sabe perfeitamente que não é bem-vindo e logo poderá ir embora. Ela se voltou pra televisão, alguma besteira desses apresentadores genéricos, e eu voltei logo pro quarto.

Quando voltei, Catarina já estava com roupa limpa e toalha nas mãos. Havia trocado as botas pelos chinelos verdes. Me disse que ia tomar banho. Certo, falei. Logo ela passou por mim desviando o ombro do meu peito, ela também levava a escova e a pasta de dente. Um sentimento de tristeza pareceu descer pelas paredes do quarto quando ela atravessou a porta, tudo sobrou em silêncio. Eu me deitei numa das camas, sem nenhuma surpresa ao perceber que, feito uma pedra atirada num rio, eu afundava sobre o colchão. Comecei a desabotoar a camisa, Catarina gosta dessa camisa. Mas parei na metade e saí em busca de ar. O quarto ficava frente à uma varanda de cimento queimado, coberta por um telhado de brasilit e cercada por uma meia-parede à altura do joelho. O ar da floresta, mesmo denso, envolvia tudo, menos o nosso quarto. Eu olhava o céu, suas nuvens paradas e coloridas, os raios do sol que as atravessavam para tocar a copa das árvores lá longe do outro lado da rua. Devia passar das 16, eu torcia para que chovesse à noite.

Catarina não demorou pra chegar. Parou em pé ao meu lado com a roupa suja e a toalha na mão. A perna direita dela chegou a tremer um pouco e eu senti que ela queria me abraçar, mas algo em si não cedia. Mas ela chegou tão perto que eu senti cheiro e temperatura da pele. Quis deitar o meu rosto sobre a sua perna, arrastar nariz e língua até onde a pele, cada vez mais clara e macia, torna-se ainda mais delicada. Mordê-la com força, um quê de fotografia.

— Bora andar um pouco.

— Quer tomar uma cerveja? — sugeri.

— Era o que eu naquela tarde estava pensando. Deixa eu estender isso aqui:

Fez um gesto com a mão.

Fiz que sim e disse que iria só passar uma água no rosto. Também pedi a pasta de dente.

Brigamos antes mesmo de terminar a cerveja.

Deixei-a no bar e voltei pro hostel, onde fiquei até cair a noite sem lua.

Eu havia tomado um banho frio e conversava deitado na cama com um amigo pelo celular dela. O meu havia quebrado no primeiro mês de viagem. De repente, um apagão envolveu quarto, e, como descobri logo depois, toda a cidade. Tive um impulso de perguntar à dona do hostel se aquilo era comum e se a luz demoraria pra voltar. Mas desisti, ela seria ainda mais desagradável no escuro. Fechei os olhos por um instante, silêncio, e me pus somente a respirar. Quando abri os olhos, lembro de ter pensado “não voltou antes porque quis, então que se foda. Se vire pra voltar”. E, sem saber como, eu já estava eu na rua atrás dela. “Ela vai precisar do celular”, era o que eu pensava.

Fui à Plaza de Armas gritando por Catarina em todas as ruazinhas que a circundavam, ganhando nada além de olhares estranhos como resposta. Não me importei. Ver pessoas me passava a sensação de que ela estava segura. Mas como não a achei, decidi seguir meu instinto inicial de procurá-la num dos restaurantes que vimos na saída da cidade, perto da migração peruana. Apertei o passo à avenida principal, rezando pra que ela estivesse bem. Eu comprimia o celular entre os dedos, porque era a única coisa que eu tinha dela. Mesmo sem lua, não sei por quê, eu evitava usar a lanterna, então a única coisa que eu via na escuridão eram os faróis dos tuk-tuks para os quais eu sempre gritava quando passavam por mim Catarina, Catarina.

Uma textura fina de chuva descia sobre facho de luz amarela das motocicletas e se misturava ao suor nos meus braços. Ela vinha roubar o calor. Mas os caminhões estacionados do outro lado da rua me lembravam do medo que ela tinha de caminhoneiros, que eles não eram confiáveis, e neste ponto eu já corria espiando as janelas dos caminhões gritando Catarina, Catarina.

Durante as minhas rezas, eu percebia quão pequena era a mágoa que eu guardava diante da possibilidade, ainda que improvável, de não encontrá-la e esse medo, por mais infundado que fosse, afastava todas as diferenças de nós dois, que agora apareciam como realmente eram, pequenas.

Ela ficou surpresa ao me ver. Eu tinha parado de correr pra recuperar o fôlego e andava apressadamente, enquanto tentava senti-la, dizia a mim mesmo que ela estava bem e que ela iria aparecer mesmo que eu não a encontrasse, que ela já estaria no hostel me esperando, talvez até mesmo preocupada comigo. Nos esbarramos no meio da calçada como um choque e, como dois estranhos que se gostam, resistimos à ideia de tocar um no outro. Ela ficou parada sob a chuva rala, seu peito pulsava, uma confusão, era claro que ela também andava apressada e tinha medo. Não sei se ela imitava a mim ou se eu que a imitava. Mas, como se ela não entendesse o motivo de eu estar ali, havia uma dureza e uma investigação se agitando nos olhos. Em mim, toda a urgência em dizer que a amava e que só pensava em ficar com ela independente de tudo se dissipou no instante em que botei meus olhos sobre os olhos dela. Eu falei dos olhos de Catarina. Esses olhos frios cheios de desprezo e vilania. A imagem dessa incolumidade desconfiada e imóvel, a segurança de que ela estava bem, ou até muito bem, levou embora todo o sentimento de amor e carinho que eu nutri enquanto a procurava. E a urgência, perdida com essa previsibilidade óbvia de vida. Haveria tempo para não amá-la, haveria tempo para raiva e tristeza, eu poderia amar somente a mim agora.

Eu estendi o celular, ela tomou com estranheza. Talvez ela tivesse agradecido, me perguntado se eu havia jantado, mas a impressão que eu tenho é que voltamos pro hostel sem trocar palavra. Quando chegamos, vi que tinha deixado a chave na porta do quarto e pensei no quanto ela ficaria chateada se soubesse, e diria que eu era descuidado, um sem-noção irresponsável, sem a menor consideração com as nossas coisas.

As luzes ainda não tinham voltado, a garoa continuava a descer.

Foi só entrar no quarto e receber o bafo quente e abafado de coisa velha. Realmente odiei aquele lugar e quis mandar a dona e a cara feia dela pro inferno. Com a lanterna, Catarina começou a se situar no ambiente, vasculhou a bolsa atrás da escova de dentes. Avisei que deixaria a porta aberta pra entrar um pouco de ar. “Pode ser bom mesmo”, ela disse. Deixar a porta aberta, deixar a porta aberta... Nesse momento, cheguei a pensar que só estávamos juntos ali naquela noite, porque era o mais conveniente a se fazer. Éramos dois estrangeiros sem dinheiro no bolso, fazendo o caminho de volta pra casa. Não havia motivo para nos separarmos, o lógico era que nos uníssemos. Mas, se estivéssemos na casa dos nossos pais, no conforto de nossos quartos, das nossas camas, onde não tínhamos que nos preocupar com o que comer, onde dormir, por que ficaríamos um com o outro, nos sujeitando a essa baixeza? Me pareceu muito obvio que a maioria dos casamentos que duram somente assim o fazem por uma questão de conveniência e dependência mútua pela sobrevivência das partes. Que, quanto mais as pessoas fossem livres e independentes, e tivessem condições de se virarem sozinhas, elas assim o fariam e só permaneceriam com o outro, enquanto isto lhes fosse vantajoso. Que mesmo que exista um sentimento bom e real entre duas pessoas, esse sentimento seria descartado e até desprezado ao primeiro sinal dos conflitos inerentes de qualquer relação entre duas existências diferentes. Toda e qualquer dificuldade, expurgada em prol daquilo que é morno e não dói. Eu sempre odiei essa palavra: conveniência. Se estar com alguém só enquanto é conveniente, eu prefiro ser inconveniente sozinho. Não, ela não ficaria comigo. Eu conheço você, Catarina. Você não ficaria comigo. Você se ama demais pra isso. Aliás, você não sabe nem o que é amar.

Ela se levantou e passou por mim, de novo desviando o ombro, o rosto, o corpo — Volto já.

— Espera.

— O que foi?

É ridículo, mas senti um breve tremor ao perceber que ficaria sozinho. As paredes pareceriam ainda mais feias e apertadas, o quarto ainda mais abafado.

— Oiá, tchau.

— Espera. Deixa eu ir primeiro.

— É só você ir, meu amor.

— Mas... a porta vai ficar aberta.

— Então você fecha. — Fez que ia sair, mas parou quando estava prestes a atravessar a porta. Ficou assim, como se estivesse grudada à parede.

— Você vai precisa da lanterna, né? Vá primeiro então.

Ela estendeu o celular, eu fui até o banheiro, lavei o rosto na água fria. O que eu estava pensando? Eu podia ter ficado na varanda. Não tinha problema nenhum, eu podia ficar na varanda. Foi covardia. Eu não sou assim. Só não queria ficar sozinho. Bem, não adianta ficar nisso. Eu tenho que reconhecer: ela cedeu, não foi? Disse que você podia ir primeiro. Estamos os dois muito estressados, só isso. Uma viagem longa, só isso. Eu tenho que ter calma, eu pensava diante o espelho negro, enquanto tentava encontrar algum reflexo nos olhos, algum brilho, algo de mim. Lembre-se de momentos atrás, o desespero de que algo ruim pudesse acontecer com ela. Por que não consegue sentir a urgência de antes? É tão hipócrita assim? Queria dizer que a amava, não foi? Então diga! Seja homem e diga o quanto a ama. Puxe-a pra perto. Mas dê você o primeiro passo. Tenha fé.

A mulher que eu amo num quarto a menos de um minuto. O cair suave da chuva vai guiando o caminho sem som. O quão mágico era essa possibilidade de vida, quanta sorte! Ter uma pessoa tão linda ao seu lado durante um apagão numa cidade desconhecida. Ter uma mão a apertar e, nesse aperto, sentir-se em casa.

Antes de passar pela recepção, liguei a lanterna. Não queria que ela soubesse que eu nem a estava usando. Sem tempo pra divagações. Era ela quem eu amava num quarto a menos de um minuto dali. O quão mágico era isso e quanto de sorte tínhamos só por ter um ao outro durante um apagão numa cidade desconhecida? Saí do banheiro, lidando a lanterna. Não queria que ela visse que eu nem a estava usando. A velha estava ajeitando umas velas no balcão, tive certeza de que elas nunca chegariam no nosso quarto. Dei a língua e passei.

Ela não estava na varanda. A porta do quarto estava aberta. Eu entrei bem devagar, apontando a lanterna pro chão. Sentada, ela parecia imóvel com os cotovelos repousados nos joelhos. “Oi, meu amor”, foram as palavras que não saíram, substituídas por um cuidadoso:

— Oi.

Respirou profundamente e, como ela não falou nada, me sentei, levemente, na cama paralela em uma posição diagonal à ela. No escuro, eu distinguia o contorno das pernas, a silhueta me dizia ser a mulher que amo a coisa mais bela do mundo. Mesmo diante dessa visão apagada, os abraços que eu sonhava dar, assim como os “eu te amo, eu te amo, eu te amo”, não

desceram à terra. Privado desses elementos e palavras de carinho, o quarto foi envolvido num vácuo denso e eu percebia que nosso número de silêncios invisíveis vinha aumentando muito nos últimos meses.

As forças que eu tinha, as juntei e me mudei para o lado dela, mantendo uma distância suficiente apenas para segurar a mão dela, beijá-la se tivesse a chance. Eu apoiava os meus cotovelos sobre os joelhos, imitando-a.

— Você só foi atrás de mim por obrigação.

Não respondi.

— Desculpe. Eu sei que você não fez assim.

— Você acha mesmo que eu faria isso?

— Não, eu já disse que não, esquece. Volta pra cá,

— Você é muito ingrata mesmo.

— Eu já pedi desculpas, véi que saco. Vai se foder.

Era o seu jeito preferido de encerrar uma discussão, mandar eu me foder. Ela sempre tinha esse vocabulário porco.

— É, vou me foder sim. É exatamente isso que eu vou fazer.

— Vai pro caralho, Pedro.

Atirei a mesa contra a parede. — Você tá louco?! — Eu só a deixei com mais raiva. Mas eu senti a mesinha tão leve na minha mão que uma sensação de prazer intensa começou a percorrer todo o meu corpo, quase sorria. Ela poderia passar horas falando, não perturbaria a minha paz. Fui à rua sem responder à pergunta e dando voltas no quarteirão. Não havia ninguém, a floresta distante formava uma massa negra e homogênea que por pouco não se confundia totalmente com o céu. Se a chuva não houvesse ficado mais forte, também não haveria som. Por mim, eu atravessaria a noite caminhando até o amanhecer. Mas não devo ter ficado fora mais do que meia hora. Pensei que ela teria medo de dormir com a porta destrancada ou não conseguisse dormir com a incerteza de se eu iria voltar ou não. Eu não queria atrapalhar o seu sono.

Bati a porta devagar, ela estava trancada. Mas ela não demorou pra abrir, deitando-se logo depois na cama.

— Tranque a porta.

Terminamos nos deitando em camas opostas, continuando a discutir por meio de frases espaçadas em intervalos estranhos de tempo, como se não pudéssemos resistir à vontade de se impor ao outro através de uma inteligência estéril, cheia de sarcasmos, capaz de identificar cinismo e falha em tudo menos em si. Ela falava alguma coisa, eu respondia; depois retrucava algo de novo e vice-versa; íamos assim.

— Por que você saiu daquele jeito?

— ...

— Você não vai falar?

— Porque você me disse aquelas coisas, tão dura, tão cheia de si — de braços cruzados, olhar de PM, como se nunca tivesse perdido uma guerra —, que nem se preocupou em como eu ia levar.

— Disse mesmo.

— Você é incrível. Parece até que estava querendo me magoar.

— Eu disse a verdade, Pedro. Eu disse o que penso, como eu sou, e você se ofendeu.

E há tantas formas de dizer a verdade, não é?, Catarina.

Creio que brigávamos assim, porque no fundo queríamos um ao outro. Pelo menos era o que eu achava. Pois estava quente e abafado lá dentro, e escuro. E há muito eu desejava dormir, e ela também, cansados de viajar. Mas continuávamos brigando. Era o que nos mantinha acordados, e esta era a minha esperança. Enquanto brigássemos, ainda tínhamos chance de dormir juntos.

A chuva havia se intensificado, emprestando um pouco do frio ao quarto. Ouvia o crepitar dela no teto, a água estalando nas telhas de barro. Devia ventar muito. Num intervalo de nossas discussões, atirei meu lençol no chão e me deitei ao seu lado. O orgulho não me deixou abraçá-la. Ela, inerte, não moveu um músculo. Desejei socar-lhe o rosto. Respirei fundo e lembrei das manhãs de chuva que passamos escondidos no meu quarto; apoiei meu cotovelo na cama, erguendo o meu peito sobre suas costas febris. E mesmo no escuro, eu via os seus

olhos fechados, a sua boca comprimida, a respiração presa. Dei-lhe um beijo na bochecha. Ela soltou com força o ar das narinas, entendi que ela finalmente cedia. Abracei-a e dei-lhe outro beijo, dessa vez, cheirando o seu rosto.

— Saia!

Quis xingá-la, apertá-la, mordê-la, esmurrar a parede, amassar-lhe o rosto com as mãos, destruí-lo, gritar que a amava.

Pulei de volta pra minha cama, tomei o lençol do chão e me cobri até as pernas, virando as costas pra ela.

Falei:

— Bem, eu vou dormir. E espero que quando eu acordar eu tenha a minha mulher comigo ao meu lado.

Dessa vez, foi ela quem atirou o lençol ao chão e veio a mim. Eu fiquei feliz com aquilo, me senti renovado, ela tinha voltado. Ela tinha vindo e eu nem esperava, achava que ela só viria amanhã. Me senti quente e confortado. Ia me virar pra abraçá-la, mas ela se adiantou, tomando o meu ombro, puxando o meu corpo pra si e me virou o suficiente para que eu tivesse somente a face esquerda voltada para ela. Ela aproximou o rosto do meu e disse assim, firme:

— Eu odeio você.

A chuva continuava a cair sobre o telhado, a copa das árvores, a rua de barro.

sonhei com uma mulher numa igreja devastada. Houve um massacre no vilarejo, escombros de pedra e madeira queimavam, cavalos fugiam ao longe, e fumaça muito preta saía de muitos lugares. Essa mulher fazia uma trança no cabelo de uma criança morta. No sonho tudo era cinza. Ela olhou pra mim sem tirar as mãos do cabelo dourado. Ela o amarrava com uma fita azul.

Eles sempre dizem não haver sobreviventes. Não deixar sobreviventes. Mas alguém precisa ter sobrevivido. Alguém sempre sobrevive.

Respire, Catarina. Respire no ar.

Estou perdendo a vista? Não posso dormir aqui, não vou desmaiar... ficar acordada. Pedro já vem. Só preciso aguentar um pouco. Quase uma hora que ele saiu. Pedro não gosta de nada digital, conserva engrenagens e ponteiros, mas o relógio que sua mãe lhe emprestou, uma das poucas coisas que trouxe da única viagem que fez pro exterior, ele faz questão de usar dia e noite, o fuso horário de sua casa, para saber quando elas dormem, para saber quando acordam. Quem pensa nisso? Afivelou-o no meu pulso sem apertar a pele. Respire. Mal saímos da laguna, meu corpo me traiu. Fiquei tonta, não. Ainda na laguna, minha cabeça já dava voltas em mim. Talvez o ceviche... Porcaria de ceviche. Já caindo, tropecei numa pedra morro abaixo, não fosse a mão dele. Me parou. Já caindo, não sei como ele me viu se estava à frente de mim. Via com os ouvidos. Sentamos na encosta. Eu sobre uma grande rocha cinza, ele em cócoras, Pedro me olhou com aqueles olhos calmos que dizem tudo vai ficar bem. Me beijou demorado o rosto e esse beijo era como um sussurro fundo no vaso da minha garganta. Fique...

Pegou o cantil, se levantou pra beber água. Bebia diante do vale cercado de todos os ventos. Frios. Eu via que muitos grupos já desciam longe e seguiam pela pequena trilha ladeada do pequeno córrego de água nascida do pico nevado que vimos na laguna. Era o alimento de todo o vale. O vento levantou os arbustos, soam como um mar distante, a planície vazia. O ar e o sol. Até a poeira brilhava incandescente com o calor amarelo e quase não havia nuvem. Olhos fechados, tarde de verão acesa, respiro o suor dos seus braços calorosos. Fique...

— Você quer vomitar, baby?

Eu rio. — Não —, mas seria tão bom que eu quisesse. Fecho os olhos...

Respire.

Ficamos um tempo ali, eu me agarrei àquela vegetação rasteira verde e laranja de montanha. Pedro disse que era um truque. Quando você sentir que não tem força, agarre-se à Terra e às árvores, às pedras. Peça força emprestado, ela vem. E depois de rezar e pedir muito, ela veio. Orientada a não falar, olhei reto para ele, que agora estava de novo em cócoras, as mãos envolvendo as minhas pernas, como se fosse água. Ele se confundia com uma mancha roxa que se encolhia e se esticava como uma onda de mar, amarela, verde... Fique...

Fiz que sim com a cabeça, vamos. Não fez questão de me ajudar a levantar, apenas mais um beijo demorado, na minha testa, quente, porque ele me acha forte. Minha esposa não é uma mulher fraca, ele me disse uma vez. Só não lembro quando, sou terrível pra essas coisas. Mas

lembro de como me senti. Forte. “Não é uma mulher fraca.” É tão bonito, pequenas frases assim vão alimentando o coração da gente. Basta tão pouco pra que façamos bem ao outro, e às vezes não fazemos nem uma fração disso.

Seguimos descendo, o sol castigava incessante a minha cabeça. Não a de Pedro, protegida por seu chapéu-safari. Mas a minha, resisti à vontade de pedir o chapéu, ele já levava os dois cantis. Teve a delicadeza de não devolver o meu, afivelando-o no cinto da bermuda. A bolsa dele também com certeza estava bem mais pesada que a minha. Homem magro porém vigoroso. Não, que o chapéu ficasse com ele. Eu que devia ter trazido o meu boné. Que burrice, Catarina! Bêbada, bêbada de calor e despreparada, cabeça latejando de sol, só os pássaros não se afligiam, chilreando o caminho como se fosse o típico, eu queria que a nuvem cobrisse o sol de novo, então ficaria frio. E pensar que por um dia perdemos a neve. Como seria lindo se houvesse a neve ali entre nós, como Huaytapallana. Eu também andaria na frente. Mas talvez só piorasse a situação. Devia agradecer por não ter nevado, por ter guardado a lama. Flocos de neve na minha mão... Um pontinho laranja sumia longe na planície, entre as árvores cheias de verde. Agora sim estávamos sozinhos. Um passo por vez, controlar a respiração, calma... Mas era só um pouco que eu andava, e tão lento, a tontura já dava voltas cegas em mim como uma brincadeira de crianças cruéis, eu sentia meu estômago remexer e rasgar, vamos ser deixados. E tanto esforço eu fazia pra subir uma simples elevaçõzinha de nada naquela trilha estreita, cheia de pedras pontiagudas. Parecia uma serpente. Eu poderia andar nas costas de uma, de repente eu também poderia ser uma. Soltei os braços, que descansassem, sigo andando. Mas a mochila me afunda e queima os ombros. Queima-me a face e o sol eu sinto gotas de suor se acumularem nas minhas sobrancelhas. Dói-me os olhos, que eu fecho com dificuldade, como se neles pesassem escamas. Dói-me sobretudo a testa, todas as veias que pulsam debaixo da minha pele fina. É insuportável sentir tanto sangue vivo dentro de mim, rebelde, querendo saltar fora como um grito, abandonar. Lascas de pedras rolam soltas sob as minhas botas, me machucam os pés e me fazem querer deslizar abaixo. Eu topo nas rochas, elas também refletem o sol e me machucam os olhos, mesmo atrás dos meus óculos sépia. Eu os comprei no Rio, o Cristo, o mar gelado, a areia amarela, turistas de língua estranha, Evelyn e uma água de coco. Havia um menino de cabeça raspada, uma bola de futebol. Atravessou o enquadramento da minha câmera. Depois, nem o menino, nem a bola. Sá a areia. Como era mesmo? Ela pode ser uma metralhadora, um beijo quente, um caderno de desenhos. Não consigo respirar ou respiro e o ar não vem. Nesse momento uma ventania me empurra as costas, o suor acumulado nas sobrancelhas desce às pálpebras e forma um líquido viscoso morno de suor e lágrimas, um véu

azedo, acre, mistura-se ao salgado da lágrima e de repente eu percebo que havia andado todo o tempo com a boca frouxa. Pendo à encosta, desejo por um segundo cair, um sono escuro...

Foi aí que ele me segurou. Perguntou se eu queria parar um pouco, eu fiz que sim. Mas sem sentar, ele disse, senão você não vai conseguir se levantar. Tomou minha mochila e mergulhou os braços entre as alças. Tive vontade de rir. Parecia uma tartaruga com uma pançazinha. Eu agradeci tanto em silêncio por ele ter pegado minha mochila, tanto! Mas o pouco de ar que eu consegui puxar foi só pra falar:

— Posso usar o chapéu? — “Pode” foi a única coisa que ele me respondeu, afrouxando a cordinha que o mantinha apertado sob o queixo. Me senti tão mal por isso, tão egoísta e mesquinha. — Quer meus óculos? — Perguntei. Não, ele disse despindo-se das mochilas, sua quéchua azul, eu tenho os meus aqui, obrigado. Mas eu quase não ouvi esse “obrigado” ou esse “eu tenho os meus aqui”. Ficaram presos no peito dele, como um eco de montanha, um bater longe de asa, pode-se ouvi-lo, mas sabe-se que o som que ele produz não é seu, pertence a outro lugar.

Me marcava a expressão do olhar denso debaixo de sobrancelhas tão finas e fortes, os movimentos que ele fazia com os braços. Homem magro e vigoroso, de olhar duro por sua franqueza.

Vestiu os óculos e as mochilas, tomou minha mão. Mas esse toque não me prendia, e muito ar circulava entre os nossos dedos. Todo o cuidado. Foi na frente, me guiando pelas pedras sem cor e os arbustos acinzentados. Pedro bebia a sorvos profundos a luz fresca e, de quando em quando, se virava para ver como eu estava. Sem apreensão.

Quando chegamos à planície, a vegetação era verde de novo. O sol dava a ela a impressão de estar aquecida, e o enorme prado cercado por todos os ventos se abria à nossa frente, ladeado pelo pequeno córrego de águas brancas que galopavam com força sobre as rochas escuras da encosta, mas que se suavizavam ao descer ao plaino. Umas vacas enormes e marrons pastando por lá me causavam ansiedade e um pouco de medo quando cruzavam nosso caminho. Pedro passava sem sequer olhar pra ela, elas o deixavam em paz, e isso me dava coragem. O ar era frio e puro, gostoso de se sentir nas narinas, embora não fizesse muito efeito em mim. Duas folhas vermelhas cheias de sangue. O vale se estendia muito além do alcance dos olhos, num cenário que nada lembrava o homem. Havia apenas nós ali, uma imagem a qual eu sonhei repetidas vezes. Passei meses olhando fotos de Huaraz na internet, lendo roteiros e

histórias de viajantes, das lagunas. Era tudo lindo e maravilhoso. Era tudo lindo. E eu só queria voltar pra casa, fechar meus olhos, dormir.

Andamos mais um pouco, devia faltar ainda duas horas pro final da trilha, talvez mais, contando a nossa lentidão. Pedro mastigava folhas de coca que tirava do bolso da camisa, e as cuspiu rapidamente. Eu sentia o meu estômago dobrar e remexer só de lembrar daquele gosto verde e pastoso na boca. Pensei que fosse vomitar quando ele me ofereceu e jurei nunca mais mastigar aquele troço de novo. Deveria ter sido isso que aconteceu, mastiguei demais por tempo demais. Que merda, Catarina.

Pedi água. Pedro me passou o cantil.

— Não beba muito. Você pode passar mal.

Tomei três goles, então senti o cantil leve, menos da metade. Estendi a mão, devolvendo-o. Em vez de pegá-lo de volta, ele deu um passo largo, arrastando lentamente o seu corpo pelo meu braço e me envolveu.

Tudo ficou escuro e silencioso dentro. Eu senti paz e percebi que podia respirar no escuro. Ele era ao mesmo tempo frio e morno.

— Vamos sentar ali um pouquinho. — Fez um gesto com a cabeça, apontando uma árvore magra de tronco laranja e galhos retorcidos, sozinha naquele monte de verde.

— Não. Vamos nos atrasar. Temos que pegar a van.

— Só um pouco.

Tive medo de perdemos o transporte, mas eu tinha acabado de experimentar um descanso tão confortável e quis prolongar aquela sensação. Enquanto caminhávamos rumo à árvore, nuvens passaram pela frente do sol e uma chuva de luz leitosa desceu sobre nós, molhando os nossos braços.

Sentei-me ao tronco, escutando a voz do vento e som da minha respiração. Duas folhas vermelhas. Debaixo da grama, solo era macio e úmido, vivo. Perto de nós, era o charco e, logo depois, o córrego, brilhante. Era frio à sombra, mas eu sabia que o sol reapareceria amarelo. Pedro deixou as mochilas e os óculos ao meu lado, pegou os dois cantis de água e foi ao rio. Eu o observei no instante e vi que ele andava com a cabeça um pouco inclinada ao chão. Ele não parecia estar cansado, embora eu soubesse que seus ombros deveriam estar doendo, parecia

mais estar pensativo. Se estava cansado ou não, ele tinha um fôlego incrível. Quanto ar cabe no peito de um homem? Se ajoelhou ao córrego e mergulhou o rosto na água corrente, depois molhou o pescoço com a concha das mãos. Eu fechei os olhos, depois os abri com a cabeça voltada para a montanha que havíamos acabado de descer. Me senti pequena diante de toda aquela imensidão cinza e embranquecida, e fechei os olhos de novo.

As rugosidades do meu cérebro pareceram assoladas por um redemoinho de pólen. Os meus braços e pernas tornaram-se pesados ou dormentes, afundando no chão. Senti uma formiga rastejando no meu braço, era a brisa. E enquanto eu permanecesse de olhos fechados, podia controlar as dores na minha barriga e perceber aquele nevoeiro amarelo dentro de mim, como se tudo estivesse suspenso, imóvel como as pedras no interior do rio. Eu assistia às borboletas negras que se embriagavam na salinidade transparente das margens, à grama comida pelas vacas, um besouro de manchas laranjas percorrendo as cascas secas das árvores. Via Pedro derramando a água gelada e diáfana sobre o corpo pálido. E nesse ponto, eu era incapaz de pensar, não ousava trair a eternidade das coisas, se tudo fosse memória e pensamento, seria mentira. Um pássaro cortou o espaço com um grito que pensei ser de alegria e imaginei se seria o condor. Pedro apareceu logo em seguida junto ao sol e à sombra. Ele prendera o cabelo na parte superior da cabeça. Os fios em espirais desordenadas, ora dourados ora castanhos, davam ao seu rosto fino e sério um aspecto de uma entidade antiga, como um guerreiro-xamã. Vinha de camisa desabotoada, mostrando o peito magro e musculoso, os braços cheios d'água. Pensei nuns versos de Charles que li há muito tempo, e que naquele momento liam a mim, como leem os versos que ficam inscritos em nós, tatuagens de alma. A natureza é um templo onde vivos pilares por vezes deixam escapar palavras confusas; o homem atravessa por florestas de símbolos que o observam com olhares familiares. E eu me lembrei de quando o vi em Huaytapallana. Ele também era parte da natureza.

— Baby, estou pensando em ir na frente.

— Pode ser melhor mesmo.

Ele se sentou ao meu lado, repousou o braço junto do meu, embaralhando nossos dedos das mãos. A tatuagem no antebraço dele, correspondente da minha, me fez pensar a história que eu lhe contei sobre o casal de velhinhos que morreu soterrado num hotel do Rio, amantes clandestinos. Se um dia encontrassem a mim e a ele, mortos, poderiam botar nossos corpos um ao lado do outro, ele à minha esquerda, e, como um livro, poderiam ler a nossa história. O seu

toque estava frio, mas os seus lábios estavam quentes quando ele me beijou as falanges dos dedos. Eu fiquei feliz em lembrar o quão nossas mãos eram parecidas.

Minha vó se abaixou, apalpou a galinha; pegou três ovos, deixou dois pra chocar. Atirou o milho no galinheiro, e as galinhas começaram a bicar o chão, sumindo com todo aquele amarelo. Elas faziam um som como o do riacho. Foi aí que eu descobri que as galinhas também eram feitas de água. O galinheiro se encheu de água muito brilhante e veloz, até os joelhos. Eu pulei em cima de um tijolinho laranja pra me salvar. “Óia, Cacá, Teu avô chamando, menina!” Escutei lá longe o chamado do vênho: “Ininha!...” A minha vida toda, eu sempre fiquei muito feliz quando ele me chamava assim. Sou a única neta com dois apelidos. Minha avó abriu a portinha do galinheiro e eu fui seguindo pelo caminho das pedras de lava, escapando da água agitada; ufa!

Na cozinha o cuscuz saiu quentinho da panela soltando fumaça por todos os lados. Vênho o colocou em cima de um prato laranja e o prato ficou todo branco, como se estivesse sendo congelado. “E a produção?”, vênho perguntou à minha vó. “Hoje foi cinco, deixei dois pra chocar.” “Bom, bom...” Meu pai trazia o resto da feira com o meu irmão pra cozinha, a manteiga derreteu, o cuscuz sugou o leite. “Coma antes que seque, vou fritar o ovo.” Minha vó pegou uma bacia vermelha do armário e uma sacola verde da feira, começou a debulhar o feijão. Ela cantava umas músicas que aprendeu na igreja, eu dizia, Vó, a senhora parece um anjo cantando!, e ela ria pra se acabar, “eita, Cacá! Ai, ai...” “Essa Ininha...”, vênho falava enquanto fritava o ovo. Ele botava bem pouquinho de sal, sal faz mal pro coração. E deixava a gema nem mole nem dura, bem laranjinha. Eu queria ir pra igreja pra cantar que nem a minha vó, mas me disseram lá que eu não posso ficar com ninguém antes de me casar. Mas e se eu não gostar do beijo do meu marido?, perguntei. E disseram que eu ia gostar. Mas isso não tem como saber. Achei errado e nesse dia abandonei o canto e a igreja. Vó, como é que eu faço pra cantar que nem a senhora sem ir pra igreja? “E que história é essa de não ir pra igreja?” Vai vó! “E eu sei lá, Cacá! É só cantar com o coração.” E como é que eu canto com o coração, vó? “Quando você amar muito.” Eu fiquei feliz com essa resposta. Quando eu amar muito, vou cantar que nem a minha vó.

Vênho derramou o ovo no meu prato com todo cuidado pra eu não me queimar. Deu uma batidinha com a colher na gema e ela começou a se espalhar pela clara amanteigada até as bordas crocantes. “Ininha, veja isso:” Eu fiquei toda animada, porque toda vez que ele falava Ininha, veja isso, era um sinal de que ele estava prestes a me recitar um poema ou a me ler uma de suas histórias. Também, toda vez que o vó começava a recitar pra mim, um sorrisinho fino e secreto, bem guardado nos seus lábios, ficava querendo fugir. E quando ele fala é como se as

palavras ficassem soltas, passeando no ar, até muito tempo depois dele haver parado de falar. Mais ou menos assim:

Eu não sei que coisa é uma casa.

Uma capa? Ou é um guarda-chuva, se chove?

Eu a enchi de garrafas, trapos, patos de madeira, cortinas, ventiladores...

Parece que não quero sair mais...

Então é uma prisão!

Que prende todos aqueles que por ela passam,

até uma passarinha como você, suja de neve.

*Mas as coisas que dissemos um ao outro,
são coisas tão leves que não ficam presas aqui.*

Meu avô tem uma voz doce, não fina nem grossa. E também não exatamente média... Era como se da boca dele fosse impossível sair palavras feias, duras. Como se a boca fosse incapaz de agredir.

Que lindo, Vôinho!

“Não é? Eu também acho.” Minha avó soltou uma bufada pelo nariz e, rindo estranho, balançou a cabeça.

“Gostou mesmo, Ininha?”

Sim... Ele é lindo! Foi o senhor quem escreveu?

Ele gargalhou, dizendo “Queria eu! É de um poeta maior. Eu só traduzi do italiano”. Ele sabe italiano! Me encantava ele saber tanto. Pra mim, ele sempre foi o homem mais bonito e gentil do mundo. O mais inteligente!

Como é que o vôinho consegue guardar tanto poema na cabeça? Eu não tenho nem espaço na minha pra isso!

Ele riu. Vôinho tem uma pele bem fina de café com leite, só com um pouquinho mais de café que a minha. E toda vez que eu fazia ele rir era como se eu derramasse suquinho de morangos na sua caneca. Só eu conseguia fazer ele rir assim.

“Do mesmo jeito que a sua avó decora as músicas, Ininha. Tudo o que sei, sei porque amo.”

Minha vó jogou ombros, eu percebi que nunca havia visto os dois se beijando. De repente, Evelyn entra na cozinha pulando as sacolas da feira, seguida do Henrique e do Floquinho. A voz da minha mãe gritou lá da sala, “Menina não corre por aí!” “Ué, mas aqui não é o corredor?!” “Aqui é a cozinha dona Evelyn, e você quase derrubou o feijão.” “Ah, mas não derrubei, vó! Vô Antônio, tem o que pra comer?” “Olhe no fogão, minha querida.” Vôinho tava preparando seus cigarros com uma mistura de tabaco com ervas que ele mesmo tinha inventado. Ele sempre enrolava seus cigarros depois do café com a maior concentração do mundo. Ninguém gostava que ele fumasse. Nem minha avó, nem minha mãe, nem a Evelyn, que chamava ele de fedorento. Não sei o que pensar do Henrique... Acho que meu pai também não gostava. Mas vôinho sempre dizia, “Hábito pior é aquele que a gente faz e desconhece. Tenho mais de sessenta e fumo se quiser”. Mas ele costumava fumar sozinho mesmo. Ou no escritório ou no finalzinho da tarde tomando café. Ele também nunca fumava debaixo de sol “cigarro não é feito pro calor; combina mais com a sombra e a chuva, porque ele é um ponto de equilíbrio”. Eu gosto do cheiro. Quando ele sai do escritório, gosto de entrar lá escondida e ficar entre a fumaça impregnando os livros, escapando pelas frestas da estante e das janelas, iluminando ainda mais o sol que atravessa os vidros e as brechas da madeira. Como se eu estivesse no Marrocos, um lugar bem encantado, cheio de som de palmeiras, mar e mercado.

“E eu vou ter que botar o meu prato é?”

“Óia, Ana, a Evelyn quer comer”, meu pai falou entrando na cozinha.

“Tô indo!”

“Pai, depois do café, leva a gente pra montar os cavalos!?”

“Levo sim, você e o seu irmão. Tá na hora de aprender já.”

Eu posso ir também, pai?

“Não, Catarina. Você é muito nova.”

“Ininha”, vôinho enrolou o último cigarro e os guardou com cuidado na cigarreira de prata no bolso da camisa. Era linda, bordada em flores e passarinhos delicados. Tinha uma inscriçãozinha, *De S. Para A. Todo Amor*. E por mais que eu não gostasse de pensar que vôinho pudesse um dia morrer, eu desejava que ele deixasse a cigarreira de herança pra mim. Seria a

minha primeira joia de família. “Eu vou ler o poema em italiano pra você hoje à tarde, tá certo? No nosso momentinho.” Eita, vênho! Meus olhos devem ter brilhado, porque o vênho sorriu daquele jeito de morango de novo. No final das tardes no sítio, ele preparava café pra gente, “Você é a única criança da família que gosta de café. Cada geração da família tem uma criança que gosta de tomar café. Eu também gostava”, e aí ele colhia umas amoras e me levava pra debaixo do pé de seriguela, onde eu sentava no meu banquinho, ele se encostava na árvore e me recitava seus poemas e me lia suas histórias encantadas, enquanto eu tomava café e comia as amoras. Eu dava amoras pra ele comer e ele ficava com a boca toda roxa. Eu ria, então ele ria e a gente ria junto. Ficávamos lá até o sol descer atrás dos eucaliptos no alto do bosque. Uma rede dourada e móvel de sombras, como uma revoada de pássaros, vinha um cheiro tão leve e doce. Vênho dizia que o vento mais frio é melhor pra trazer o cheiro das coisas. Calor demais queima tudo.

“E por que o Vô Antônio só chama a Catarina?”

“Deixe. Eu já não vou levar você e seu irmão pra montar a cavalo?”

“Ah tá! Deixa, mãe. Precisa mais não. Tô sem fome.”

“Ô minha filha, mas já botei no prato...”

“Geniosa ela, né, Ana?”

“É a minha vaqueira, Seu Antônio. A bicha é valente. Deixa, Ana. Eu vou levar eles. Quando voltar ela come. Esquento o leite aí, bota no cuscuz.”

Meu pai chamou o Henrique, Evelyn se inclinou sobre a mesa, me deu um beijo: “Tchau, mana”, e saíram os três. Também minha mãe, pra olhar o Ravi que começava a chorar na sala.

“Bem, eu vou lá.” Na segunda parte da manhã, logo depois do café, vênho costuma se trancar no escritório pra escrever e fica lá até a hora do almoço, quando sai pra almoçar com a gente. Ele gosta de ficar sozinho pra se concentrar “Você nunca me atrapalha, Ininha. Você só me ajuda desde o dia que você nasceu. Você é uma criança boa... É bem raro ter crianças boas... eu mesmo não fui uma... Eu acredito que a gente nasce mesmo é pros outros, pra viver em família. Mas a nossa história a gente escreve sozinho, e isso não tem como ser de outro jeito”, ele me disse uma vez, com uma voz bem distante e secreta, como se ainda não soubesse dividir a atenção entre mim e ele. Eu não desgostei. Fiquei curiosa. Eu pensava que enquanto eu estivesse sozinha, também estaria escrevendo a minha própria história. E eu queria que fosse

uma história bonita, cheia de fantasias como as histórias do vênho. Meu maior, talvez meu único medo era ficar velha e não ter vivido tudo o que eu podia e queria viver, que a vida passasse por mim e eu não passasse por ela.

“A gente joga um pouquinho de gamão depois do almoço.”

Tá certo, vênho!

Vênho e eu gostamos de jogar gamão depois do cochilo dele. O vô é muito bom e me ensinou a jogar nesse mesmo dia em que disse que eu não podia ficar vendo ele escrever. Mas eu tenho mais sorte com os dados, temos uma relação muito boa eu e os dados. Eles têm pontinhos vermelhos. Sempre tenho muita sorte com eles.

Depois que vênho foi pro escritório, fiquei ajudando a vó a debulhar o feijão. Ela gosta de debulhar feijão. Suas mãos se mexem como se ela tricotasse bem rápido. Peguei uma bacia no armário e botei o banquinho ao lado dela. O Floquinho tava encostado na geladeira e veio logo se deitar bem em cima dos meus pés, as patinhas cruzadas sob a cabeça. Às vezes, tateava o chão com as patinhas, arrastando a barriga e me lambia. Não sinto cócegas, gosto muito. Eu amo o Floquinho! Ele é da Evelyn, mas gosta mais de mim, porque eu que dou carinho a ele. Ele tem olhos ao mesmo tempo bobos e espertos. Ele gosta muito de mim.

As mãos da minha vó se misturam com a vagem. Os dedos verdes dela. A bacia vermelha, cheia; a minha, pequenininha. Derramou os meus feijões na bacia vermelha, “pronto”, se levantou com um “ui...” Quem visse, pensasse que ela gastava toda a energia dela nas mãos.

“Vamo rezar”, a vó chamou. Eu gosto de rezar... não tanto quanto ela... Ela reza bem mais que eu. gosto de rezar em silêncio, conversando com Deus na minha mente. Minha vó gosta de rezar sussurrando baixinho, sempre as mesmas rezas. nas minhas, eu sempre mudo alguma coisa.

A vó só vive rezando!

“Mas é claro, minha filha! E como é que a gente vai ser feliz sem rezar? Tem que rezar!”

Mas e o Floquinho?! Ele não reza e é feliz. Floquinho levantou a cabeça e sorriu achando que eu ia brincar com ele. Seus olhos bobos e felizes. Não é Floquinho?! Não é?!

“Eu tô falando dos humanos, Catarina. Dos humanos!”

Ôxe, e a gente nasceu com defeito, é? Rezar pra ser feliz?

“Bora, Cacá! Deixa de nove horas.”

Fomos pro quarto.

Enquanto eu rezava, voinha passava as contas do terço de madeira preta com seus dedos de vagem “tende misericórdia de nós e do mundo inteiro” Eu pensava no que tinha acabado de escutar “pela sua dolorosa paixão” Meu Deus, eu estou rezando “tende misericórdia de nós”, então por que eu estou triste? “e do mundo inteiro. Pela sua dolorosa paixão. Tende misericórdia de nós e do mundo inteiro” Ainda há pouco eu estava feliz... “pela sua dolorosa paixão” Por que agora eu estou triste? Eu tô rezando como a minha vó mandou... Tem alguma coisa errada comigo... “Pela sua dolorosa paixão.”

Não sou de chorar. Minhas vontades sobem e voltam, ficam presas aqui: minha garganta voltou a doer... Quis falar com o vôinho, mas ele estava trabalhando. Quis minha mãe, mas eu ia atrapalhar ela com o Ravi. O Henrique ia bem dizer que isso era besteira...

Vó, vou brincar lá fora.

“Vá minha filha, vá.” Ela ainda disse, “deus te leve” quando eu saí do quarto. Mas eu quero ficar sozinha...

Na hora do almoço, o Henrique e a Evelyn estavam bem felizes, passaram a manhã toda no pátio, mais ainda o Henrique que dizia que tinha conseguido domar o cavalo e dado uma lapada na bunda dele pra fazê-lo galopar bem rápido, bem rápido. Meu pai dizia a minha mãe que não tinha problema nenhum, que era o Castanho e que ele tava olhando tudo. Que a Evelyn tinha sido ainda pior, porque ela pegou o Alado, e esse sim é forte. Vôinho tinha me ensinado que os cavalos eram diferentes, porque tinham pais diferentes e que cada um tinha a sua raça com suas habilidades específicas. Meu pai chamava raça de qualidade. O Alado era crioulo, o Castanho um manga-larga. Nem a Evelyn nem o Henrique sabiam disso. Eu que contei pra eles.

“Eu ainda vou montar o Trovão.”

“Nada disso, Evelyn. O Trovão é muito bruto. Não é cavalo de mulher.”

“Mas eu vou sim”, ela voltou a dizer.

“Eu vou poder montar, né pai?”

“Só quando tiver idade, Rique. Aquele só eu sei dominar.”

Mas o vênho também sabia. E sem nem bater com a corda, só puxando fivela e com os sons da boca. Eu não quero ter que bater num cavalo pra fazer ele andar, não quero bater nem dominar ninguém. Quero montar como vênho. Sentado do meu lado ele ria bem mansinho levantando as sobancelhas ralinhas quando o meu pai falava. Só eu percebia e ria junto com ele. Era nosso segredo.

Minha mãe deu o Ravi à vó pra almoçar com a gente.

“Cansada, né, Ana?”

“Tô, pai. Chora demais ele. Muito inquieto.”

“Quer dizer que ele vai ser calminho.”

“É, né. Ele só não chora mais que a Cacá. O senhor lembra? E ela cresceu quietinha, não foi?”

“Nada! Ela é inteligente, pensa que só. Vai dar muito trabalho ainda.”

“E é, né?”

Vênho me deu um beijo na cabeça e disse “hoje eu não vou cochilar não. Quando terminar os pratos, a gente joga o nosso gamão”. Vênho não suporta uma cozinha suja. Quando perguntei por que ele gostava da cozinha arrumada, mas deixava o escritório todo bagunçado, ele me disse: “a casa tem que ter cheiro de vida”.

Tá certo, vênho!

Ele se levantou, pegou o prato e o da minha avó. “Mario, tu me ajuda a levar as panelas?”

Só ficou eu, a mamãe, a Evelyn e o Henrique. Henrique enrolou um pouco com a comida, comeu a carne e deu o resto do prato ao Floquinho, fazendo psiu pra mim. Foi levar o prato. A Evelyn tinha terminado há muito tempo, mas não saiu da mesa. Sua mão fechada, lacrada, deserta. Molhada de

“Que foi Evelyn?”

“Nada, mãe.”

Ficamos as três em silêncio, entre os bocejos e suspiros de mamãe. Alguma coisa no centro da sala. Estava um pouco quente. Comecei a suar.

Eu como bem devagar, porque gosto de mastigar bem. Minha mãe terminou, pegou o prato e foi pra cozinha. A Evelyn saiu logo em seguida.

Quando terminei, peguei o meu prato e o da Evelyn, e fui pra cozinha encontrar o vô. Pensei em ajudar ele a lavar os pratos pra terminar mais rápido. Mas só vi a minha avó na pia.

Vó, cadê o vôinho?

“Foi ali conversar com a sua mãe.”

Subi num banquinho, ajudei minha vó a lavar os pratos. Quando terminei, nada do vôinho. A porta do escritório fechada por muito tempo até mamãe sair. Me chamou pra ficar com ela e o Ravi. Não mãe. Eu tô esperando o vôinho pra gente jogar. “Meu amor, ele não vai poder agora. Tá trabalhando.”

Não, ele disse que ia.

“Ô Cacá. Venha, menina.”

Eu fui, de novo com a garganta doendo. Ravi me pareceu muito feio, e eu me abusei da sua cara feia, do seu choro egoísta, da minha mãe. Fui até a varanda, o pai tava na rede. A Evelyn e o Henrique brincando na piscina. Um vento quente soprou bem no meu rosto, balançou meu cabelo, entrou no meu olho esquerdo. Lá do bosque, as árvores acenaram distantes. “Cacá, vem pra cá!”, “Eu fico um pouquinho com você no raso”, o Henrique.

Corri pro banheiro, tranquei a porta. Lá estava mais frio e havia pouca luz. Deixe de besteira Catarina, uma vez só, não precisa!, vai passar menina, não precisa. Por que você tá assim? Bote a mão aqui, não dói... Vai passar, meu amor...

Quando saí do banheiro, vi o vô passando pelo corredor que dava na cozinha, meu corpo ficou gelado... Eu fui até ele... O relógio apontava pra quatro horas e outras listras.

Vô...

“Oi, minha filha...”

Pode fazer café pra mim?

“Ô, Cacá...” ele disse, “posso sim.”

A gente foi pra cozinha, ele botou a água pra ferver e pegou o coador no armário. Botou uma xícara e meia de chá e a minha caneca embaixo do paninho marrom. O senhor não vai tomar também não? “Vou não, minha querida. Tô sem vontade.” Vô... Ele me olhou gelado também.

Eu sei que é cedo... Mas o senhor podia ler o poema em italiano pra mim?

O bule começou a chiar.

Vôinho desligou o fogão, derramou a água quente no coador. O café começou a gotejar na caneca, quase preguiçoso.

“Cacá... eu andei refletindo... e acho que errei um pouco com a gente... Você não fez nada... O erro...” Ele parou.

“É errado preferir um neto ao outro. Acho melhor a gente dar um tempinho... Podemos ler de novo...” Depois daí, eu não consegui ouvir mais. Tive medo de olhar pra dentro de mim, tive sede de beber água. Tá, vô, eu falei. Tá bom... Minha garganta... à minha volta, todas as minhas flores arrancadas de uma só vez e jaziam rasgadas e pisoteadas. Eu saí da casa. Passei pelo pai, pelos meus irmãos, ninguém olhou pra mim. Andei e depois corri até passar do meu banquinho. Voltei, e me agarrei a ele. As folhas da serigueta balançavam e rebrilhavam o último sol como se dados de pontinhos vermelhos estivessem a cair e a quicar um por cima do outro sobre uma mesa amadeirada coberta por um pano verde gasto, cheio de furos. Formigas começaram a me beliscar... eu não era bem-vinda. Mas os eucaliptos, mesmo distantes, cheiravam doce. Adiante, uma imensa nuvem lilás se acercava detrás dos eucaliptos. Uma pena rósea e cinzenta de pássaro se abria acima de mim e à minha volta; os eucaliptos empurravam o céu que nem o mar empurra a areia. Empurravam onde o céu ainda era bem amarelo e moviam inquietos num som antigo, farfalhavam. De novo, a revoada de pássaros negros e dourados, só que agora gritavam como se um milhão de pássaros houvessem acabado de nascer em agonia. Me deixaram enjoada. O calor abafado se transformou num frio úmido, as sombras se adensaram rapidamente e eu me joguei ao meio das folhas. Desejei que chovesse: tudo ficou entalado nas nuvens.

Mas eu iria até a floresta.

Quando voltei pra casa todos começaram a gritar, um escarcéu de luzes de lampião, lanternas. Nada pode apartar da minha memória a luz daquelas lâmpadas atraentes, todas desordenadas, “ela tá aqui”, “achei”, “ela tá aqui”. Eu ouvi a voz do Henrique, da Evelyn, minha vó. “Onde você se meteu, Catarina? Todo mundo procurando você!” “Menina, no escuro, uma hora dessa!”, a voz que parecia de choro da minha mãe. Depois me prendeu entre os braços.

Você não queria me capturar? Já me capturou. Eu tô aqui. E continuei andando rumo ao banheiro.

“Pois agora você vai ficar sem jantar pra aprender!”

“Que é isso, Mário? De jeito nenhum!”

“Ah, Ana!, eu vou resolver.”

Eu deixei os gritos pra trás, as vozes. A casa estava negra e amarela, como os pássaros... Eu vi que o Ravi dormia no quarto. Fui até o berço cheio de penumbra. A barriguinha dele subindo e descendo bem rápido, todo quietinho. Pensei que a noite seria melhor pra mim, porque ela era mais silenciosa, porque a luz dela não dói, porque o Ravi não chorava.

Eu abri a grade do berço e dei um beijo na bochecha do meu irmão. Morna...

Eu vou cuidar de você pra sempre Ravi. Não vou te abandonar, vou te ensinar tudo o que eu sei e vou cuidar de você pra sempre.

Para sempre!

Sem poder falar, a gente vai dando mais atenção a nós, àquela voz na nossa cabeça, que não é outra a não ser a nossa própria e a nossa tradução daqueles que nos cercam. A gente quase nunca está em silêncio realmente... Precisamos de ajuda.

Tão frio... a cada passo que eu dou mais amarelo, a trilha tal serpente no vale. Vai se imprimindo como um filme na minha cabeça, e em sensação, a montanha. Sob as minhas botas o branco e o negro constantes. Mágica. Nunca tinha experimentado um frio que doesse nos ossos, a ideia física de algo que se quebrasse dentro deles. Mas talvez fosse justamente isso que eu precisasse. Quebra. Não planejei subia a montanha, realmente não planejei. Eu economizei muito comendo só o básico até enjoar de arroz, frango e refresco doce, para quando Pedro chegasse, para que quando a gente se encontrasse em Lima eu pudesse começar a segunda parte da minha viagem com ele. Uma viagem de dois. As meninas insistiram tanto.

Lavei o rosto com a água fria da torneira, a luz estava anuviada, cheia de sombras. Meu rosto fica bonito no frio, minhas mãos. E pensar que eu tinha adoecido uma semana antes, muita febre e limão. Fui a primeira a se levantar, e logo que saí do banheiro começou o bafafá, as meninas sonâmbulas tateando as paredes pra lá e pra cá “tu já tá aí, mulher?” Tomei um café bem forte, preparei três sanduíches, todo mundo dizia que eu comia demais e que a minha barriga não tinha fundo. Mas eu realmente deixei de ser tão magra e me sinto mais mulher. Minhas pernas estão mais grossas, eu mais gostosa. Contrariando os preconceitos o guia chegou pontualmente às quatro e trinta. 50 soles a mais pra buscar a gente em casa. Atrasamos 7 minutos. Eu tratei logo de ficar à janela. Eu olhando como uma mulher pela janela. E mais talvez como uma noiva, atada por um laço vermelho e invisível ao seu nome ainda numa terra quente e distante. Eu não quero nenhuma liberdade pequena.

“Minha gente esse carro chega?” as meninas brincaram ao entrar na van. Eu já estava ficando enfadada de fala, então eu ria mais introspectiva. Mas foi algo que eu percebi com a chegada de Pedro, nossos passeios pelas ruas e restaurantes do Parque Kennedy “Se eles chamam de A Praça dos Gatos, cadê os gatos? Por que tem mais gente que gatos? Não tô vendo nenhum gato” o quão era gostoso falar uma língua que ninguém além de nós entendia. Eles sabem espanhol, inglês e às vezes até francês. Mas o português aqui parece ser uma língua invisível, esquecida. Me sinto protegida sempre que converso com ele. E ele também partilhava o meu questionamento de por que um presidente americano; americano não, estadunidense no Peru? Mas, mais importante lhe era o mistério de onde teriam ido os gatos.

O motorista engatou a partida, eu comia o meu último sanduíche de ovo e dividia a minha atenção entre as brincadeiras das meninas e a minha playlist *El Viaje I'm so above you and it's plain to see, but I came to love you anyway* e *Long Nights*. Ninguém tinha dormido muito, mas todo mundo tava bem animada. “Minha gente, eu acho que nunca acordei tão cedo na minha vida”, disse Fernanda com a voz bêbada de sono, o que me lembrou que com exceção de mim ela era a mais velha do grupo. E só tinha 19 anos. O caminho era escuro por causa do nevoeiro, do céu guardado de nuvens, da estrada rochosa, da vegetação rasteira de verde quase cinza, igual a cor da minha calça favorita. Pareceu besta me sentir pertencente àquele lugar por causa da cor que eu sempre procuro vestir nas roupas. “Quando queremos muito uma coisa, tudo na gente tende a sentir e pensar para justificar aquela coisa, que é só um desejo, muitas vezes pode não ser real. Nos julgamos certos e lógicos no nosso pensar, mas essa lógica é constantemente contaminada pelas nossas emoções e medos, encaixamos a lógica no nosso desejo, nós a usamos para nos contar historinhas blá blá blá...” não foi o que Pedro disse com aquela pompa de filósofo de boteco? Agora o meu pensamento é constantemente azedado, e contaminado, pelo dele. Se soubesse quantas vezes me vêm as suas ideias, as suas frases, lições, quem ele pensa que é? não falaria que eu não penso na gente. Será que ele conseguiu alcançar o ônibus?

Eu só pensei em Rafael. No chacoalhar da van, em mim eu enxergava duas estradas. E a mais viva era triste, culpada e apontava pra aquela noite no apartamento dele em que ele me disse “Eu quero ter um filho”. E tal como eu houvesse atirado uma rede sobre ele, me vinha na memória a disposição organizada dos cremes de barba e cabelo na pia do banheiro, seu barbeador elétrico, as viagens que fazíamos todo final de ano pra algum lugar diferente do Brasil, a pousada em Florianópolis, a chuva que descia devagar enquanto eu acordava, ele já de pé mandando trazer o café. Seu jeito de em tudo buscar prazer, o fato de que ele nunca me deixou comer na sua cama. Os cinco anos passados com ele e os outros cinquenta que não vivi. Muito amor e nunca decorou meu número de telefone. Ainda tenho raiva daquele carnaval. Uma promessa à água, duas palavras vazias. Ao final das contas, quanto nos amamos?

“Listo, chicas, a partir de ahora nosotros vamos a caminar. Son solo dos horas de caminata. Non es difícil, pero mira la respiracion, ok? Vamos, vamos!”

O guia arrastou a porta, vestimos os casacos. Umas quinze pessoas começavam a andar, dentre elas europeus que fumavam cigarros de filtro branco. “E o carro não podia levar a gente até lá não é?” Pedro morria de desprezo ouvindo uma coisa dessa. Andou um dia inteiro sozinho

pra chegar a Machu Picchu. Não pegaria um trem por uma distância que pudesse andar, sentir o cheiro das árvores. Não deixaria de ver uma natureza que não conhecesse. Tudo o que fosse mais próximo chão... Rafael pegaria o trem.

Não sou cristã. De nada serve a culpa pra uma alma que quer seguir. E eu avançava Huaytapallana. Avançava o seu frio e sobre o granizo atirado ao chão, misturado à neve que deve ter caído na madrugada. Me encanta o negro da montanha com o branco da neve. Como um casamento de algo que é próprio do céu com outro nasce da terra. E não se escondiam as flores sob gelo. Eu avançava. E a cada passo eu me forçava pra deixar Rafael pra trás. Eu andava ladeada com o guia. Ele me perguntou de onde eu vinha e eu respondi que sim, de nenhum lugar especial, que não tinha planos, pois as flores eram azuis, pois eram vermelhas, pois brancas, pois não morriam por causa do frio. Ele me disse que no quéchua Huaytapallana significa colher as flores. Eu soube pela sua voz que ele não era ordinário. Mas mesmo assim um homem, e não me preocupei em saber o nome dele. As flores eram azuis.

Já do meio pro fim minhas pernas pinicavam, eu respirava calma e funda, pra que meu peito não queimasse tanto. Por que as coisas mais bonitas são mais difíceis e onde há simplicidade há um esforço ridiculamente fácil e exigente? A montanha se descobria ainda tão distante e parecia que fazíamos pouco progresso até ela, que eu fiquei surpresa quando uma hora depois já estávamos sobre ela, e o pequeno lago era tão vivo e sombriamente verde e acinzentado, que nem um olho coberto de lua. Eu queria aquelas linhas sinuosidades pesadamente vivas e brancas, frias, guardadas na minha cabeça. Não ter que pensar mais nelas.

As meninas vinham bem atrás, Fernanda na frente delas, rindo com os olhos vermelhos. Resolvi parar pra respirar enquanto esperava por elas. Apoiei minhas mãos sobre os joelhos, e o que vi foi um quadro perfeito, que as botas não estragavam, mas eram parte. Eu. Uma ilha vista de cima com histórias infinitas pra cada rugosidade e aspereza da tela. Involuntariamente me deixei imprimir nessas histórias, como se uma formiguinha andando por ali sobre o calcário em busca de comida e de repente deparasse uma gigante cujo rosto eu podia ver igual ao meu. Aí busquei sem sucesso por uma formiga que realmente estivesse a vagar por lá, talvez contar-lhe que por lá eu andava também. O solo se apresentava perto e fundo. E nesse instante a neve começou a cair. Ri de tanta felicidade que só como alguém que, pela primeira vez, sente a neve tocar em si. Fernanda se aproximou de mim e nos abraçamos com tanto amor, “olha que coisa linda, véi, olha que coisa linda!”, ela falava. E desse momento ficou registrado que eu me estendia os braços pro céu, enquanto sorria de olhos fechados e recebia esse carinho gelado que

tocava tão levemente o meu rosto. Esse registro seria acompanhado de mais dois: nós nos abraçando no meio do nevado e uma foto de nossas mãos, cada uma segurando uma pedra que levaríamos como recordação. A minha pedra não era minha, eu a deixei secretamente no chão da montanha, achei que ela combinaria mais com a neve do que com a minha mochila, seguida da estante do meu quarto, seguida de alguma gaveta.

A laguna bem que podia ser mais fácil que o nevado. Minha cabeça roda, queima de sol. Dói a órbita do meu olho esquerdo, me faz querer arrancá-lo. A outra estrada. O tempo e a memória preservam os gestos banais. Favorecem-nos com sua compaixão. A boca de Pedro beijou as falanges frias dos meus dedos, nossas mãos... e lembro de quando foi comigo ao banco e observou que todos os gerentes tinham as unhas muito bem cortadas, retinhas, e quase todos eram casados e isso o fez pensar se eles realmente amavam as suas esposas e maridos. Eu devia ter repetido que achava as suas mãos bonitas e gostava que eram parecidas com as minhas, como uma assinatura definitiva: o meu corpo tem a medida do seu. Que eu gosto do seu toque gentil. Gosto quando andamos juntos e, sem notar, minha mão inconscientemente procura a sua, como se ela fosse minha e me fizesse parte e tudo isso é natural. Quero dizer isso assim que vê-lo, assim que estivermos juntos no hostel. Eu poria a mão sobre o seu peito, e o meu rosto, para lhe falar pressionando meus seios entre as suas costelas. Eu estou viva aqui. Eu estou em paz, eu sou igual a mim mesma. Nós vivemos.

Andar não é andar sempre. Cada passo me deixa mais perto do ônibus, um som que não toca de novo. Não existem mil verbos que abarquem todas as ações de uma pessoa. E ainda um único andar compreende tanto. Dou um passo e Rafael. Dou outro e minha irmã brinca de rainha. Sou intrigas com minha mãe. Agora a frase do meu avô, o banquinho de madeira que ele fez pra mim quando eu era 7 anos para que eu assistisse o pôr do sol sob a árvore ao lado da horta, suas mãos morenas entalhando a madeira clara do imbuzeiro, as farpas que antes eram semente, que antes era fruta, que hoje se apegam às mãos calejadas do meu avô com a força de um amor que recusa separação, uma folha que se prende a um galho de árvore, a agulha da minha avó, que as retira calmamente. Ela põe os óculos, dou outro passo.

A menina jamais arrisca dizer que não vai conseguir. Como uma reza, ela tenta afastar da alma o pensamento que tão facilmente pode germinar uma realidade indesejada. Angustiada, ela sente os pés como uma estufa, machucados de caminhar sobre as pedras.

Ela anda resistindo à vontade de descansar as pernas e a cabeça sob a sombra das árvores, sabe que uma vez que pare talvez elas não lhe obedeçam. Eu tenho que continuar seguindo, só isso. Os pássaros não se afligem, não cessam canto e voo. O vento é como um mar da terra, as pálpebras caem pesadas e docemente sobre os olhos, eles demoram a recuperar a luz, amarela. E ela viu-se quebrando ao meio uma folha de pitangueira, viu-se aspirando o cheiro molhado e azedo das frutas, um resto de doce deixado na argola preta. Ele gosta tanto do meu piercing... Ele, com raro carinho, a chamava de Pitanga.

As pitangas do nordeste são mais belas que as folhas de coca.

Na cidade os troncos das árvores têm manchas como escaras brancas ou de um tom esverdeado pálido. Mas aqui não. Têm manchas alaranjadas ou com um vermelho muito vivo e brilhante, como o que há dentro dela, saudável e cheio de cor, forte. Isso a fez se perguntar por que as cidades não poderiam, como os cristais, se adaptar e adquirir a natureza das coisas que as envolvem. As cidades também não são feitas de carbono? Ela volta a sentir uma leve dor na cabeça, bebe água. Mas o céu a ajuda, pois a densidade das nuvens é móvel e filtra a luz como um lençol fino num varam cheio de vento delicado, constante como o canto e voo dos pássaros.

Eu queria saber dar nome aos pássaros.

Mas os pássaros não têm nome. Eles são o que são.

Eu que tento ser o que não sou.

Falho. As árvores são como as cobras, elas descascam e trocam de pele (Pitanga). Eu também sou como as cobras.

O esforço é recompensado com alívio. Uma pequena forma humana ainda indistinta vem se aproximando ao longe. Envolve-me. Que só pode ser a do namorado (Envolve-me). E ela percebe que ele, e somente ele, é comum a ela, quase como se ele a pertencesse e fosse uma extensão sua com outros braços, outras pernas outros olhos, boca e cabeça. Entre as árvores e os pássaros, ela era uma estranha: não eram dela. Mas ele, tal uma casa registrada em cartório, a pertencia.

Baby, o ônibus não esperou a gente. Não tem mais ninguém lá. — A menina viu o rosto do namorado se transformar de um guerreiro antigo para o de uma criança culpada de olhos encarcerados — no bar tava fechado, eu fui — e ela sentiu-se ainda mais sozinha que quando entre pássaros — uns peruanos de bicicleta

E você não pediu ajuda deles não? Uma casa, transporte, sei lá. A gente paga.

Eu pedi. Eles não me responderam... Acho impossível não terem me entendido.

O espanhol dele é ainda melhor que o meu, ele não falou com eles direito. Ele não sabe falar direito com as pessoas. Ele não sabe pedir... — Uma nova sensação de ansiedade vai se impregnando em seu peito, conforme ela cai para dentro de si. Batidas pesadas e sonoras lhe machucam o peito, apertam sua garganta, abafam suas orelhas: era o seu coração com medo e sozinho.

Ele toma a mão da menina. — Não se preocupe... — E em seu olhar triste e culpado havia uma imensa lealdade, uma devoção submissa e amor.

Mas o que eu estou pensando? Vai dar tudo certo. A gente volta amanhã com alguma excursão. Certo, ela diz, vamos passar um pouco de frio, mas nada que a gente não possa aguentar. Então ela percebe que nas árvores a luz do sol já não é refletida como um espelho pela opacidade do verde das folhas, mas a atravessava como se as folhas fossem transparentes e se amalgamassem com aquele dourado morno. Num instante, fará muito frio. — Filhos da puta, filhos da puta! Como podem ter deixado a gente? Como os outros não ajudaram? — Ela pensa na sua regata, sua calça leggings, na bermuda de Pedro, na camisa de botões. A gente não tá preparado pra passar frio, e por um momento ela inveja os europeus que não param de fumar. Uma série de vômitos amarelos humilham o seu orgulho, e Pedro, como se antevisse, desvia imediatamente os pés do vômito, para que não lhe respingasse, segurando-lhe levemente pelas costelas para que amortecesse a queda. Isso a deixou, acima de tudo, ofendida.

Em meio a este fedor azedo e estragado ela sente que uma pressão se desafoga em sua cabeça, e parece que ela poderia pensar com maior clareza depois dali. Duas gotas de suor lhe escorrem o rosto, e ela quase tem prazer nesse deslizar sutil. Limpa a boca com cuspes e as costas da mão, nota um ardor acre no nariz. Com uma das mãos tampa a narina e expelle o resto de vômito amarelo e catarrento. Fecha os olhos como se esperasse um choro e, com as quatro patas no chão, pensa que se for tocada vai desmoronar.

Pedro lhe toca as costas (saia!) e quase imediatamente ela lembra do quarto em Lima. O choro veio fino. Depois, só o desejo de elaborar uma solução. — Vai ficar tudo bem, Baby. Foi bom você ter vomitado.

A mulher está cansada.

Mantendo os olhos fechados, ela sente a terra com os dedos fazendo movimentos de vaivém, percebe as gramíneas, raízes, imagina que deve haver muita água debaixo da terra, rios secretos que pudessem transportar seu corpo para longe dali.

Eu vi uma casinha no caminho pra cá, a gente pode ficar nela, eu vou

Eu vi você lá.

Lá onde?

Nada. Vamos.

Ela estende a mão por ajuda, se levanta nesse apoio. O sol já não machucava tanto. E até os pássaros começavam a recolher suas asas.

A casinha, uma cobertura feita de pedras de pouco mais de três metros quadrados e com duas aberturas pra circulação de ar, encontrava-se perto do início da trilha. Dela ainda dava pra ver muito de perto o riacho calmo. O sol já descia quando eles deitaram as mochilas, a menina sentiu um monte de alívio ao ver que o chão era coberto por palha seca. Decidiu que iria lavar a boca e os braços no riacho, não aceitaria que ele lhe trouxesse a água. Pois queria ver a água correndo. O céu adquirira uma cor estranha, ela via na água calma e móvel, tão diferente do tom róseo e azulado que ela atribuíra aos dois, mas de um laranja pálido como um fogo cobre. Mas que incandescia na água e nas peles. O correr da água, o farfalhar das árvores, o frio que já havia entrado no corpo, tudo isso lhe parecia, embora calmo e belo, tão indiferente a ela, os sons existiam e nada falavam. Não respondiam ao seu choro. O silêncio no vazio entre os olhos era mais alto que o barulho da água.

Voltando à casinha, ela viu que as árvores já começavam a formar aquela massa preta e praticamente indistinta, como se quisessem conter a luz. Mas por entre as brechas dos galhos e das folhas, aquele mesmo fogo pálido, quase como se tivessem lhe derramado a prata, resistia

e brilhava como um nascimento. Dali, me pareceu que as árvores eram o universo, a luz nas brechas dos galhos e das folhas, estrelas milhares, galáxias. São como as nossas constelações.

Quando atravessou a entrada, ela não ousou tirar as botas. Ambos já tremiam. Sentou-se num canto da parede. O toque da pedra adormeceu sua pele e ela pendeu para o lado como a receber o sono, a nuvem de pólen, o frio no interior dos ossos.

A gente vai precisar de fogo pra passar a noite.

E ele respondeu: Ou vamos deixar a noite passar por nós.

Se existisse alguém com o senso de humor mais idiota, ela teria muito desprazer em conhecê-lo.

Pedro, aqui neva de noite. Você não sabe, a gente pode morrer de hipotermia, eu tô me tremendo. Por favor, faça alguma coisa.

Calma, Baby, eu sei do frio. A gente não vai morrer, vamos dar um jeito.

Que jeito, Pedro? Eu não quero passar frio, eu não quero passar frio. Tá doendo tanto...

Ele chegou ao lado dela e lhe esfregou os braços, mesmo sabendo que isso não tinha nenhum efeito prático e que o melhor era que lhe esfregasse o peito.

Eu tô sem o meu isqueiro, Baby. Não acho que consigo fazer fogo, eu já tentei várias vezes em casa, é bem difícil.

Ela imaginou o jovem Pedro no quintal de sua casa jogando tardes fora, tentando fazer uma fogueira apenas com palha e madeira seca, sem nenhuma razão ou utilidade.

Então me arrume uma madeira, essa palha, eu vou tentar, ela disse tentando se lembrar de algum tom morto de madeira no lindo caminho verde que trilharam pela manhã.

Meu amor, tente descansar... A sua testa tá tão quente... Tome a minha camisa — ele a cobriu.

Não! Você vai ficar com frio, tire, tire, ela falou fazendo um esforço para devolvê-la. Mas os seus braços estavam dormentes.

Eu tenho outra na bolsa, vou vestir. Descanse, por favor...

Frio... muito frio... ela disse, vendo a última luz laranja escurecida e mergulhou naquele tipo de sono em que prazer e dor ficam do lado de fora. Só havia um misto de memória e sonho gelado.

Já que a vida da mulher não é senão uma ação ora à distância, ora sem ordem. Aquelas árvores eram apenas móveis que se agitam, cadeiras e mesas em movimento perpétuo, laranja. Ela assistiu de cima o nevado, o vento lhe abria licença em sua barriga, admirou aquela estrutura cinza, já que era um casamento. E que do alto parecia uma floresta de árvores de pedra e gelo esculpidas. Ela aceitou, já que não era assim que lembrava. Já que ela não é mais que um pequeno pássaro, assim como deus não é nada mais que deus, Rafael... Ela soou o nome, já que o sonho foi alterado por vírgula, Pedro me ilumina com um fósforo. Mas por que você não fez o fogo? Desapareceram os filhos e as coisas leves de praia, como brigas, já que ela viu o rosto do outro. A mulher se entrega porque sim. Uma árvore que pede aos gritos que a cubram de folhas. Quero que a minha alma encontre o seu corpo. Ele é igual

Você acordou.

Ela olhou em volta à escuridão, aliviada na cabeça. Uma janela branca havia se formado no chão a um metro dela.

Não consegui fazer a fogueira.

Tá frio...

Eu sei.

Ela percebeu que estava amontoadas pelas mochilas, tinham sido feitas de cobertor — vem cá, fica perto de mim.

Ele veio com passo lento. Sentou-se.

O que foi?

O que você quis dizer com ele é igual a mim?

Eu falei isso?

Entre outras coisas.

Eu sonhei com você, ela disse puxando-o pra si, Baby me aqueça! Você tá sem camisa?

Você disse que tinha que se perdoar, uma mulher ia tomar o seu lugar.

Menino, bote essa camisa. Você não disse que tinha outra?

Eu não trouxe.

Meu deus, que raiva. Bote, vá. Esqueça esse sonho. Me abrace! — Ela lhe ajudou a vestir a camisa, abotoar os botões no escuro.

Eu tenho vontade de destruir esse lugar sabia?

Essa casa?

O Vale inteiro. Pra que ninguém passe isso que você passou e ninguém possa lucrar com a gente.

Ouvir isso a deixou, acima de tudo, magoada. Ela sabia, ele pensava em gasolina.

Deixe disso, Baby.

Ele a puxou pra uma pequena cavidade, uma vala estranha de mais ou menos um palmo de profundidade e a deitou nesse berço apertado. As paredes da terra eram frias. Pedro se deitou sobre ela, tapando o ar gelado. Mesmo tremendo de frio, a mulher não concordou.

Não, fique do meu lado. A gente se aquece.

Só cabe você nele, Baby. É pequenininho. Bote os braços em mim, você me esquentar.

Não, eu quero dividir.

Meu amor, você passou mal, suou frio. Me escute, por favor. Eu vou botar as mochilas em cima de mim.


Em silêncio, e aos poucos ela afrouxou os braços e o peito. Procurou a pele dele sob a camisa, ele tremeu com o toque protestando de frio. Ela desconfiou que ele também havia contido um gemido. Enterraram as mochilas sobre si e depois do que lhe pareceu meia hora, ela poderia jurar que ele, mesmo tremendo dormiria primeiro. O seu pescoço longo e fino, a sua face delicada davam-lhe um aspecto tão inocente, que lhe impulsionou a querer cuidar ainda mais dele. Lembrou-se, por coincidência, e isto lhe pareceu curioso, de um pequeno verso do Pessoa: Quem tem as flores não precisa de Deus. E neste momento, em um reflexo, o namorado lhe abraçou. Ela pensou que aquele menino, como as flores, lhe bastava. Também aquela janela branca, ali desenhada no chão, lhe bastava, e viu que nesse desenho uma nuvem de besouros

caia dócil e lentamente como uma pauta de música. Ela notou um cheiro úmido e vivo. Mas não havia barulho de chuva.

Acordaram quando ainda era frio.

Uma camada densa de neblina invadia a casa. Também uma luz débil tímida e uniforme, como água em num dia de nuvem. E o que se pode dizer do orvalho congelado nas folhas.

Com as gargantas inchadas, discutiram a vozes roucas sobre quem teria dormido primeiro, quando ambos, ainda tremendo, afirmavam não terem dormido de jeito nenhum. Beijaram-se pensando ao mesmo tempo que nem ele nem ela tinham aquele gosto ruim no hálito, presente em todos os parceiros anteriores. Seria porque ela ainda estava apaixonada? A constatação dele igual à dela. Logo arrumaram as mochilas, foram ao riacho pisando em escassa neve sobre a grama. Hoje ele parecia um pouco mais magro, mais abatido, mais faminto. Lavaram as mãos e os rostos, a água gelada adormeceu as dores, e só então ela viu que as mãos dele estavam manchadas de terra, as unhas impregnadas de terra, e, misturadas à terra, rasuras vermelhas nos dedos. Beberam água, dilatação nas gargantas, encheram os cantis.

Ao retornarem à trilha e passarem pela pequena casa, o céu coberto de nuvens se abriu de repente e, por detrás das nuvens afastadas, descortinou-se um azul calmo e afetuoso como um olhar bondoso. O raio de sol frio e infantil não pareceu tocar a neve ou a grama, mas pareceu dissipar parte da neblina. Catarina pede a Polaroid de Pedro, vai até a casinha, e olha aquele espaço pela última vez, tenta memorizá-lo, a sensação daquele frio, a cor da terra, os restos de palha espalhados no chão, haviam mesmo dormido ali. Ela ajusta a luminosidade da câmera para  e tira uma foto da cova que tinha a medida semelhante à do seu corpo. Ao sair, e mais distante, reajusta a configuração da câmera e tira uma foto da casa envolta de fraca luz e nuvens delicadas.

Parece um cenário de sonho, não é?, ela mostra a foto ao namorado.

Ou de um filme, ele diz. E seguem andando.

Foi você que cavou aquele buraco?

Foi.

Arequipa. Janeiro, 2019.

Patrícia está insuportável. Só quer saber de ficar andando por aí de um lado pro outro tirando foto aqui e ali comendo isso e aquilo. A impressão que Eu tenho é que ela está viajando sozinha e eu, por acaso, estou acompanhando e ela aproveita essa companhia pra tirar as fotos dela, sozinha, como se assim estivesse. E por quê? será que ela não enxerga que eu só quero ficar perto dela que eu quero a gente junto e quanto mais ela sai, quanto mais vai tirar suas fotos, mais ela perde os momentos que poderiam ser nossos e não são por causa da porra de um insta. Ela dirá que não é por isso, que posta porque gosta — e se ela gosta está tudo justificado, tudo ótimo —, gosta de registrar, o registro! o registro é importante, não tem nada a ver com querer aparecer. Mas que importância tem esse registro pra custar esses momentos que poderíamos compartilhar juntos? e quanto a nos registrar? Cadê os nossos registros? não somos importantes também? A única cidade que eu gostei nesse país e não tem um momento sequer que ela dissesse “vamos tirar uma foto juntos” ou “vem aqui comigo” ou “vem cá agora”, não. Nada. É sempre “tira uma foto minha aqui”, “vamos ver se tem algo bom aqui”, “você não está tirando a foto direito, vou pedir a outra pessoa”, pois pode pedir ao inferno! Deus, eu não vou falar nada. Vou só esperar.

Realmente é diferente essa cidade. As pessoas são mais simpáticas, realmente olham pra você, conversam. E falo dos peruanos rs. Deve ter sido ontem, fizemos um walking tour e a guia disse que em geral os arequipeños não gostam muito de ser chamados de peruanos, preferem o termo arequipeño ou arequipeña como se tivessem uma identidade cultural diversa da nacional, têm posições políticas diferentes e, pelo que vi, um senso de independência em relação ao resto do país. Faz sentido. É de longe a cidade mais europeia que já vi, lembra muito a Espanha e algumas ruas de Portugal. Até agora não vi nenhum prédio com mais de 4 andares. É uma cidade muito gostosa! “Já vi que você só gosta dessas coisinhas mais europeias”, ela disse. coisinhas. É, se por coisinhas ela quer dizer pessoas com um mínimo de educação e civilidade, sim, eu gosto dessas coisinhas.

Patrícia disse que a cidade é branca porque está situada na região que os espanhóis mais acharam parecida com a Espanha por causa do clima e da vegetação. Os colonizadores resolveram fazer de Arequipa o centro administrativo do governo espanhol, e, pra distinguir a

cidade do resto da colônia, adicionaram cal à argamassa e aos tijolos para que as casas ficassem todas brancas, divergindo dos tons escuros das construções incas. Parece que independente da época o ser humano nunca perde uma oportunidade para se diferenciar dos outros. Se destacar sozinho no meio da massa. pro tempo todo dizer que é mais branco, mais limpo, mais civilizado, com deuses melhores, com uma filosofia melhor, de história. Isso cansa. Estou no telhado agora, sentando embaixo dos varais. É calmo aqui e gosto de ver as estrelas, mas faz um frio do caralho, nunca tinha escrito de luva e é uma merda. Tomara que ela não demore muito.

É uma cidade muito bonita, calada e bonita. Não dá pra ver muito dela daqui, só as luzes das casas. há vida neste lugar!

Mesmo assim estou triste.

Queria ela olhasse de uma vez pra mim de uma vez, de uma vez e entendesse. Não é tão difícil assim. Só querer tomar um café no frio na cama e assistir um filme abraçado não é pedir demais.

A dona do hostel é uma mulher já passando da casa dos 50 e atrapalhada, mas bastante gentil. Arrumou um quarto de casal pra gente, mesmo com um pequeno problema na nossa reserva. Vamos ter que mudar pras camas individuais amanhã, mas ela realmente fez o que pôde. contou que foi casada com um irlandês, que já havia falecido, e que os filhos moravam um na Espanha e o outro na Austrália. Mas ela falou do marido tão assim sem sentimento, sem saudade. Como se ele fosse um ventinho que passasse por ela e fosse embora. Como pode? falar assim tão sem importância de alguém com quem teve dois filhos? — E talvez mesmo nesse “irlandês” ela usou uma intensidade diferente, será que ela também queria se destacar? “Mi esposo era irlandês” — Patrícia também consegue ser super simpática e amigável com seus amigos e às vezes até com desconhecidos, mas comigo em alguns momentos ela já foi um monstro de pedra. Haverá tantas mulheres assim? rostos sem corações.

Não. é claro eu estou exagerando. preciso me acalmar, calma. Logo, logo ela volta e a gente vai poder conversar de novo. Vai ficar tudo bem, eu tenho certeza. Ela vai me amar. Ela sente a minha falta.

*Estrada para Pisco.
05 de janeiro de 2019.*

A estrada divide dois desertos: um de areia, outro de sal e água. O Sol é o único signo que permanece perene, seguido da neblina e do vento. As pessoas são iguais.

Pedro guardava o caderno sempre na bolsinha transversal bordada com desenho de lhamas, que eu havia escolhido pra ele no mercado de Huaraz — prêmio do meu talento para negócios. Depois de chorar muito por uma bolsa maior que eu tinha achado feia, terminamos pagando apenas 20 soles por uma bolsa que custava 30. E eu gostava de vê-lo usando o meu prêmio. Combinava com suas camisas de tons neutro e azul. Ele se satisfazia em ter apenas essa bolsa como lembrança do Peru, talvez por ter sido eu a escolher pra ele. Bem, isso e a estatueta inca que, por vingança, ele fez questão de roubar do hotel depois que eu o impedi de entrar numa discussão entre o administrador e as minhas amigas. Acho que ele gostou tanto da bolsa, porque assim ele podia manter o caderno sempre com ele.

O caderno e as fotografias eram o que ele guardava de mais precioso, mais do que o dinheiro e os documentos. O talento dele era manter-se desapagado daquilo que a maioria tem medo de perder e, ao mesmo tempo, ser extremamente cuidadoso com objetos simples, que ninguém além dele daria valor. A memória é redundante. Repete os símbolos para que continuemos a existir. Era a legenda com que ele postara a foto, dias antes de me encontrar, seus olhos fechados, a cabeça baixa, os cachos descendo o rosto, pele em que as únicas coisas de cor eram barba, lábios e as maçãs muito vermelhas de sol. Ele queria preservar os nossos símbolos, escrevia para nunca esquecê-los. Fotografava para não deixar de nos ver.

Montamos o caderno juntos. Eu o ensinei a costura, ponto a ponto, até finalizar o primeiro agrupamento de folhas. Ele cuidou do resto, enquanto eu dividia e juntava os papéis. Pedro comprou umas folhas amareladas com uma gramatura mais grossa e as intercalava com uma folha negra a cada três agrupamentos de folha, para os seus desenhos em negativo com giz pastel. Deixamos o quarto dele bem bagunçado, mas o caderno ficou lindo. A capa, eu mesma mandei imprimir na gráfica: um mapa da América Latina e uma flor vermelha. O caderno e a câmera, ele os levava sempre consigo. E, embora não gostasse muito de fotos, ele tirara umas lindas durante as suas duas semanas sozinho. Uma curva no trilho do trem que se esconde atrás de uma montanha, segue com o rio; dois peruanos que ele tão calorosamente aperta a mão e sorri. Tão raro esse riso.

Me perguntaram se eu era flamenguista. Eu os decepcionei quando disse que não gostava muito de futebol. Mesmo assim, me abraçaram. “Cuidate!”, o maior deles falou. “Cuidate, si? Y mira”, fazendo um gesto com o olho. Eu disse, Si. Gracias... Às vezes você só precisa disso, apertar a mão de um homem pra ter força e seguir.

Eu lia as suas anotações enquanto ele, em um raro momento, havia conseguido dormir na poltrona do ônibus, tranquilo... Era muito gostoso poder ver o mundo através do olhar dele, esse olhar mínimo. Já que não poderíamos estar juntos. Ele gravaria imagem e escrita. Era uma pena que ele não conseguisse se contentar apenas com isso...

Numa parada do ônibus, entraram mais seis pessoas, um vendedor de lanches gritou o seu trabalho. Pedro acordou feito um gato, ele sempre acordava assim, e pendurado nos círculos ao redor dos meus olhos, convencido de que precisava, só juntou os lábios, contendo o sorriso — não nasci pra dormir em ônibus. O pobre, não tinha dormido nem uma hora a viagem toda, mas pareceu não se importar. Já que o homem trabalhava.

— Quer alguma coisa, Baby? — Sua voz, um sussurro.

— Não, meu amor. Tente voltar a dormir. — Apertei a sua mão.

Mas não fosse o homem e seu grito, Pedro não teria desistido do sono, nem pedido pra olhar mais uma vez o GPS, nem teria ido falar com o motorista e confirmado a sua suspeita de que, realmente, o ônibus passaria direto da nossa parada. Às pressas pegamos as nossas mochilas, verificamos os assentos pra não deixar algo querido, e terminou que descemos no cruzamento da rodovia com a avenida principal de Pisco. O ônibus nem entrou na cidade como na rodoviária nos disseram que entraria, e tivemos que pegar um transporte alternativo. Estava começando a dar razão à antipatia de Pedro pelos peruanos. Mas quando o vi de olhos calmos, resolvi deixar pra lá e aproveitar a nossa aventura. Eu estava ansiosíssima por conhecer as praias de Paracas, por ver a sua areia vermelha, por ver pela segunda vez o sol morrer no mar. Ele possuiria a minha forma com a sua luz e eu me banharia junto às ondas tranquilas. Depois só restariam estrelas e um corpo de mulher a flutuar na água.

Descansamos as mochilas nas cadeiras de um desses restaurantes de beira de estrada, que nunca parecem estar totalmente cheios ou vazios. Na mesa esvaziamos os bolsos: um mapa amassado, algumas castanhas, passagens de ônibus, a onipresente moeda da sorte de Pedro. Concordamos que água era o mais essencial. Precisaríamos comprar pelo menos uns 5 litros se quiséssemos passar 2 dias na praia. E enquanto eu escovava os dentes no banheiro, Pedro teve

uma conversa com a garçonete. Descobriu uma forma mais barata de chegar na reserva, que assim que descemos do ônibus já fomos abordados por uns nativos cobrando um preço absurdo pra nos levar lá. Era essa sensação de estar sendo assediada ou extorquida. Eles vinham num jeito frenético pra nos fazer acreditar que eles eram a melhor, e a nossa única, opção. Esse jeito de fazer a vida, nos tirando como turistas burros, sem noção alguma do valor do dinheiro me deixava irritada. Tanto, que eu nem olhava na cara deles, embora ficasse atenta aos preços. Não éramos turistas, éramos viajantes.

Um velho de bigode branco chamado José almoçava na mesa ao lado. Ele iria pra alguma cidade mais ao sul e queria aproveitar a viagem para fazer um dinheiro. Ele concordou em esperar a gente almoçar e parar na feira pra comprarmos água e comida. Pedimos um tallarin saltado. Pedro pediu pra retirarem a carne e abaterem o preço. Eu não estava com muita fome, era um prato feio, mas gostoso.

Dividimos o carro com um casal de Lima. Pedro foi na frente e eu atrás com o casal. Paramos na feira e compramos um garrafão de 6 litros e algumas frutas: muita banana, quatro mangas, uvas e algumas granadillas. Queria pão, mas ele garantiu: isso vai dar. Não passaríamos fome e, se fosse o caso, poderíamos jejuar. Ele tinha essas ideias loucas de explorar o corpo. Mas garantiu, mais uma vez, que eu não iria passar fome. Seguimos viagem e o José, talvez por se sentir só ou incomodado com o silêncio no carro, começou a conversar. Pedro respondia de forma vazia, mas educada, soltando um pequeno comentário ao final de cada frase como se concedesse um mínimo encorajamento pela conversa, mas não a ponto de continuá-la. Eu olhava pela janela, a areia não era vermelha. Era ocre quase como um véu de ouro envelhecido pelo tempo, esquecido pelas memórias erradas, ou um lençol atirado ao chão. O céu se esbranquiçava com a neblina ou a nuvem e se misturava à cor do deserto, e, sem saber por que, tive sono. Nesse momento, Pedro tocou a minha perna e eu escutei como se ele chamasse o meu ouvido dizendo Estou muito feliz por estar aqui com você.

Fui acordada pelo cessar do motor. José parou o carro na entrada da cidade, não quis alterar um centímetro do seu itinerário. “Camina quinientos metros y llegan al centro”, abriu a mala e entrou no carro. Ainda seguiria viagem com o casal de Lima. Pegamos nossas mochilas, Pedro, calmamente me deu uma parte da feira, pegou a outra e cuspiu na mala do carro, depois saiu segurando a minha mão e deixando a mala aberta. José começou a dar gritos atrás de nós,

eu fiquei nervosa. Mas continuei andando sem olhar pra trás. Ele saiu arrancando com o carro. Pedro estava sorrindo.

— Não precisava fazer isso.

— Precisava. Eu tava com um gosto ruim na boca. Como é que eu ia beijar você?

— Não, não venha com essa. Saia! É ser muito idiota mesmo pra quase estragar a viagem.

Desde os primeiros dias desse menino no Peru ele dizia, Acho que ainda saio daqui deportado. Eu sabia que essas palavras tinham um fundo de real. Nesse lugar estranho, a graça que o salvava era a sensação que ele tinha a mim, seus prazeres, seus deveres. Seguimos andando, o sol queimava muito nesses quinhentos metros. Dividimos melhor o peso e tentamos pegar carona, mas os poucos carros que passaram eram indiferentes a nós. Eu via no jeito calado de Pedro, olhos mergulhados em si, que ele pedia que eu o desculpasse. *eu só espero poder segurar a mão dela na véspera de Ano Novo*. E ao mesmo tempo, o medo já ia embora e na verdade eu começava a rir dessa situação. Era doce, ele, que normalmente era tão apático com as ofensas recebidas, e dizia coisas como “ah, isso é porque ele é jovem, foi tolice” ou “todo mundo tem suas falhas”, qualquer ofensa cometida contra mim em sua presença era, para ele, imperdoável.

Então eu disse: — É, ele merecia mesmo. Se ia levar aquele casal, não custava nada deixar a gente. E a gente ainda pagou, né?

Os olhos dele voltaram-se para fora e eu pude ver nos seus dentes uma felicidade e uma esperança profunda, como um menino diante de Deus. — Mas vamos conseguir, meu amor! — , ele disse com essa satisfação nas pequenas coisas, nas coisas mínimas, que torna o cansaço leve, que torna leve o calor do sol. Era óbvio que iríamos conseguir, eram quinhentos metros.

Ficamos pouco tempo na cidade. Passeamos pela orla com as mochilas pesadas e nos desgostamos muito do tanto de lixo que havia lá. Muitas vezes eu não consegui diferenciar o que era areia de plástico. Já as latas e garrafas brilhavam. Tudo poderia ser bonito, não fosse aquilo que era humano. E em um raro momento, eu não consegui olhar nos olhos do meu namorado, porque eles doíam em mim, eu senti o que havia dentro dele, sua felicidade frágil como um segundo. Então eu tive certeza, eu me transformava.

Vamos sair daqui, ele disse.

Passamos por uns restaurantes que pareciam ter uma boa comida e por uma lojinha que vendia bombons de licor, mas somou-se o pouco dinheiro com a muita insatisfação e ignoramos todos eles, embora a minha fome e houvesse um restaurante vegano no primeiro andar de uma das galerias. Sugeri que esse ficaria para a volta, aquelas voltas que não voltam nunca. Num dos estacionamentos da orla, encontrei uma van que levava até as praias. Negocieei com um peruano gordo, que queria salgar o preço, mas quando uma família se juntou à negociação, o motorista se sentiu pressionado a facilitar a nossa vida. Sentamos juntos dessa vez e eu aproveitei a pouca viagem, só uns 20 minutos, no ombro do homem que eu amava, enquanto eu assistia na janela os rastros de poeira desenhados pelos carros no deserto. Pagamos mais uma taxa pela entrada na reserva e logo estávamos vendo o mar de novo. Outra confusão a respeito de onde o motorista devia nos deixar, então, durante o bate-boca, cutuquei Pedro dizendo que aquele lugar estava bom, que era o que eu queria. Ficaríamos em La Mina, a praia escolhida por nós.

O dia já estava se encerrando com o esmorecer do sol e nós encontramos um ótimo lugar pra acampar, uma pequena encosta, bem do lado do mar. E na terra perfumada a sal e ostras em que o sol se demora, fizemos um abrigo sob sombras queridas. Havia uma superfície totalmente plana, onde montamos a barraca. Foi rapidinho e eu fiquei surpresa que Pedro se atrapalhou tanto com as varetas. Era fofo. Mas a barraca montada, as mochilas guardadas, os tapetes de yoga lilás e azul forrados no chão, a lanterna militar de Pedro pendurada numa alcinha no topo da barraca (nosso toque de civilização), estávamos em casa.

Eu me virei para o mar. Agora o céu estava rosa.

Eu desci à praia e firmei meus dedos na areia grossa de conchas quebradas. Meus pés afundando no movimento das pequenas ondas nesses cascalhos, querendo criar raízes. Eu, árvore a nascer de água salgada. Gosto da areia porque ela faz sentir todos os centímetros do corpo. Olhei em torno sem sinal de gente, a não ser por um velho trailer da cor do deserto no topo da encosta. Tirei a roupa e esperei Pedro aparecer da barraca.

— Meu deus, como você é gostosa.

— E você vai ficar aí só olhando?

— Você sabe que tem uns 50 peruanos logo ali, né?

— Tira a roupa.

Ele riu com um sopro, daquela forma inaudível como fazem eles que ficam sem graça ou que têm vergonha, mas que, ao mesmo tempo, querem tirar a roupa.

Devo interromper aqui, porque quem tenha esse registro em mãos precisa saber: eu não fiquei sem graça. Fiquei extasiado. Nesse momento, Catarina me olhou com aqueles olhos de mulher. Eles que riem. Nesse momento, ela era pra mim todas as mulheres, todos os olhares.

Ele tirou a roupa e veio deixando seus rastros no chão, eu comecei a ficar molhada. Reclamou do frio do mar, mas eu disse que estava bom. Eu recebi as suas costas, minhas mãos bem abertas, e o seu beijo, minha boca molhada e aberta, submissa. E o balanço do mar não nos desequilibrou. Quantas vezes quis voltar a esse dia inacabado, a esse dia infinito, tépido, sem dores singulares nem aflições especiais, agradável e moderadamente dócil que tantas vezes ouvi precisar de mim e dos meus gestos cansados, dos meus olhares de carinho. Eu vi, como vejo hoje, um milhão de vezes a praia de Paracas, o seu mar cinzento, cheiro de ostras banhadas em sal, seu deserto ocre e um céu rosa, ou lilás pra quem assim o vê, com o sol tentando agarrar com seus dedos avermelhados o que ainda podia agarrar da terra. Ela escapando dele.

Eu gosto do seu beijo porque nele me sinto afogada.

Foram gritos que me tiraram a sua boca, gritos histéricos de uma mulher ao lado do trailer. Parecia peruana e gritava algo em espanhol que não conseguimos entender. Nos olhamos, ele visivelmente embaraçado, Parece que temos companhia. Pois é... e estava tão bom...

A mulher continuava a gritar. Então eu gritei também:

— Pardon, madame, pardon! Nous sommes françaises, Pardonnez-nous!

Pegamos nossas roupas do chão e entramos nus na barraca. Mesmo assim continuou com os gritos. Havíamos ofendido a tradicional mulher peruana. Partimos uma manga e começamos a comer. Pedro disse que faria uma fogueira naquela noite. Que tinha visto uns pedaços de pano seco e o que restou de uma cadeira jogados do outro lado da encosta, e ainda tinha bastante fluido de isqueiro. Eu ansiei por isso. Uma fogueira como a que fizemos no nosso primeiro encontro na praia. Eu ainda me lembro do nosso primeiro beijo em dezembro.

Tomamos um pouco d'água e ficamos a ler e a escrever. Eu com meu livro do Lobo da Estepe, ele com o nosso caderno. Tão logo ia caindo a noite, que, como um muro, tornava-se espessa. E eu me pus a lavar as uvas e as mangas na água do mar, e Pedro começou a preparar

a fogueira. Era noite de lua e eu perguntei se ele precisava da minha ajuda, mas ele disse que estava bem. Pode ver o mar, ele disse.

Respirar era bom e eu estava novamente calma na frente do mar. Gosto do oceano quando ele está assim, agitado. Mas, calmo ou agitado, ele sempre está lá, empurrando suas ondas, cheio de força. Sempre me fez pensar que enquanto há mar há vida infinita espera por mim.

Ventava frio atrás de nós. Cabeleiras cacheadas, as estrelas brilhavam na abóboda do céu escuro para cair no mar prateado. De novo eu repousei meus pés no encontro da areia com a água, morno o mar molhava os meus dedos. Molhava docemente e devagar numa harmonia quieta, ritmada, eu ainda escuto os sons da água voltando para o mar. Eu sempre gostei dessa palavra, “morno”. Gosto de pensar nela em inglês “warm” que quer dizer morno, quente, mas também confortável, amoroso. E era assim que eu me sentia, warm, aquecida. Eu fechei os olhos por um instante e meditei naquele lugar que era apenas eu, apenas nós. Quando eu os abri novamente, o mar continuava preenchido de pedrinhas brilhantes da noite e eu era ele. Eu senti a fogueira crescer atrás de mim e intensificar a minha sombra no mar. E eu a vi dançando em meio às ondas nos meus tornozelos, mornas, como quando, entre as mãos de Pedro, os meus pés adormeceram. Ela era o oposto da lua e do fogo, uma imagem oposta, retalhada, que transava sozinha na água lenta, seduzindo o mar e a mim. Então a dele se juntou à minha. Havia um brilho laranja atrás de nós. E o seu toque era tão leve que me fazia sentir a existência de todos os pelos do meu corpo, e eu me arrepiava em todos eles.

Já nós vivemos.

“A gente pode conversar um pouco?”

Subimos por uma escada caracol de metal apertada, rangia bastante e segurar no corrimão enferrujado me dava um pouco de medo. Não íamos muito bem, não sei nem dizer o porquê. Só que o dia havia começado tão bem e agora nos tratávamos com aquele jeito-frio-de-guarda-levantada-que-ataca-sem-dizer e que era tão comum às nossas brigas. Deve ter sido naquela manhã que, assim que saímos da rodoviária, puxei Pedro pelo braço e apontei para um cachorro dourado no outro lado da rua, lembrando-o de que toda vez que a gente via um cachorro na rua era um sinal de que o dia seria bom. Pedro nem sorriu. Ficou com aquela cara aérea e embasbacada de quando está pensando em algo ruim. Só foi melhorar quando a gente precisou encontrar o hostel, que por causa de uma obra no encanamento de uma das ruas o taxista não pôde nos deixar na porta. Mas aí eu já tinha me virado sozinha pra chamar o taxi, pagar e ainda achar um lugar pra gente tomar um café da manhã. Ou eu tô confundindo as coisas e foi só depois do café que ele ficou distante? Seja como for, pelo menos ajudou a achar o hostel. Sou ruim com mapas, já ele tem uma fixação enorme por eles, decora um caminho em segundos, consegue perceber atalhos, rotas alternativas. Mas essa inteligência toda muitas vezes não faz com que ele seja capaz de fazer uma tarefa simples como reservar um quarto privado.

No telhado, os lençóis nos varais se misturavam com as pequenas casas da cidade, todas brancas. Ele entrou nesse labirinto de pano e de vento e eu o segui como a uma linha. Acho que o início da conversa foi marcado por esse sol forte, esse vento frio, um olor distante de jasmim, nossos rostos, que ora apareciam ora sumiam nos lençóis. Minha irritação foi embora nesse cenário que ficou tão gravado nos olhos da minha cabeça. Num movimento leve, ele estendeu a mão que eu, igualmente leve, toquei com a minha. Quando vi, já estava o abraçando, puxando o seu corpo idiota e triste pro meu. Ele cortou o silêncio “A gente precisa se unir mais”. Sem entender o que ele havia querido dizer com isso, concordei balançando a cabeça em seu peito. Ele pediu desculpas por estar triste, mas não estava conseguindo evitar. Disse que às vezes qualquer coisa o lembrava de quando eu fui ao pico nevado, mesmo depois de ter combinado que eu o esperaria pra vermos juntos a neve pela primeira vez, e que, por causa disso, a magia de descobrir e tocar na neve, nele, havia ido embora; entre outras coisas que o incomodavam, pequenos egoísmos, descuidos, insistindo que a gente precisava começar a pensar e agir mais coletivamente.

Toda vez que ele apontava as minhas faltas, eu me magoava. Mesmo que não fosse sua intenção, pra mim eram apenas coisas que me faziam sentir culpada e pareciam dizer: “Que ser

humano ruim é você. Como pode errar tanto com alguém que ama você, que te ensina a amar diferente? Essas coisas que você nunca sentiu com ninguém” e quanto mais ele falasse, mais eu queria me afastar e deixá-lo sozinho por algumas horas, dias, só pra que eu não errasse tanto. E isso seria, ao mesmo tempo, errar tudo de novo. De si mesmo, exigia que fosse só o amor. De mim, exigia que eu fosse uma mulher. Mas por que tinha que remoer tanto? O amor custa tanto esquecer? Certa vez ele disse: “acho que o meu problema é que eu amo demais você”. E eu respondi: “eu gostaria que você me amasse menos”, me arrependendo no instante em que a última palavra saiu da boca. Há tantas formas de se sentir culpada e de se perder e de não se enfrentar. Eu escolhi que ele não fosse ele.

Mas no telhado, entre os véus e o sol, escolhi concordar, com a condição de que ele esquecesse o passado e se renovasse. Me beijasse apaixonado.

Ele fez o melhor que pôde.

“Eu queria que você fumasse um cigarro comigo”, ele disse.

Eu ia adorar... Tomou minha mão, fomos ao parapeito. Tirou dois cigarros brancos do maço que compramos na rodoviária e os botou na boca rosada. Entreguei o meu isqueiro e senti seus toques frios de pele ao protegernos o fogo do vento.

Se, ao acendermos um cigarro, juntamos mãos para protegê-lo do sopro, isso não quer dizer também que, em certa forma, estamos rezando?

— Eu chamei você aqui porque eu sei que você gosta de chá.

— É bem aconchegante mesmo, gostei dessas mesas de pallet. Um dia ainda vou fazer essas lâmpadas com garrafas de vinho.

— Pedro, eu quero saber uma coisa. Você gosta de mim?

— O que você quer dizer?

— Você reclama porque eu gosto de tirar fotos e fala de mim como se eu fosse fútil e vivesse em função da imagem.

— Eu não vou dizer que gosto da sua obsessão por tirar fotos.

— Obsessão, Pedro? Tirar vinte minutos no dia pra tirar umas fotos é obsessão? Tome o chá. Gostou?

— Gostei sim... Muito. Tem laranja?

— Sim.

— Eu gosto... Acho que ficaria bom com umas flores de hibisco também.

— Uhum.

— Então, não é isso, eu só não gosto que você fique postando direto essas coisas no celular. Tá sempre com o celular, postando essas fotos como se quisesse aparecer. Parece que você tá esquecendo da gente.

— Pedro, eu vou falar bem devagar pra que você entenda: Eu quero aparecer. Muita gente pergunta por mim, querendo saber como é que eu tô, se eu tô bem. E eu posto essas fotos pras que as pessoas saibam que estou bem, minha família, minhas amigas

— Certo.

— Me dê um pouco do chá.

— É que você não sabe como eu vejo, toda vez que você sai pra tirar uma foto ou pede pra eu tirar, é como se só você importasse. Você nem gosta que outras pessoas apareçam no fundo, como se só existisse você no mundo, ali sozinha. Mas você não tá sozinha, tá? Tem alguém tirando as suas fotos. E por que você não gosta que ninguém apareça atrás das suas fotos? Não é só pra avisar a todo mundo que você tá bem? Então, qual é o problema? Não me engane. E não se engane. Tem imagem nisso. Por que você tá me olhando assim?

— Eu não vou ficar com alguém que não gosta de quem eu sou.

— Pare com isso, véi. Eu não falei nada disso.

— Pois é o que parece.

— Não, não é. É claro que *isso* eu não gosto em você, mas não quer dizer que eu não goste de você.

— É a mesma coisa, Pedro.

— Do que é que você tá falando? É claro que tem coisas em mim que você também não gosta. Eu mesmo posso dizer aqui uma ou duas.

— Mas eu tento aceitar você.

— E você acha que eu não tento?! Você não sabe como é pra mim, Catarina; quando você sai assim de perto de mim, dispara uma sensação de que você está me deixando sei lá ou como se você não me enxergasse, não conseguisse ver eu só estou querendo ficar perto de você. Eu só quero ficar com você. Você não sabe como é duro pra mim ver você sorrindo pra uma foto e logo depois esse sorriso se desmancha. E eu fico, ela tá sorrindo pra quem? Com quem ela está interagindo? Que mundo é esse que ela entra e sai com tanta facilidade?

— Você fica comigo quando tira as minhas fotos.

— Véi, não faça isso. Tome o chá, por favor.

— Eu perdi a vontade.

— Por favor.

— Eu acho melhor eu ficar sozinha. Você pode terminar o chá.

— Ei, espere. Aonde você vai? o que é isso?

— Me solte, Pedro. Eu vou sair.

— Sim, mas vai pra onde?

— Me solte, você vai fazer um escândalo, todo mundo vai olhar. **Me solte!**

— Calma, eu solto. Só me diga aonde você vai por favor.

— Não.

Oi, meu Amor... sou eu de novo. Será que eu ainda posso te chamar de Baby?

Eu trouxe isso pra você. É engraçado, né? nunca deixei que você me desse flores. Não achava bonito incomodar as plantas. E agora estou eu aqui, incomodando as plantas por você. Eu vim andando desde a minha casa, porque eu queria pensar. Mas ando com o coração tão apertado, meu amor, que você nem imagina. A caminhada não me acalmou. Carlos, eu sinto tanto a sua falta. Meu Deus, como eu sinto a sua falta. Será que um dia Ele vai me deixar ficar perto de você de novo?

Sua irmã me visitou. Ela trouxe a caixinha que você fez pra guardar as nossas cartas, os seus desenhos. Tem tantas que você não me enviou, não é? Tantas coisas nossas que você guardou também, e outras que você guardou de mim... Ela disse que ia jogar tudo fora, mas depois sua mãe pensou que talvez você quisesse que eu ficasse com ela. Eu rezo tanto pra que isso seja verdade. Todo dia eu olho para os lados e vejo você, se sinto um vento bater o meu rosto, rezo pra que seja você, vejo dois pássaros no céu e sonho que poderiam ser a gente em outra vida, eu te vejo nas plantas, nos meus sonhos. Se eu preparo algum prato lá em casa, a primeira coisa que eu penso é que eu queria tanto poder compartilhar com você. Ler os seus escritos é a única coisa que tem salvado os meus dias, sabe? Você entendia tanto sobre mim, sobre a gente. Ela ainda disse, Você poderia ao menos ter ido ao enterro. Baby, eu só falei morrer. Não consegui responder nada, foi tão cruel, ela foi embora com a minha fala muda. Quando eu fechei a porta, eu não me aguentei e caí de tanto chorar ali mesmo no jardim. Não consegui dizer que sim, que eu vim e fiquei escondida de longe, atrás das árvores esperando a minha vez de falar você. Eu me sinto tão perdida, não sei o que faço, eu não tenho vontade de viver. Sinto que você levou a parte boa de mim, que era o meu amor por você. O que eu faço agora com tanto amor? o que eu faço? onde coloco ele? Eu toco essa grama e cravo as minhas unhas atravessando a costura dessas raízes, eu toco essa pedra que diz ser você, eu tento abraçá-la, mas eu não consigo, por Deus, não consigo sentir você nela. Por favor, me ajude. Volte pra mim. Eu ordeno. Saia daí, por favor, eu estou mandando.

paga-se pra ver a vida dos outros. não a vida difícil e sofrida, essa você encontra em qualquer esquina, basta sair de casa, olhar pros lados, mas a vida exótica, afastada, misteriosa dos nativos das Ilhas de Uros. Eles sorriem enquanto os turistas lhes roubam as almas com as câmeras dos seus celulares, vendem histórias de vida, ídolos de cerâmica, falsidades sobre os trajes multicoloridos, passeios nos barcos de Totorá. Eu mesmo que não aceitei botar os meus pés naquele barco. Fiquei ali mesmo, como uma âncora, sobre a totora. Não havia nada de misterioso. Acima da beleza do lago, tudo era muito feio. — As crianças eram bonitas.

Elas dormem sob as placas de energia solar.

Patrícia não chegou ainda, as mochilas estão exatamente como deixamos, os livros na mesa de cabeceira. Me joguei na cama e assisti ao teto ruir junto com o tempo, as paredes suadas, frias, ficando menores. Aquele livro me desafiando de longe. Peguei as cidades invisíveis e entoquei no fundo da bolsa. não preciso desse lembrete de bondade rara da parte dela se exibindo a todo instante. Desejar o bem do outro estando longe é muito fácil, muito bonito amar à distância. Maravilhoso. Agora, amar e permanecer junto já é outra coisa totalmente diferente. Nada como a boa e velha e pacata convivência pra botar todo amor e bondade à prova, desmanchar essas frases bonitas e planejadas, tiradas dos livros e dos filmes. É natureza do amor ser refém do destino. Tudo extremamente preciso, o alinhar mágico das estrelas, o encontro na praça, nos corredores de faculdade, as afinidades em comum. Mas isso é só no primeiro momento. As primeiras palavras são teatrais, passasse o tempo elas se tornam humanas. A vida não se faz de teatros.

Continuei a ler Camus, mas atirei O Homem Revoltado na cama com menos de 2 minutos. Vim ao andar de cima e descobri essa estufa cheia de máquinas de academia, logo antes da escada de acesso ao telhado, e puxei ferro para gastar a raiva até ficar zonzó com a falta de ar. A luz é tão cinza aqui. O céu muito libiano.

O Telhado é uma lavanderia de piso cimentado e também um grande varal cheio de lençóis molhados enxugando no vento muito frio que os move com dificuldade, o sol bem gostaria de aquecê-los. Mas as nuvens não o deixam sair. Ele não tem culpa. Puno é uma cidade de tijolos laranja e janelas pretas, poucos pássaros no céu, daqui eu não consigo ver o lago. Todos os telhados deveriam estar cheios de bitucas de cigarro. Tirei o maço e comecei a tatear a jaqueta atrás do isqueiro. Mas, a cada pancada que eu dava expulsando o ar dos

bolsos da jaqueta, da calça, eu pensava Droga, não está comigo. Droga. Mas que merda, né Patrícia. Que inferno! Não posso nem fumar em paz. Merda.

às vezes acho que ela só briga comigo pra se afirmar. Que tudo é um grito mimado só pra dizer Ei, eu sou diferente de você. Eu sou isto. Engula. Vai ser assim. Você, acostumada a tudo nos seus termos. Se eu quero a você quer b, se eu digo aqui você fala ali, se eu quero isso você é “problema seu, foda-se”. Buscando ciúmes onde não tem. O quê? fica sem falar comigo, braços cruzados cheios de indignação, e eu não tenho nem o direito de conversar com outras pessoas? Quando foi que eu já dei mais atenção a qualquer outro? E o quê? quer almoçar sozinha? É melhor eu procurar outro restaurante? seu rosto muda, assume essa coisa séria, fria feito faca amolada em pedra. Incapaz de dizer ou fazer qualquer coisa agradável, qualquer gesto de amor, nem um olhar, você do alto da sua liteira. Tudo o que eu faço ou falo, desprezível. Eu aguentando calado os seus cortes, suas rudezas. Vou até você, mesmo que você não me peça, mesmo que você não me queira, eu vou. Peço desculpas sem nem saber o porquê, sem saber nem de onde você tira tanta ofensa. E quer saber? Eu sinto ódio, Patrícia. No momento em que a sua boa vontade resolve se reconciliar comigo, eu tenho ódio de mim mesmo por me rebaixar tanto. Por saber tão claramente que basta uma palavra sua, só um sopro da sua voz pra eu me acabar e receber você, perdoar sem esquecer. E tenho raiva da minha falta de orgulho e por não evitar a minha burrice e lhe amar tanto. Por lembrar todas as vezes em que você me deixou só com as minhas dores e virou o rosto e não se importou e até se enraiveceu como se eu fosse apenas dor, ou até fingiu-se de desentendida como se fosse absurdo o fato de que eu viesse a dividir minhas dores com você, quando muitas dessas dores foi você mesma quem causou. Você me manda esquecer e seguir em frente, sem qualquer pedido de desculpas ou reconhecimento. E diz que eu só sei fazer exatamente o que o passado faz, “sofrer e ficar olhando”. Eu te amo e, justamente por isso, eu sou incapaz de esquecer. Eu queria honestamente apenas guardar as coisas boas, ter só o seu lado bom comigo. Mas eu lembro exatamente tudo, não há filtros em mim. Se você faz um mínimo movimento com a mão ou a boca, esse movimento se escreve como uma cicatriz. Às vezes tenho a impressão de que o seu amor só me é emprestado. Se eu o tenho na segunda, na quinta-feira ele será arrancado de volta. Por que tem tanta raiva de mim, Baby? Por que não consegue se doar um pouquinho mais, por que não consegue me ouvir? Temos tudo pra falar a mesma língua. Todos que veem a gente nos acham tão bonitos.

t e m p o p e r d i d o.

Todas as suas fraquezas, eu aceito. Os seus medos, as mesquinharias, o ciúme, os olhos violentos. Até a raiva. Mais do que aceitar, eu amo tudo isso em você, porque corresponde a algo seu, verdadeiro. Eu não quero deixar nada de fora, não quero que nada me escape, nem a violência. Eu não quero você de mentira. A única coisa que não consigo amar é o seu desprezo. Porque me dói muito e você me afasta, mas até isso. Eu sei que existem naturezas tão bonitas, tão dotadas por Deus, que o simples pensamento de que algo ruim venha a se sobressair sobre essas naturezas nos parece impossível. É assim que eu vejo você. Eu vejo. E todos esses defeitos, pra mim, só tornam você mais bela, porque eu vejo você hoje e vejo você amanhã. Você será ainda mais bonita. Essas pequenezas, eu sei que vêm de algo real. Apesar disso, na grande maioria das vezes um homem nem se parece consigo mesmo. Eu sei que isso se aplica a você. A sua alma é tão mais quente e bonita, muito mais que a minha. Eu vejo o amor nos seus olhos, o cuidado com os seus irmãos, sua capacidade de se doar. Foi esse lado que eu senti quando te abracei aquela noite em que tudo eram eterno e estrelas, e você dormia.

Você me acha menos homem quando eu fico triste?

Por Deus eu não consigo entender como esse teu relacionamento com ele durou tanto, como era tão leve e tranquilo. Que raramente brigavam, logo se acertavam. Por que terminaram então? Por que começamos do jeito que foi? o que eu estou fazendo com você? A relação de vocês era tão falsa assim? Você me acusa de ser frágil e explosivo, mas a mais instável de nós é você. Eu sempre estou ao seu lado. Não importa o que você faça ou como você esteja. Pra mim custa muito imaginar que você fosse muito diferente com ele, pra mim você era até pior. E não é o que você sempre diz? Que comigo descobriu o amor. Eu só queria que você me dissesse o que é o amor pra você, eu gostaria muito de saber que amor é esse que não cuida, que se enraivece, que não quer enxergar a dor, que é surdo ao choro e ao grito. Eu não posso acompanhar cada pássaro caído, pra mim só existe você. A culpa é minha e eu invejo que você possa rir e existir tão bem sem mim.

Mas eu estou mentindo. Não é como se eu achasse que sem você eu ficaria sozinho e não existiria ninguém pra mim. Se a gente se separasse, não haveria mais de mim pra ninguém. Eu não existiria. Eu não guardo a ilusão de ser feliz sem você. Se em algum momento eu rio e você

não está comigo, dois minutos depois eu já estou triste. Cada alegria e vitória é amarga, quando você não está lá. Dói.

Eu quero acreditar que você sofre quando eu não estou também, que, como você diz, a diferença é que você consegue lidar melhor com as situações e vive os momentos. Eu sinceramente não acredito que ele fosse melhor. Na verdade, eu acho que ele não te amava metade do que eu amo hoje. Essa é a única comparação que eu me permito fazer. É impossível amar tanto e não se importar. Eu me importo.

Isso ou ele te colocava no lugar, separava as coisas, é isso que eu devo fazer também, Baby? Te colocar no lugar? É isso que eu preciso fazer? Eu só quero que você ande.

Eu sei que não posso te ajudar, como não posso ajudar a mim mesmo. Vou continuar a me magoar e a me entristecer contigo.

Não acredito que você ainda não chegou. Fui ao Mirante ver se te achava, em cada esquina que eu virava, eu rezava por encontrar você nela. Eu andei a cidade com tanta ansiedade atrás de você, tentando sentir se você teria pegado essa ou aquela rua, se estaria em algum café. Até o Tiago eu encontrei. Cadê você, Baby? Volte, por favor. Eu não posso nem ligar pra você. Volte.

As pessoas no escuro sempre veem aquelas que estão na luz. Já imaginou se só tivéssemos mais cinco anos de vida e estamos os dois sem enxergar? Eu tropeço e tato o vazio, quebro os dentes nas paredes. Eu preciso que você me procure também.

— Eu vim direto pra cá, você não estava no quarto.

— Eu saí pra procurar você. Eu tava preocupado.

Ela ficou calada, olhando através do pano e do vento, tinha um cigarro de filtro branco na mão. Atrás dela, os telhados laranja.

— Como foi o seu dia? — Pareceu que o tumulto que havia em mim só iria sossegar quando eu ouvisse de novo a voz dela. Como se a visão dela sentada na bancada ao lado da pia fosse insuficiente para que eu confirmasse de que ela estava viva. Como pode um céu tão cinza assim? Como podem as mãos dela serem tão lindas? — Baby? — Talvez eu tivesse falado muito baixo. Ela só me respondeu: “ruim”.

Às vezes Pedro demora tanto pra me dar um abraço. Um abraço e tudo silencia, um abraço e o mar para de se mexer.

— Eu tive medo andando sozinha na rua hoje. Tive medo da cidade, eu me senti pequena e não consegui andar sem olhar o tempo todo pros lados com medo que alguém me machucasse. Mas ninguém olhou pra mim. Se você estivesse comigo eu não sentiria medo. — Ele chegou mais perto, ele estava quase sorrindo. Isso teria me magoado mais se eu não tivesse gostado de sentir medo.

— Então não vamos mais nos separar, Baby! — Ela quase sorriu, tinha tanta tristeza, que não poderia ser um sorriso, eu quis abraçá-la.

— Não... eu não posso ficar sem você. — Pronto, Pedro. Está aí, a minha liberdade, a minha independência, o meu desejo de ficar só. Você venceu, só me abrace por favor.

Eu peguei a mão dela e a beijei, senti o seu cheiro. Voltei a olhá-la, a mesma expressão morta e desesperada. — Sabe, quando eu estou triste, pra ter um pouco de perspectiva, eu gosto de pensar que há um astronauta muito feliz de uma civilização bem avançada, num planeta anos-luz distante do nosso. E pra ele os nossos problemas não importam... Mas os meus sim, porque ele tem um telescópio muito poderoso e ele consegue ver o quanto eu tô triste.

Eu fiquei tão feliz por ainda poder fazer você rir, nesse instante eu acabei percebendo, depois do que pareceu muito tempo, o quanto eu gosto dos seus dentes, o quão eles são grandes e afiados como os de uma loba. — Sorria, Baby! Fear's just in your head! So forget your head and you'll be free. If you choose

— Just remember, Lovers never lose.

— Sim... Isso... — O vento, sempre frio, soprou forte de novo e em espiral, uma pequena brasa de tabaco e papel voou em direção ao meu olho esquerdo. — Would You help me to carry the stone?

— Não fale com outras pessoas quando tiver brigado comigo, não deixe eu me sentir sozinha.

— Baby, eu tava falando com o namorado dela primeiro. Mas ele precisou sair, então pra não ficar um silêncio chato a gente ficou conversando. Você sabe como eu sou, e eu também tava chateado com você. Conversar com ela me deixou mais tranquilo, tanto que quando eu me despedi eu só pensava em abraçar você.

Acho incrível que Pedro, tão inteligente, sabe tudo sobre mim. Mas não percebe que quanto mais ele fala, menos eu quero saber e mais eu sinto raiva dessa sua cara nervosa e estúpida, e me dá vontade de chorar e de bater nele e de amassar a sua cara com as minhas mãos e os meus pés. Ela riu do mesmo jeito que ele me faz rir. Do mesmo jeito.

— Mas eu não vou fazer mais. Vou ficar junto de você, mesmo quando você estiver com raiva.

— Vem cá.

Eu sou como um fuzil muito velho e já não tão preciso. Quando amo, e isso eu aprendi com ele, o recuo é muito forte. Retorna até a infância, e dói.

— Eu comprei umas cervejas pra gente — ela tirou da pia uma sacola branca e úmida que tilintava —, não tinha a Cusqueña que você gosta, só a roja que eu não gostei muito. Mas eu peguei essa daqui pra gente experimentar: — e mostrou rótulo suado das garrafas “Roja”, “Puñena”.

Ela tirou um cigarro do maço no bolso e o estendeu pra mim. Como pode um céu tão cinza?

Nem eu nem ela sabíamos, de alguma forma nos olhávamos do modo mais belo e sincero. Nenhuma palavra desnecessária, havíamos ficado mais inteligentes, nenhuma respiração que não casasse perfeitamente com a respiração do outro. O olhar era puro. Algo fervia entre nós. Ela acendeu o meu cigarro. É preciso ter paciência com o sol.

Pedro me envolveu a cintura, aninhando a cabeça no meu peito. Cheirou e beijou o espaço onde fica o meu coração, fez eu me sentir arrepiada de novo. Por que não consigo sentir isso sempre? Essa sensação de que ele não vai me soltar.

Você pergunta onde eu estava, se você estivesse comigo você saberia. Mas você quis ficar conversando, não foi? Eu não quero saber onde você foi, o que você fez nem com quem você estava. Na verdade, eu não quero ouvir uma palavra sua, Carlos. Você vai ficar calado.

Tire a roupa. Tudo.

De quatro.

Eu vou sentar nessa cama e eu quero que você venha até mim feito um cachorro. Pssss... nenhuma palavra, não foi? Venha aqui. Isso... mais devagar!... Quem mandou você olhar pra mim? Olhe pro chão. Tire as minhas botas. As meias... Não, com a boca. Gostou de levar um chute na cara? Não? E esse? e esse? e esse? Não... hoje você não vai ficar com raiva. Eu não tô nem aí pra você. As meias... Sim... Lamba. Isso... Assim... Muito bem.

Abra a boca. Mais. Mais. Bote a língua pra fora. Você vai ficar assim. Agora eu quero que você enfie o meu pé bem fundo na sua boca. Eu vou deixar ele paradinho aqui pra facilitar... Carlos, se você não me obedecer eu vou sair agora mesmo por aquela porta e você nunca mais vai me ver. Vamos. Sim... mais. Mais... até você engasgar. Isso! Bom menino haha Deixe a baba cair, eu vou fazer você limpar depois. Abra os olhos, olhe pra mim. Eu quero que você veja como eu reajo à sua humilhação, você pode ficar vermelho o que for, I don't care haha, isso só me deixa mais excitada. Não vê como eu rio de você? Vê como eu debocho da sua cara? Eu acho que vou até tirar uma foto sua pra você ver como o meu cachorro fica vermelho babando aos meus pés. Diga xis. Eu quero ouvir. Pronto! Olhe aqui você: Ei, olhe! Tá bonito, não tá?

Diga que me ama. Hã hã, tsc tsc tsc, você vai falar com o meu pé na sua boca. Pode voltar. Mais... Fale.

Você gosta de expressar seus sentimentos com ganidos assim? Isso, de novo. Eu quero ver a baba escorrendo pelo seu queixo.

Agora peça desculpas. E diga que nunca mais vai ficar conversando com ninguém enquanto estiver brigado comigo.

Venha aqui, deixe eu beijar você.

XIV

Copacabana.

14 de janeiro de 2019.

De novo era frio perto do lago. Descansávamos as pernas no píer assistindo os muitos barcos balançar. Catarina espelhava as botas na água. Os olhos não convidavam. Mas talvez não passasse de uma súbita fraqueza de homem. Pressionando forte a madeira, olhei fixamente o lago tentando enxergar o futuro. Esperava. Que se tocasse docemente a água e forçasse o espírito poderia barganhar o esforço e um pedaço de alma por uma visão turva, bruxuleante daquilo que desejava que fosse (essa é uma palavra muito feminina? Bru-xu-le-an-te?).

Vi somente raízes de algas. O fantasma da lua na janela das escadas da casa. De quando muitas vezes descí à cozinha e a vi no lado de fora, apenas para enganar a mim mesmo por vários segundos até uma investigação mais apurada, que revelaria, no momento em que me aproximasse da parede e o olho fosse forte o bastante para atravessar o vidro que o que eu via não era a lua, mas sua ilusão simétrica. Uma piada criada pela noite e angulações mal intencionadas de espelhos presos à madeira, e o que eu pensava se localizar no norte estava no sudoeste.

Os físicos descobriram que tudo o que vemos é um atraso da luz. Mas na janela descendo a escada o que eu via sempre era o atraso de um atraso, que, afinal, era tudo o que eu queria que a casa da minha mãe representasse, o passado de alguém que já não era. Catarina balançava as botas na água. Animada pra chegar à ilha. Eu pensava naquele concurso, estudar pra conseguir um trabalho com um salário decente que bancasse o aluguel de um apartamento pra gente, começar a nossa vida como um casal de verdade. Eu a interrompi pra falar desse futuro que eu tentava tocar na água. Ela nada falou, só pareceu fechar-se um pouco mais dentro de si. O vento ficou frio e, de repente, aquela sensação ruim de dúvida que deve abater muitos casais: de que talvez tivéssemos designs diferentes de vida. Mas não somos os muitos. Como de hábito, me pus a pensar adiante. Ela queria aproveitar, curtir o momento. Era o que eu deveria fazer também. A água tinha gosto de diesel.

Ao meio-dia entramos na fila e subimos numa das lanchas cheias de gente. Quase 2h até a Isla del Sol. Perguntei a um dos comissários de bordo sobre as chuvas e, se eu entendi bem,

ele disse que havia chovido muito por uns dias, “*pero ahora no mas. Mucho sol, tranquilo. ¿Vas a acampar?*” Estoy pensando.

Na lancha, os viajantes atiravam as mochilas no convés, alguns sentados a pedido dos bolivianos. Zoada erguia das botas dos viajantes. Não havia grito homogêneo nem voz única, mas a língua era mesclada, e os viajantes de muitos lugares. Uma mulher bonita de cabelo loiro, que conversava com um grupo argentino me lembrou Alice e eu comentei com Catarina. Logo apareceu o viajante Lucas de São Paulo e começou a falar como falam os paulistas. Sentam-se perto um casal de israelenses, 23 e 25 anos, o mesmo que vi na rodoviária de Puno. Eram Shay e Aviv (algo próximo de primavera). Foi ela quem nos chamou de “*that couple of curly hair*”, muito doce e gentil. Conversar com eles me deixou feliz, porque eram um casal como nós, e não se desconhecem os amantes mutuamente. Lucas não falava bem o inglês.

Putz, aí é que tá, eu vi esse casal de br no ônibus vindo pra cá e achei eles mó legal. Me ajudaram com um problema que tive com a passagem, o cobrador quis que eu pagasse duas. A gente ficou no mesmo hostel, chamei eles pro meu quarto, a gente fumou um pouco e eu mostrei a eles fotos da minha plantinha. Uma advogada recém formada e ele terminando a faculdade de letras, eles pareciam artistas. Demos uma volta na cidade, rachamos uma pizza, eu paguei uma cerveja, falei do meu sonho de virar músico profissional... foda, né?

A ilha jaz longe da cidade sobre o lago cintilante. Nela desceram todos os viajantes. Ficamos por último, pois nossas bolsas eram pesadas e por que a pressa? Era mais bonita do que se podia ver, o sol aquecia o musgo nas pedras e a fumaça que vinha dos motores dos barcos rapidamente esquecia a sua origem e não a alcançava. O verde dos arbustos se misturava com o tom de areia do deserto. Ela me lembrou a risada do meu pai, não havia nada mais bonito do que o som que ele fazia com a boca. Só Catarina. Ela me beijava cheia de felicidade. Andar ao lado de um sorriso assim é uma benção, e uma sensação viva de que somente eu poderia estar ali com ela, sem saber o que teria feito pra merecer tanto. Nos despedimos de Shay e Aviv, de Lucas, foram na frente pra pegar o barco no outro lado da ilha. A gente não precisava ter pressa.

A trilha serpenteava por pequenos hostels e restaurantes que dividiam o espaço com ruínas antigas. Andávamos em intervalos, o lago era muito alto pra carregar peso sem descansar. Sugeri que trocássemos as bolsas, mas Catarina negou, disse que aguentava, que podíamos aproveitar a pausa pra subir e olhar as ruínas. Largamos as mochilas no chão e apostamos corrida pra ver quem chegava primeiro, ela protestou que as minhas pernas eram mais compridas.

Devia ter sido um templo, havia um altar bem no meio do retângulo e eu me maravilhei mais uma vez, todos os blocos de pedra tinham o mesmo tom sólido de barro da cidade de Cusco. Toquei numa de suas paredes

Ninguém me viu descer da canoa de totora e desembarcar na noite imortal. Ninguém viu o barco desaparecer na água morada-de-peixes. Ninguém o viu acordar e lambar o lodo das pedras. Uma das possíveis verdades é que o homem galgou até o alto da ilha, misturar-se com os outros homens, ver-se de tinta e paramentado de joias de argila. Que num círculo de rochas abundantes-de-ferro havia um felino de pedra fosca e brilhante, vermelha como o sangue que escorre da lua e pelo menos duas cabeças mais alto. E, numa pira chamejante, tornou-se cinza como os olhos dos ídolos. E a jovem, sacrificada, em folhas pardas. E do alto, numa liteira, assistia um homem alto, violento e generoso, e no lugar do seu rosto havia um disco radiante, que aprovava o fogo e as coisas vivas. E que das folhas nasceu um menino portando uma vara de madeira, e que seu nome era Manco e, ao redor dele, todos os homens eram iguais, porque cada homem é como todos os outros. Disseram que aquele era o filho do Sol e um dia iria fincar o cetro no chão e fecundar a terra, e esta seria boa para nós, nos daria espaço e colheita. Alguém falou que Inti, o homem na liteira, era filho do Céu, o organizador, e que ao Céu não precisávamos ofertar sacrifícios, pois tudo já o pertence. Mas Inti é diferente e, por isso, a jovem gritara. Que a noção do Tempo não diverge, aos deuses do conceito de Espaço. Nessa terra em que o quéchua e o aymará não haviam sido infectados pelo idioma europeu, o visitante se afastou da multidão que dançava ao redor do fogo e do menino. Trancou-se num templo no interior da gruta e lá se propôs a difícil tarefa de fazer um homem. Mais difícil que desenhar um rosto na água ou amoldar o vento. Permaneceu catorze dias jejuando, sonhava-o pela noite e de manhã compunha os órgãos, as veias, a pele, os olhos. Precisou mais que barro e sal. Por vezes, sentia o seu coração palpitar, mas logo ele fenecia e o visitante se desesperava pra salvá-lo. Quis desistir, destruí-lo

Sob uma cachoeira de lianas, montamos a barraca. O mapa do céu se fragmentava em continentes brancos e galhos de folhas. Uns viajantes argentinos cantavam em torno de uma fogueira num dos declives. Havia essa escada de pedras fumacentas, das quais o musgo fez-se artéria e pequenas flores vermelhas saltavam dele. Também as samambaias baloiçavam o silêncio da ilha. Tomamos as mãos e descemos até o lago, marcando passo com a tontura que invadia os ouvidos. Na margem de areia e cascalho, Catarina desabrochou a mão sempre fechada, revelando dois colares de cruz andina.

“Eu roubei quando você estava falando com aquele homem.”

Por que você fez isso?

“Eu ia comprá-los, mas me abusei do preço; e achei que seria mais especial assim.”

Ela tirou a roupa, foi na frente, serpenteando as pedras pontudas embaixo do lago. Como se fosse receber a hóstia, ela abaixou a cabeça e mergulhou a concha das mãos na água. As samambaias continuavam a riscar o silêncio, uma folha tocou a superfície do lago. Então ela voltou e vestiu em mim a cruz. Fez o mesmo consigo. Contou o que a cruz significava.

O que você fez?, eu perguntei.

“Rezei.”

“Pedi pra que o lago abençoasse a gente, assim como fez com Manco Capac e Mama Occlo.”

“Que a reza de um seja mais forte que a reza de dois; que a reza de dois seja mais forte que a reza de um.” Ela disse.

Joguei minha roupa ao lado da dela. Sentindo o vento nas costelas, andamos até os baixios gelados e nadamos até onde ainda era sol. Como nadar em gelo, como pisar em nada, com uma língua de água doce, era o fundo do lago. As pernas de Catarina balançavam sobre mim como as ondas nesse mundo sem som. As trutas perguntavam através das bolhas “por que estão aqui? O que fazem quando lá em cima têm uma vida boa?” e os pejerrey esfregavam seus corpos de prata em nossas barrigas. Voltamos quando as árvores engoliram a luz, era perigoso ficar muito tempo no frio. Meus ossos doíam quando tateamos a margem. Mesmo molhados, vestimos a roupa pra que o vento parasse de nos castigar, subimos as escadas mais rápido que descemos. Calçamos as botas, Catarina botou o seu casaco verde-escuro, eu o meu casaco marrom, meu cachecol rosa, fechamos a barraca e subimos pro alto da ilha. Queríamos aproveitar enquanto ainda estava claro. Compramos uns biscoitos com uma velhinha numa das casas, havia muita gente falando em francês e alemão. A velhinha era bem engraçada, de olhos vivos. Teria ficado mais tempo, não fosse a hora. Vimos que era proibido ir ao norte da ilha, exclusivo aos aymarás, mas tinha um mirante seguindo as plaquinhas. Já era gostoso sentir o frio do vento quando encontramos um coreano com quem dividimos o barco e já não me recordo o nome, mas arriscarei chama-lo de Kim Jong. Ele também ia dormir num dos hostels da ilha, rico com seus dólares. Kim Jong indicou pra gente esse restaurante no alto da ilha, mais à

esquerda, adentrando as árvores. Las Velas o nome. “*Best food I’ve ever had*”. Ele só tinha 18 anos. Perguntei se eles tinham algum prato vegetariano, porque não me atrevi a perguntar qual das Coreias.

Passamos uma porteira, o terreno começava a ficar menos inclinado. Catarina andava lindamente. Eu atrasei o passo pra poder vê-la. Percebendo, ela parou e olhou pra mim como se dissesse “ande comigo”. Antes que falasse, eu me adiantei: Vá na frente, eu quero ver a sua bunda. Ela soltou um riso e continuou a andar. Eu segui filmando as suas costas, porque ela me pareceu eterna e eu não quis arriscar a gravar essa imagem apenas nos livros da memória. Quis sempre vê-la, neste exato momento, chegando num dos cantos altos do mundo, realmente feliz. Desliguei a câmera, passei a olhar só com os olhos e tentar conter essa vontade de abrir o corpo dela, só pra me encaixar dentro. Um ímpeto de não sei mais eu, mas somente Catarina e dizer que esse é o meu nome, e amar a mim, os meus olhos, o meu cabelo, a minha pele, que não são nada estranhos aos meus próprios. Ser outro e não a mim, porque o outro é mais belo.

Trovoava e também a chuva muitos quilômetros depois, embora a cortina do céu não estivesse fechada para nós. O céu era a cor da gengiva do puma, sol pulsando amarelo atrás da cortina. Relâmpagos brigavam atrás das nuvens, pra ver quem era o mais forte, o anel no meu bolso, sempre guardava e ficava pesado. Os joelhos finalmente cederam, incapazes de suportar o atraso dos trovões. Esperando que ela o fizesse junto ao vê-lo. Sorriu e abaixou-se de cócoras junto a mim. E o tempo ficou sem fala de palavras.

“Eu odeio você.”

Fora isso, o barulho da chuva. Eu soube ali: Catarina não iria embora. Se estávamos juntos, era por tudo menos conveniência. O vento batia a nossa porta. Naquele momento, Eu odeio você era a declaração mais próxima do amor que ela poderia me dar. Mais do que “eu te amo”, mais do que o seu silêncio, Eu odeio você quer dizer: Não tenho escolha, a não ser deitar na mesma cama. Os ecos desse sopro morno rebatendo com tanta tranquilidade nas paredes do meu ouvido esquerdo, me pareceram mais longos que a noite, e, quase que imediatamente, eu fui jogado aos dias que sucederam a nossa conversa no telefone em que ela ameaçou terminar o namoro, apenas quatro dias depois da nossa breve e corrida despedida no aeroporto. Ela, de tão feliz, esqueceu-se de beijo e olhar no olho, nem um abraço.

Na manhã seguinte à conversa, (ainda sem saber a razão para o término, pois nem havíamos brigado, eu só pedi pra conversar com ela) mandei uma mensagem dizendo que a amava. E, por três dias, ela não falou uma única palavra. Isso enquanto eu fazia de tudo pra evitar olhar as “imagens felizes” que ela nunca deixou de fazer questão de postar em seu perfil, seus stories de aventura, subidas de montanhas e encontro espiritual com o divino, seus textinhos burgueses de superação e de mulher independente, como se realmente existisse algo como independência, como se o carro que ela tanto gosta de dirigir não houvesse sido projetado por um homem.

Só Deus sabe da raiva que tive durante esses dias, o único momento em que cheguei a desprezá-la pela mais absurda falta de consideração com alguém que, feliz, levaria 1, 2, 14 tiros por ela. Vários desenhos que fiz dela, eu rasguei, com ódio. E a cada desenho rasgado, uma parte minha morria junto, assassinada, afogada em veneno quente e febril. Outros eu não tive coragem de rasgar ou força ou vontade, querendo preservá-la. E então num final de tarde ela liga chorando, dizendo não saber nada da minha vida, dizendo sentir minha falta, eu já peço desculpas sem saber por quê. Diz que não quer ficar sem mim, eu também não quero ficar sem ela, minha boca tem gosto de terra. Eu tenho a falta de um passarinho batendo o bico à minha porta.

A partir daí, toda felicidade que me vem, eu recebo com medo. Eu sinto ferrugem no corpo. Eu preciso entender os sorrisos.

É possível que o crime ou a traição possam conferir a algumas pessoas, além da culpa inicial, um certo tipo de orgulho ou prazer. “Eu fui até onde não ia antes”, “Eu vou mais longe

que os outros, estou acima deles e disso”. Talvez algumas pessoas sintam tanto prazer em trair, que aquela culpa inicial torna-se tão banal e internalizada que cesse de existir. E daí um novo sentimento surge em seu lugar, uma culpa pelo prazer em trair, uma culpa por não sentir culpa, que mais uma vez transforma-se e evolui pra algo novo e distinto — vergonha. Que com certeza é um sentimento muito mais gentil que a culpa, mais suportável. Pode ser que essas pessoas sintam até pena e comiseração pelos traídos, coitados! Desde que eles não lhes confrontem nem apontem o dedo, desde que não exponham o espelho, senão vão ser alvo de ira e desprezo, vermes! Aos final das contas, todos precisam dizer a si mesmos que são pessoas justas e inocentes.

Havia mais vergonha na voz dela e medo por não saber nada de mim do que qualquer outra coisa. Para Catarina é bem fácil esquecer e ignorar as ofensas que fez. Minha mulher é assim.

Semanas depois eu ainda tenho ferrugem nos braços. E, num desses dias em que tudo parece ruim, me vi sozinho à mesa do restaurante da universidade, levando garfadas de comida até a boca. Minha roupa molhada de chuva, porque não me importei em pegar um ônibus ou pedir carona. Durante todo esse tempo, assisti a mulheres ora impacientes ora felizes conversando na fila do almoço. Distingui com curiosidade distante seus corpos, olhares, cores de cabelo, a forma das mãos e dos pés guardados nas sandálias. “São todas lindas”, eu pensei. Uma delas em específico segurava um livro de cálculo e guardava com um olhar desinteressado um vazio, quer dizer que ela estava dentro de si... E vestia-se com um senso tão singelo de desimportância, que eu sempre achei raro e atraente, seus olhos claros, a delicadeza que ela segurava o livro. Eu poderia amar alguém assim. Tive vontade de ir até ela e dizer-lhe que a vi de longe e que gostaria muito de conhece-la, que, se assim ela quisesse, eu passaria a tarde inteira conversando com ela e, sem que eu percebesse, eu já havia levantado. Que motivo eu tinha pra me irritar tanto com Catarina, quando ela era apenas uma mulher? Existiam várias e a vida sempre se abriu quando eu consegui olhar-lhe a beleza. Se pra ela, eu não tinha a relevância que ela tem em minha vida, que deixe estar, ela é livre. O dinheiro que eu havia juntado pra encontra-la, eu poderia ir a outro lugar, quem sabe a Argentina. Quem sabe eu não encontrasse alguém por lá. A mulher na fila do almoço, a mulher de olhar claro, a mulher de cabelos ruivos, a mulher que não quer saber só de trabalho, a mulher que chora à flor da pele, a mulher de voz forte, a mulher que estuda matemática, a mulher que já foi machucada no amor, a mulher que finge dormir, a mulher que ama dançar, a mulher que acorda em mal humor, a mulher que adota

o silêncio, a mulher que prefere cerveja, todas essas mulheres com seus lábios finos e grossos, desde que não tivessem tatuagens de mandalas e equilibristas, poderiam acabar comigo.

Mas eu nunca seria capaz de odiá-las.

Esse pensamento me atingiu como um murro frio, uma pedra atirada na água. Eu já havia parado inerte, me sentei feito a pedra. Nunca ela ou qualquer outra poderia me fazer odiá-la tanto a ponto de desejar batê-la, nunca nenhuma outra voz poderia me desmanchar. Jamais ninguém teria pés tão bonitos a ponto de me fazer querer beijá-los. Ela virou à pilastra, a minha liberdade se foi, também a beleza das outras mulheres.

E o ódio que eu havia sentido durante aqueles três dias não era outra coisa, senão amor. Para um amor machucado, às vezes o ódio é a única emoção possível. O amor me inverteu tudo. Eu poderia só perdoá-la, deixá-la pra lá. Todo o veneno e ódio cultivados um fantasma em meu quarto me prendiam a ela. Bastava o perdão, eu estaria livre.

Mas perdoar significava esquecê-la... deixá-la à sorte, não amá-la mais. Eu ainda perderia muitos fios de cabelo, a mulher que escolhi.

— E eu amo você — respondi tradução, me virando para beijar-lhe a boca endurecida, seu corpo de mármore. Beije-lhe os olhos, as mãos, o pescoço. No escuro eu vi o formato delicado e sutil que era o rosto de Catarina, o nariz levemente arredondado, as sobrancelhas fortes e expressivas, a curva da sua bochecha, sentindo até o calor do sangue embaixo da pele. E tudo o que eu não consegui ver com clareza, minha mente se encarregou de desenhar com traços aveludados de sombra. Queria que ela abrisse os olhos, e assim construísse comigo uma ponte invisível em que pudéssemos caminhar Tateando o piso com as nossas almas, os olhos do outro a pequena luz no escuro. Ela continuava endurecida. Mais uma vez eu tentei vencer a dureza da boca.

— Eu quero que você me coma — falei num impulso estranho e sincero.

A mulher que amo é estações e clima instável.

No seu rosto duas despertaram em cada olho. Ela se levantou não sei dizer se com raiva ou determinação cega. Vasculhou a bolsa. Pegou a cinta e a vestiu como uma calcinha. Mesmo no escuro a bunda dela me despertava ainda mais desejo. Mesmo com um pau de borracha entre as pernas, Catarina ainda era mais mulher. Mas o som da fivela apertando o quadril me fez engolir o medo.

— De quatro.

Absurdamente ansioso e perdido, me ajeitei na cama. Absurdamente aflito eu me desafiava olhá-la.

— Não. Com os pés no chão. — Obedeci, meu corpo espelho de voz militar.

Ao tocar o chão, me volvei para vê-la. Catarina depositava na mão direita a saliva com uma expressão séria e focada, o olhar duro. E com esse mesmo olhar, ela inclinou levemente a cabeça pro lado como se dissesse “Você sabe que não é assim”. E com a mão esquerda, dedos bem abertos, tomou a minha cabeça e a apontou para o colchão. Ela derramou a saliva no meu cu, com o dedo médio arroudeou devagar as minhas bordas. Ela enfiou o dedo, minha boca se abriu involuntária, eu segurei o som, meus dentes raspavam no lençol áspero. Me inspecionou por dentro, e fazendo um gancho com o dedo me puxou pro alto até que eu ficasse na ponta dos pés, afastando as minhas coxas com os joelhos. Eu, um triângulo, ar me escapava a boca e na minha cabeça pareceu ressoar ela dizendo “tangido”. Isso me fez fraco. Um corpo espelho do dedo. Eu dentro de um sonho.

Não consegui enfiar o pau na primeira, meteu reto. Tentei ajudar, mas ela deu um tapa na minha mão. Sem falar uma palavra, Catarina pressionou a minha lombar, eu respirei rápido e fundo, enquanto dizia a mim mesmo para relaxar, não pensar em nada. Então assim, com o tronco abaixado, a bunda empinada, o rosto colado ao colchão, ela me meteu com força, eu me sentir rasgar. Devo ter gritado, pois me lembro de ela dizer “psss...” bem baixinho. E foi como se nem ao meu grito eu tivesse direito, ela tirara até a voz. Isso me deixou com tanta raiva que eu tive vontade de gritar com ela explodindo o meu peito. Mas fui eu quem havia pedido por isso. Que sentido faria uma rebelião? Eu aceitei o papel e estava disposto a cumpri-lo.

Ela começou a meter, mas muito diferente de quando o fez no hotel em Huaraz. Horivelmente diferente, agora ela metia aos socos, a ponta do seu pau batia com força na parede do meu cu. Os gritos escapavam. Mais devagar eu pedia, mais devagar, eu praticamente implorava. Ela metia ainda com mais raiva, não queria saber. Seu pau entrava e saía com força ligeira, minhas costas e pescoço suavam de dor, eu sentia o meu cu abrir e fechar.

Comecei a me masturbar pra aliviar a dor, ela puxou minha mão.

— Não.

— O quê? — Eu tentei mais uma vez.

— **Não.** — Puxou a minha mão com mais força, também a outra, prendendo-as às minhas costas. Eu ainda não entendo como meus braços ficaram tão fracos.

Nisso eu descobri que gemer ajuda a aliviar a dor... Então eu gemi. Gemi e implorei: — Por favor. — E dentro eu senti um prazer oprimido na dor.

— Eu disse não! — com uma estocada tão forte que gritei alto.

Escutamos vozes, era a dona do hostel e outra mulher. Catarina ignorou a velha, apenas suavizando o ritmo.

— Psss... faça silêncio. — E eu senti uma humilhação tão profunda que tive vontade de chorar. Ela logo voltou a meter forte, eu mordi o colchão. Mas libertou minhas mãos.

Eu queria receber aquela raiva. Nesse momento, eu tinha somente aceitado recebe-la com amor. Se o que ela tivesse pra me dar fosse raiva, eu receberia, pois era isso que, naquele momento, ela era. E mesmo assim eu a desejava. Por isso quis me dar. Para aceita-la como fosse.

Eventualmente ela deixou eu me masturbar. O prazer se equilibrou à dor e não demorou o gozo. Ela continuou a meter suavemente, mas nessa parte a dor era insuportável. Não entendi por quê. Ela parou, com cuidado, retirou o pênis. Caí exausto em suor sobre o gozo. Ela removeu a cinta e se deitou ao meu lado.

— Eu ainda sinto como se tivesse um pênis.

Senti o meu cu inchado e doendo, meu corpo tremia imperceptível.

— Você gostou?

Não soube o que responder. Então eu disse meia verdade. Sim.

— Então por que você não me abraça?

... Mas eu me sinto atraída para cá, para o lago, como uma gaivota... Meu coração é todo seu.

Nina Zarietchnaia.

Oi Ursinho, como é que você tá?

Eu vim lhe trazer isso, espero que goste. Eu fiz com muito carinho pra você. Até cortei a mão com o estilete, ó:

O dia está bonito, não é? As nuvens volumosas logo são dissipadas pelo vento lá em cima, formam-se poços tão azuis, a grama ainda úmida de orvalho. Gosto quando os pássaros cantam assim. Me faz lembrar do apelido que você me deu.

Sabe, tem um menino lá na escola, o nome dele é Matheus. Ele se parece tanto com você, caladinho, dos olhinhos meio tristes e inocentes. Um verde puxando pro cinza. Ele anda quase sempre com a cabeça abaixada, como se estivesse sempre pensando algo ou com cuidado pra não pisar por acidente em alguma formiga. Ele gosta de ficar perto das flores.

Se eu tivesse um filho, gostaria que ele fosse desse mesmo jeitinho pra eu poder cuidar dele. Eu o vi chorando semana passada na biblioteca da escola. Fui pegar um livro de figurinhas pra fazer um exercício na turma, quando o vi sentado lá no canto, as mãos tocando as bochechas branquinhas, suportando o peso do rosto. Eu toquei as costas dele, perguntando o que foi. Ele se assustou um pouco e balançou a cabeça escondendo o rosto. Eu o abracei e disse que ficaria tudo bem, ele me respondeu esse abraço se segurando na minha cintura como se ele estivesse prestes a cair do lugar mais alto do mundo. Mas depois logo quis se desvencilhar. Deixo você sozinho? Fez que sim com a cabeça.

Desde então não falou mais comigo, a não ser pelos hi teacher, bye teacher. Mas eu já descobri o que foi. A menina que ele gosta, é a Luíza, parece que ela tá namorando com o Rogério. Coisa besta de criança, pegar na mão, essas coisas. Mas o Matheus quase não sai mais da sala, acho que com medo de ver os dois juntos. Eu falo pra ele, Mas meu amor, você tem que continuar brincando com os seus amigos. Você é um menino muito bonito e logo-logo vai aparecer alguém legal que vai querer ficar com você. Agora você precisa ser forte. Então, ele olha pra mim, os olhinhos tão vermelhos, Mas eu gosto da Lu!

Aí o meu coração ficou aos caquinhos, porque eu achei ele tão parecido com você. Isso de só querer ficar com quem realmente gosta... E agora eu entendo o que você quis dizer que eu sentiria falta da sua tristeza. E eu realmente sinto, Carlos. Eu queria que você estivesse aqui. Queria ter cuidado mais de você, amado mais suas dores da mesma forma que eu amei as suas alegrias. Eu gostaria de ter dado mais.

Ontem eu estava lendo essa anotação do seu diário. Já reli tantas vezes, espero que você não se importe de eu ler mais essa com você...

Hoje é meu aniversário. É um dia frio e nublado, estranho pra primavera. O ar parece vazio.

Fui à praia com Bruna, foi quem eu escolhi pra passar meu dia. Ela é doce, seus olhos são fortes.

Na verdade passei a manhã toda resistindo à vontade de chorar. Por que não posso aproveitar a presença dessa companhia tão boa e delicada? Cheguei em casa no final da tarde com medo de ficar sozinho. No jardim, minha mãe foi logo me abraçando e me dando os parabéns. Ela me abraçou com carinho dessa vez. Disse que ainda há pouco alguém havia atirado um livro por cima do muro, ela molhava as plantas. E com isso eu mal senti o cheiro do boldo se misturando ao do manjericão, exalados pelo toque da água. Antes de ver a letra no cartão da livraria, a embalagem pronta e preguiçosa, eu sabia. Era ela. Sidarta. o livro que ela tanto falava, hoje ela me dá. com as mãos eu percorro essas páginas e imagino as dela sob as minhas, seus dedos longos e cínicos. maliciosos. Na contracapa, a inscrição “Para escutar o Rio...” Eu sigo com o dedo o rastro da caneta de tinta marrom sobre o papel. E choro.

Depois do jantar, minha mãe percebendo a minha tristeza, me chamou ao quarto dela e me colocou diante do espelho, herança de minha avó. Ela me virou de costas para ele, me fez olhar aqueles entalhes vegetais em madeira antiga, parte do meu reflexo e disse “tá vendo isso aqui?” apontando pros meus ombros. “Por que ele são largos, filho?” E eu respondi, pra suportar a dor.

Aqui você para e continua depois.

Ela veio aqui! Ainda agora vim ao quarto escovar os dentes e, meio que sem saber por quê, assim que comecei a escovar me senti inquieto e comecei a dar voltas no quarto, quando parei na janela.

Lá fora, ela estava sentada na calçada do outro lado da rua. Parada, triste e profundamente imóvel, como se fosse um fantasma. E nisso parecia que eu via a mim mesmo ali, parado, triste. Como se, ao olhar um espelho, eu visse ao invés da minha aparência, a forma da alma.

Pela luz laranja que saía dos postes e cintilava nos paralelepípedos do calçamento, pela escuridão a arroteava, pela luz da lua em foice, pela continuidade da sombra formada pelos seus cabelos castanhos, negros na noite, despontava nela a pele de raposa, exatamente igual àquela que vimos no deserto. Naquela hora, ela apertou a minha mão com força, porque a raposa era linda e vagava só na imensidão vazia, e seus olhos eram vivos. “Talvez ela esteja caçando pros filhos”, ela disse. E nisso foi como se eu sentisse a sua mão me apertando de novo, forte. Seu toque quente, macio. E o cheiro morno atrás do pescoço. Eu permaneci na janela o tempo que levei pra me convencer de que ela não sumiria se eu desse as costas. Desci correndo as escadas, abri a porta, arrastei o pesado portão de madeira, que pareceu tão leve na minha mão, e fui à rua com os pés descalços, ainda com a escova na mão. E, quando saí, a rua era um deserto ou eu enlouquecia ao olhar os lados. Até as árvores nem se mexiam. Pareciam zombar de mim, desdenhar de mim. Eram mudas e só. Vocês não viram? Você não viram? Ninguém viu?

Cheio de medo, eu caminhei descalço e apressadamente até a nossa transversal. Eu vi o carro dando a ré no estacionamento. Eu corri para alcançá-la, mas Patrícia já estava longe. E em mim eu pensava, ela nunca olha o retrovisor. Acelerei a corrida, já não sentia as pedras finas da rua machucando os meus pés. Eu corria até o carro dobrar mais uma vez aquela esquina. Em nenhum momento me veio à cabeça gritar por favor, por favor, espere.

Voltei imediatamente pra casa, peguei o celular e voltei à rua. Eu chamo, mas Patrícia não atende. Ela dorme numa cama de plástico, fazendo tanto barulho e inquieta quanto a frequência dos sonhos. Esse cemitério de barro.

se eu pegasse a moto talvez pudesse alcançá-la na Fernandes Lima. talvez ela somente não quisesse falar comigo.

Por que veio então? só pra ficar olhando o meu quarto de longe? Por que eu tenho que amar tanto uma mulher que não se decide? que maluquice é essa?

De repente, começou a chover. Longe eu escutava mil galopadas de água se aproximando até ser envolvido, primeiro, pelo frio. Depois pelas gotas de água caindo sobre os meus braços e perceber, eu estava com o corpo quente envolvido nesse abraço de chuva e

frio. Eu vi a água cair sobre o mesmo poste e refletir agitada em espirais na mesma luz laranja. Eu a imaginava sentada. E entre os fios elétricos uma aranha fez casa e sofria com os golpes da chuva. Mas a teia não se partia. E dentro de mim gritava um único pensamento: que Setembro sempre me surpreende e como é bela a chuva. E desejei que Patrícia estivesse. Chovia muito em La Paz. Lá, andávamos sempre abraçados. Eu sugava o vapor que saía da tua boca pra misturar a tua respiração à minha e depois soprava esse novo vapor no ar que ficava entre nós dois. Não sei se você notava ou se eram momentos em que você estava apenas feliz. Eu me alegrava em não saber. Eu me alegava em não saber nada. Bastava olhar. Bastava a tua boca e riso. Você se lembra, Patrícia? De quando você sumiu na estação rodoviária?

Me despedi da chuva e, é claro, quando voltei pra casa, as árvores já balançavam. Elas pareciam felizes.

Nesse dia eu tava chapada, sabe? Liguei pra Sam e disse, Amiga hoje é o aniversário do Carlos, me tire de casa. Fumamos na praia, eu me acalmei um pouco e em vez de voltar pra casa eu peguei o caminho mais longo pra chegar até a sua. Eu queria te ver nem que fosse só um pouquinho, nem que fosse você passando pela janela ou até que a luz do seu quarto estivesse acesa pra eu saber que você estava lá. Eu estacionei distante mesmo, não queria que o carro desse muito na cara. Me sentei na calçada com muito medo e sentindo uma vontade terrível de chorar, e eu nunca choro, né... Mas bastou eu pedir em silêncio pra você aparecer e você já estava lá, você não me deixou esperando nem dois minutos, Carlos. Eu quase não acreditei, apesar disso ser tão típico de você, da gente.

Até hoje não sei descrever o que senti quando te vi. Havia um alívio, parecia que as lágrimas iam começar a descer... mas então você gritou e desapareceu, eu fiquei tão assustada, achei que você tivesse ficado com raiva, que eu tivesse feito mal, te invadido... quase corri pro carro e talvez eu tenha derramado uma lágrima no caminho. Abri a porta com a mão tremendo tanto e, antes de entrar, eu ainda olhei pra trás pra ver se você vinha. Eu quis que você viesse.

E depois não. Entrei, dei a ré. Eu realmente não olhei o retrovisor.

As suas ligações eu não atendi porque eu simplesmente não quis. Tive medo que você gritasse e me xingasse, não. Eu tive medo que você me pedisse pra voltar. Tive medo de qualquer resposta minha a esse pedido. Não queria errar de novo com o Rafael e ao mesmo tempo isso parecia uma futilidade tão gritante. Ridícula até, pra usar a sua palavra. Eu terminei

com ele de novo, você tinha razão. Eu devia ter voltado, Baby. Devia ter ficado com você, mas... eu preciso ser sincera. Eu não sei se voltaria caso você ainda estivesse vivo. A vida engana. Nela parece que há tempo pra tudo, mas na verdade não há tempo pra quase nada. E gente ainda se perde com tanta besteira.

Logo após a morte, a lança do soldado o perfurou entre as costelas e respingou água e sangue no olho doente.

Eu me decepcionei com o amor... Quando eu era menina, havia em mim muita força de amar. Em algum momento, essa força se perdeu. Eu chamava isso de crescer, eu estava morrendo e não sabia. E por isso não me permiti ser frágil com você. Mas eu não quero mais morrer. Eu quero me tornar mais viva.

Hoje eu sei que amar não é conveniente. É um caminho espinhoso que demanda que a gente esqueça um pouco de si e ao mesmo tempo é a luz que nos guia. Porque sem ela somos cegos. Não tem forma nem cheiro, é aquilo que o outro precisa. Não pra ficar guardado, mas pra se doar. Não é permanecer ou deixar marca, mas transformar-se por inteira. Ser esquecida. Ainda que falasse a língua dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. *O amor é sofredor, é bom, o amor não é invejoso, não trata com leviandade e não se ensoberbece.* E pensar que eu já odiei tanto escutar essas palavras...

O nosso começo era eu indo até você, você já me recebia. E eu era feliz só por te ter perto. E a vida se apresentava pra mim de uma forma inteiramente nova e diferente da que eu via antes. O ar, as pessoas, as árvores, tudo e todos assumiam um aspecto mais significativo, mais vivo, brilhante. Dentro de mim eu sentia você sempre presente, em todos meus movimentos, e isso já me dava tanta paz e alegria, eu vivia sorrindo quieta. Em muito tempo eu me senti viva e havia em mim uma certeza de que eu seria ainda mais viva, ainda mais feliz num futuro muito próximo. Eu tinha vinte e três anos e já tinha encontrado o homem da minha vida. Mesmo as pequenas irritações em casa, os comentários machistas que às vezes eu escutava na minha turma não me irritavam mais. Bastava eu olhar dentro e sentir a paz de amar um homem bom e certo pra mim, com a certeza de que esse homem me amava igual ou até mais ainda e que nunca me negava uma coisa sequer. E ao mesmo tempo eu sentia pena de todas as pessoas que viviam distantes desse amor, que não o conheciam e que muito provavelmente nunca o conheceriam ou sequer algo próximo a ele. Como se você me amasse mais do que a si

mesmo. Era assim que você me fazia sentir. Então aos poucos eu fui te imitando, me adequando a sua forma de amar. Ensaiei que o meu amor por você pudesse ser maior do que aquele que eu sentia por mim.

O final de tarde daqueles primeiros meses era marcado todos os dias por aqueles momentos no jardim de casa. Eu chegava cedo do estágio, preparava um chá de menta e alecrim, como você me ensinou, e me sentava na grama pra ver o céu e o sol descer atrás dos prédios brancos numa rede rósea e alaranjada de nuvens esfumadas. Eu sabia que você fazia o mesmo do telhado da sua casa, a nossa hora mágica. Eu nem precisava pegar o telefone pra falar com você. Tous les jours, Eu sentia que a mesma luz que tocava o meu rosto fazia o mesmo com o seu, e nisso ela me atava a você. Os meus olhos brilhando por causa da mesma luz refletida nos seus, e parecia que o meu peito não se enchia de ar, mas de uma força e de uma alegria eternamente jovens, eternamente brilhantes e aquecidas.

Em casa eu estudava com mais amor e energia, porque eu sentia que você estava bem do meu lado, observando tudo com uma curiosidade infantil incapaz de abandonar, e sorrindo, me abraçando às vezes, que o meu peito se enchia de um calor que só podia vir de você. Eu respirava com tanto prazer. E queria te impressionar, te contar tudo o que sabia e entendia do mundo e aprender ainda mais com você. Eu gostei da sua família complicada, cheia de amor. Você me mostrava nas coisas que fazia. Se você me preparava um lanche na sua casa, sempre fazia algo a mais pra sua irmã, uma taça de suco pra sua mãe. Eu achava esses pequenos gestos tão bonitos que comecei a adotá-los em casa. Eu, que nunca havia cozinhado, me via pesquisando e preparando receitas pra minha família. Servi uma sopa de cebola, como a que você me fez no dia dos namorados, e todos gostaram e me elogiaram tanto. Óia a Patrícia, Mônica, óia a Patrícia. Parecia que a minha relação com eles ficara mais limpa, mais morna. Eu fazia tudo de coração livre e feliz, e ainda tinha vontade de fazer tanto pra todos. Um dia, quando eu estava mexendo uma massa de pão, imaginei suas mãos sobre as minhas, mexendo comigo e desejei que você realmente estivesse. Minha mãe me perguntou Quem te ensinou a fazer isso? E eu disse toda contente e orgulhosa: Foi o Carlos. Ela gostava muito de você. Você ama muito ele, né? E eu dizia, Sim. Amo. Ela nunca disse que eu amava alguém, até chegava a dizer que eu não amava. Mas, com você, isso era tão óbvio pra ela. Era óbvio pra todo mundo, todas as minhas amigas e eu me via tão encantada comigo mesma, por transbordar tanto, me ter tão nua às pessoas. Como se bastassem me olhar pra perceberem que em mim havia você. A pessoa que eu mais amava e admirava morando dentro de mim numa casa feita de vidro. Meu peito feito de vidro.

Quando a gente saía, só de estar com você já me dava a sensação de estar vivendo uma aventura. Quando eu era menina, costumava fantasiar que eu era uma viajante vinda de um país muito distante e desbravava uma terra desconhecida. Mas com você eu me via mais como uma rainha que reconhecia o seu próprio reino, cada rua, cada esquina ou prédio abandonado, cada grão de areia de praia. Eu podia ir a qualquer lugar com você, não tinha medo. Simplesmente não imaginava que algo ruim pudesse acontecer comigo enquanto estivéssemos juntos. Carlinhos não vai deixar nada de mal me acontecer, era a calma que você me passava, o seu rosto sempre tranquilo. Parecia que todos os habitantes da cidade a haviam abandonado, ela pertencesse a nós. Gostava do seu jeito de sair sem fazer planos, tão parecido com o meu, sem se preocupar com o quê, porque era certo que a gente o inventaria. E a gente sempre inventava, não é, Baby? Levamos tanto tempo pra poder andar de mão dada que, quando isso finalmente nos foi permitido, você tomou a minha mão e levou vagorosamente a minha palma ao seu rosto frio e a cheirou como se o meu cheiro fosse a resposta de tudo, e a beijou com tanta força que eu pensei seu rosto se amoldar à minha mão. Um gesto que você nunca deixou de repetir comigo, todas as vezes. A sua barba me acolheu, não arranhou nem fez cócega. Depois o vento salgado arrastando a cortina de cachos sobre a minha mão. Eu gostava da sua barba. Achava que dava ao seu rosto um aspecto mais feliz e paradoxalmente mais jovem. E agora eu não sei nem se você foi enterrado de barba, Carlos... eu não sei nem como você está agora, eu não sei de nada... meu amor... por quê? por favor, me diga por quê?... me desculpe... Por quê me abandonou, Carlos? Eu era sua irmã. Por que me abandonou?

Isso agora foi você? Me diga que sim. Oh meu amor, obrigada, obrigada! Eu vou tentar, eu farei, sim. Pudera o amor imitar o rio, não é? O seu fluir.

Mas nós conseguimos por um tempo. You point, I drive. Bastava eu olhar você e dizer, vamos fazer tal coisa, vamos ver o mar, e você me olhava em retorno, explodido de felicidade, me puxava a cintura e beijava o meu pescoço, Era exatamente isso que eu tava pensando, Baby. Eu sei que eu sou um ano mais velho que você, mas a impressão é que eu estou sempre atrasado em relação a você, você sempre fala primeiro, faz tudo primeiro. É uma adiantada e eu te amo tanto por isso, Patrícia! Eu não te achava atrasado. Uma alma igual à minha, nela eu encontrava tudo.

Realizei meu sonho adolescente de transar na UFAL, você fez eu me sentir tão desejada e ansiar tanto que abrissem aquela porta enquanto você me comia de quatro. Eu queria que

vissem a minha cara de lascívia enquanto eu dava pra você, como eu mantinha a boca aberta, as mãos com os dedos bem abertos sobre a mesa. Com a mão no meu pescoço, você me tomou por trás e disse: Você quer ser puta ou vadia? E eu me senti derreter sobre o seu peito, o ar escapando da minha boca até eu cair de quatro patas. Fechei os olhos, Eu quero ser puta... o seu pau me abriu quente e devagar, eu aproveitava e recebia cada centímetro seu. E gozava só de sentir a minha bunda batendo contra você. As suas mãos na minha cintura desciam, me apertavam e eu pensava, agora ele aperta a minha bunda, agora ele me acha gostosa. E pedia por vezes em silêncio, por vezes olhando pra você, que você me batesse na minha bunda. Vai, ela não é grande? Ela não tá aí toda pra você?, eu queria mais era que ouvissem os tapas. E você me batia... Nunca admiti que puxassem o meu cabelo, me dava a sensação de estar sendo guiada, que eu sempre achei revoltante, como se eu não tivesse autonomia, me dava raiva. Mas, dar parte da sua própria autonomia e a raiva vinda disso também podem excitar. Você me mostrou, e eu me deixava ser guiada por você, tangida.

Ao final, você não poderia ser mais doce. Me abraçava e dizia tantas vezes que me amava, beijava e lambia as minhas costas, o meu rosto, cheirava as minhas mãos, como se eu fosse uma rainha. Como se eu fosse uma rainha, nessas horas eu precisava ter a sua cabeça apoiada ao meu peito morno, Escute o meu coração, escute como ele bate forte, meu amor, e pensava, Eu moro aqui dentro, eu gosto da minha casa. Eu moro aqui...

Te ensinei a me chupar, porque a sua língua ainda pertencia à memória de outra, não combinava comigo, te ensinei a usar a língua enquanto minhas mãos tomavam a sua cabeça e as minhas coxas lhe tiravam o som. E eu gostei tanto de aprender a chupar você também. Eu não sabia. Eu não sabia de nada e amava não saber. Amava a minha inocência. A nossa. Eu não sou mais inocente.

E é por isso que eu estou aqui.

Se eu estivesse triste, feliz ou aborrecida, você sentia os mesmos sentimentos, sem precisar me ver ou escutar a minha voz. Você simplesmente estava e partilhava tudo comigo, sem que eu houvesse pedido ou dado permissão. Desde a nossa primeira noite, eu me abri feito ostra e você, igual a areia, se recusou a deixar. Eu incondicionalmente atada a você. Isso resgatou a minha fé em Deus, eu só vim perceber muito tempo depois.

Num momento de desespero e vergonha, você me puxou, seu corpo em forma de concha, e me disse baixo, minha cabeça suada descansando sobre o seu peito, que nós éramos irmãos.

Qua a minha alma era tão profunda quanto a sua. Há um sentido na gente, foi essa a frase que me manteve tanto tempo com você, e talvez eu nem tivesse me dado conta na época, mas além do amor infinito que tive ao te ouvir falar isso, eu também tive medo. Talvez uma parte de mim tivesse pensado, Então é isso, acabou a minha liberdade. Eu não poderei mais ficar sozinha nem quando eu estiver só e agora terei que dividir tudo, pensar em conjunto, tomar cuidado com tudo o que sinto. E como eu normalmente faço, calei essa parte dentro de mim e escolhi me apegar somente àquela felicidade e à segurança que você me passou. Me ensaiei esperançosa. E nas semanas seguintes eu vibrava de um amor e de uma alegria tão fortes e tudo, como na primavera, se renovava de vida e possibilidade de amor e esperança. Você foi o único homem de quem eu desejei engravidar. Pensava, Mal vejo a hora de ter um Carlinhos dentro de mim, e dizia às minhas amigas que se fosse por mim eu já estava grávida. Ninguém acreditava, todas ficavam tão embaçadas, mas eu sempre fui a louca, a que choca, sempre fui a mais livre. A mais feliz e animada.

Mas depois veio a sua tristeza e o que eu não entendi era que você precisava de mim, talvez ainda mais do que eu precisasse de você. Eu me tornei parte da sua tristeza e, com isso, você também se tornou parte da minha. Eu não queria me dar. Você sempre pôde enxergar mais longe, uma alma mais sensível que a minha, e eu me recusei a ver o afastamento de que você me acusava. Achava que era natural agir como eu sempre achava que agia, mas às vezes podemos passar até a maior parte da vida agindo de uma forma que não é inteiramente nossa e natural, mas construída, não é? Como sempre, eu fugi de tudo aquilo que era doloroso e desconfortável, eu pensava e me enganava dizendo, Estou muito feliz e aproveitando bastante os meus momentos pra me importar com a dor e o sofrimento alheio. Isso não é nada, ele vai superar sozinho. Quando eu falar com ele isso já terá passado, ele vai ficar feliz em me ver. Todos ficam felizes comigo. Mas ao invés de se alegrar, você se entristecia ainda mais e se magoava com o meu desprendimento, e essa mágoa alimentava raiva em você. E eu me frustrava por só querer dar um basta naquelas situações e voltar à minha felicidade normal, à nossa, e mesmo assim não funcionava. Sempre consegui me livrar de tudo sorrindo, ninguém conseguia ficar triste comigo por muito tempo, nem meus pais, nem Rafael. Mas você não.

Depois eu já começava a me enojar da sua tristeza. Sempre vi o sofrimento como algo obscuro e pernicioso a ser evitado a qualquer custo e sim, houveram momentos em que eu realmente desprezei você e te odiei e até desejei que você morresse. Então eu poderia te amar mais, você estando quieto. Eu desejava não amar você, ou te amar muito melhor. Esses pensamentos pairavam como um crime sobre a minha consciência. E quando a raiva passava,

eu só conseguia pensar na minha própria baixeza de espírito, Como eu posso agir assim se eu sou tão boa? Como posso pensar essas coisas e desejar a morte de alguém que amo? Eu, de quem todos gostam tanto e de quem todos falam tão bem e me elogiam dizendo que a minha felicidade contagia a todos?! E precisamente nesses momentos em que eu deveria olhar pra mim mesma, eu voltava a minha culpa a você e ao nosso relacionamento, e nos condenava. Nunca fui assim, nunca vivi isso, está errado, não prestamos juntos, é isso. Eu deveria ter olhado mais pra mim mesma. Eu cheguei ao ponto de ficar com alguém só pra dizer que não queria mais ficar com você, te contei no dia seguinte numa lanchonete bem distante da minha casa. Eu esperava violência. Talvez até ansiasse por ela e que você explodisse, me chamasse de estúpida na frente de todos e fosse embora sem olhar pra trás. Mas em vez disso, você disse tudo bem. A gente não tava muito legal essa semana, acho que pode ter sido bom você ter ficado com outra pessoa. E nos seus olhos não havia raiva, mas pena e até um desejo de me abraçar. Eu simplesmente não acreditei. Pronto, aí. Não há nada que esse amor infinito não perdoe, nada que eu faça vai me livrar desse menino. E como eu te desprezei por isso, essa bondade, esse perdão instantâneo, essa falta de amor próprio... Com que direito ele acha que pode amar assim? Com que direito ele acha que pode me perdoar? E nem se importa se eu fico com alguém. É por causa de atitudes assim que eu quero terminar com você? O quê? você quer que eu fique com raiva? Eu posso ficar com dois segundos e quebrar essa mesa. E de repente eu percebi que não podia viver sem você e te desejei com tanto medo e promessa. E que você fosse doce comigo, porque eu estava prestes a quebrar.

Eu acredito que a vida é uma sucessão de espaços vazios que vamos preenchendo conforme avançamos sobre ela. Uma insinuação ao silêncio, simples, enrolada de mistério ou ironia como um grito. Por um tempo você foi isso pra mim, esse grito depois do qual me silenciou e me preencheu até me transbordar dele. Eu só não achei que o amor pudesse ser tão difícil... eu me senti perdida de novo...

Claro que, depois da viagem, a nossa falta de dinheiro não ajudou e eu passei a deixar que a vida e o medo guiassem os meus sentimentos, em vez de permitir que os meus sentimentos guiassem a minha vida e o meu futuro. Não fui inteira com você e eu sei que nenhum de nós conseguiu deixar esse amor fluir e seguir o seu caminho com leveza, mas talvez pudéssemos ter conseguido. Talvez se eu tivesse escolhido mergulhar e enfrentar a tristeza ao seu lado ou se você tivesse simplesmente escolhido fugir dela comigo. Nunca fomos pessoas ruins, não é Baby? Não havia por que não termos conseguido. Se tivéssemos tido mais tempo... mas eu

terminei roubando esse tempo de nós. E agora Deus roubou você de mim. Mas tudo bem, não é? tudo é Dele. Aos imortais guardam-se as coisas deste mundo.

Sabe ainda hoje eu lembro claramente de quando você me contou que estava escrevendo sobre a nossa história. Estávamos deitados na rede lá de casa e de repente você disse que tinha uma coisa que queria me mostrar. Tirou da bolsa uma pastinha azul com duas páginas impressas. Eu comecei a rir, O que é isso? Você sentou ao meu lado todo branco de tensão, Leia! Eu voltei a rir e vi que isso quebrava a sua tensão séria com um sorriso que você esforçava pra não deixar sair. Mas que saiu tão bonito. Tá... Me ajeitei novamente na rede colocando as minhas pernas sobre o seu colo. Você sempre falava das minhas pernas, que elas eram as pernas mais bonitas que você já viu, e sempre me dava muito prazer coloca-las sobre você. São suas. Comecei a ler, você repousou a mão sobre as minhas coxas e joelhos, era o capítulo do telhado em Arequipa e, como um sonho, você tinha transformado uma briga nossa em algo tão lindo, tão belo. Eu lia e me emocionava por dentro e pensava Meu Deus, como ele pode saber tanto de mim? Como pode me conhecer tanto e saber exatamente o que penso e como me sinto? Até as mesmas frases! E enquanto eu me aproximava do final, eu nem te via atrás das folhas de papel, você tocou os meus pés, pendeu o seu corpo até eles e deu um beijo demorado em cada um. Eu lia parte da nossa história e aqueles beijos tocavam a minha alma. Comecei a chorar e a sentir uma vontade absoluta de me entregar a você. E eu fiquei tão entristecida, porque estávamos na casa dos meus pais e eu não podia dar ali pra você aquilo que a minha alma pedia que fosse dado infinitas vezes.

Eu sei que por você eu passaria dez anos sem ver ninguém.

Mas não por mim. Eu ainda quero ser feliz e encontrar alguém. Eu quero ser feliz. E eu já não virei mais te visitar. Consegui um emprego longe daqui, vou trabalhar como advogada numa cidade que você odiaria viver. Sim, é São Paulo. Mas eu prefiro enganar a mim mesma e pensar que você gostaria que eu fizesse exatamente isso e torcesse por mim. Eu faria isso por você. Fico feliz por você ter ficado sob a sombra de uma árvore. Eu sei o quanto você gosta delas, Na tempestade os galhos fraquejam, mas o tronco permanece.

O vento verga em sobrelanceiras o jacarandá. Eu ainda amo você.

Pourquoi nous sommes toujours plus justes et plus généreux avec les morts?
Le raison est simple. Avec eux, il n'y a pas d'obligation,
(Albert Camus.)

Eu tive um sonho com a gente. Não exatamente você e eu, eu sentia como se fosse. Era como se eu assistisse a um filme. No sonho havia essa mulher velha, muito branca e bonita, como se tivesse a cor da lua. Nada parecida comigo, tinha os traços meio europeizados. Só se assemelhava a cor do cabelo, um castanho forte e escurecido. Foi assim que eu soube que era eu e ôxe... agora eu me lembro que apesar de eu saber que ela era velha, seu corpo não tinha nenhuma das marcas da idade... seu corpo era novo. Curioso, né?

Ela estava sozinha nesse quarto suntuoso, cheio de tapeçarias orientais, persas, chinesas. Havia uma luz colorida em sépia brilhando sobre os panos vermelho-amarronzados. E uma cama belíssima com um mosqueteiro e decorada com bordados de cavalos e lobos. Do lado da mulher, tinha uma pequena tigela de chá chinesa sobre um pires escuro com flores brancas. Nela, um líquido amarelo bem dourado e transparente. E no fundo, o desenho de um velho dragão chinês se movia, olhava pra mim.

De repente ela já está deitada na cama. Entra um homem negro, alto e musculoso. Magro. A luz refletida nos panos dava ao corpo dele um negro ainda mais vivo, quase como se quisesse se misturar ao vermelho. Ele completamente nu, ela com um robe oriental. A barriga dele a deixou excitada. E parece que eles tinham brigado há muito tempo, ele olha severo pra ela, sem falar nada. Ela sorri como se o esperasse e ao mesmo tempo o chamasse pra perto. Ele para ao lado da cama. Ele também é velho, seu corpo cheio de cicatrizes.

O véu do mosqueteiro se abre. Venha, ela diz. Ele permanece. Lata pra mim, ela diz, se divertindo. Mas ele dá a ela um olhar absurdo e diz que não com a cabeça. Vamos, au, au, faça pra mim. Ele se enraivece, os músculos ficam rijos, e ele faz que vai bater nela. Mas ela não tem medo. Vamos, eu quero ouvir um uivo seu, uive. Ele balança a cabeça com mais força, não! Não! Você está louca! De jeito nenhum. E alguma coisa no jeito desse “louca” me deixa muito excitada e a ela também. Eu sou o quê?... Louca! Louca!, ele grita.

Rindo, ela belisca a cintura dele e o traz ainda mais perto da cama. Vamos, au, au. Fale. Eu o sinto tremer ao ver os olhos dela, já não gritava mais. E o seu não era oco, fraco.

Devagar, e sempre rindo, ela viaja o corpo dele com a mão, vai até o pau, que intumescce o toque das unhas e o arranhar dos dedos, a cabeça se arroxando, se enchendo de sangue. Ela desce e segura as bolas dele, grandes e geladas (isso é quando elas estão cheias de gozo, não é?). Uive. Ela diz. Ele nem consegue balançar a cabeça, seus lábios tremiam. Ela aperta. Uive. não... Ela aperta com mais força, até ele uivar. E ainda depois disso.

Eu sinto como se ela gozasse com aquilo e eu me sinto molhada.

Mas depois ele desaparece, a mulher está sozinha de novo. Eu sinto frio. Ela olha pro lado e a tigela de chá já está seca. Nela, uma mariposa.

Ela lamenta, seu cabelo acolhe a neve. Ela velha.

e poderiam dizer que eu raptei você e que fui o errado e fiz o que não devia. Que cheguei à sua porta no meio da noite fria e ventosa, e te beijei antes de falar palavra, de hálito ainda quente de dança e bebida. Mas não resistiu o seu corpo ao toque ou ao beijo, e, na verdade, você sorria de mãos geladas enquanto segurava o meu tronco sobre a moto e rumávamos ao meu quarto num por vir de sexta-feira.

A intensidade da sua voz no telefone, a velocidade com que você chegou à minha casa, o nervosismo e o sorriso estampados no seu rosto, o cheiro do seu suor exalando whisky me deixaram excitada. O seu quarto, como imaginei, pequeno abarrotado de livros. Da janela entrava uma névoa fina impregnada de luar branco, trazendo um cheiro de árvore, manga e terra úmida, misturado ao da miríade de páginas abertas e, quase sem motivo, pareceu que eu podia enxergar muitos pensamentos seus, passados e futuros, ali, diluídos na névoa rala afastada na penumbra.

Sobre a mesa, O Beijo e outras histórias, que te dei de presente de amigo secreto. Sobre ele, uma moeda de ferro antiga; ao lado, um jarro de barro com uma flor vermelha em formato de urna. Uma luminária igual à minha, diferente somente a cor: a minha amarela, a sua vermelha. Tão fantástico estar ali no seu quarto, menino de 24 anos, geralmente triste, descuidado no trajar e de andar desleixado. Eu te imaginava adolescente no colégio, sempre com o olhar abaixado, enfiado nos livros, seus cachos pendendo às páginas enquanto caminhasse pelos corredores. Imaginei você assim e desejei de todo o coração ter te conhecido nessa época, ser sua amiga.

Você acendeu uma vela que deixaria queimar a noite toda

Quando o convidado é querido, acende-se para ele uma vela. Para que retorne.

— E essa moeda? — escapou um riso.

— É meu objeto de sorte. Pra mim, o acaso é a coisa mais próxima de Deus. Se algo pauta e determina a música das nossas vidas, esse algo é o acidente. As pessoas costumam achar os acidentes ruins, mas há acidentes bons também, como aquele que me fez conhecer você — falei me admirando com o meu próprio tom de voz, brando, delicado, como se minha voz houvesse se separado de mim e, involuntariamente, tivesse todo o cuidado do mundo para não machucá-la.

— Hum... Então você atirou essa moeda pro alto pra decidir se vinha ou não atrás de mim?! Estamos aqui por acidente, é isso, Pedrinho?

De novo o riso.

— Engraçado. Eu abandonei essa moeda no momento em que você botou a mão embaixo da minha camisa e arrastou as pontas dos seus dedos pela minha cintura naquela festa. Com você eu quero fazer tudo por mim mesmo.

Meu deu um aperto ao ouvir as palavras, senti minha calcinha aquecer umedecida e em meu louco juízo quis dizer: *Faça! Faça tudo por você.* Eu olhava diretamente nos seus olhos e neles havia um clarão como o da lua, eu ansiava que você avançasse e eles me perfuravam o peito como lanças geladas.

Eu tomei a tua saliva quente e molhada de novo na minha boca e te deitei devagar sobre a minha cama. Todos já estavam dormindo, nós em silêncio. Me agradava falar com você em murmúrios. A sua timidez incompatível com o seu jeito de não desviar o olhar... Eu quero me aproximar de tudo que eu amo. Como se eu devesse ser temida... e amada por mim, sempre atraído pelos seus olhos terríveis, como se neles brilhasse, com fulgor opaco, o farol do pensamento amargo e gentil, a inquietude do mar, cheios de discórdias internas que jamais podem ser harmonizadas. Agora você me olhava de cima, suas pernas envolvendo o meu corpo. Eu quis começar assim, porque quis que fosse eu a tirar a roupa pra você e não que você me despisse. Eu queria que você soubesse, eu me entregava. Você a blusa com tanta facilidade que a mim pareceu que seus braços eram feitos de ar, e eu vi pela primeira vez a sua pele — eu já havia imaginado você nua. Da sua cabeça, feito cascata desceram cachos escuros sobre o pescoço fino, os ombros de montanha, o dorso de bronze. Você me mostrou os seus seios e costelas entre a pequena luz móvel da vela e a oculta e misteriosa da noite. Dentro de mim eu pensava, como podem ser tão lindos? Como podem ser tão pequenos e conter tanta beleza? E êxtase que não cabia saltava no meu peito. Você cobriu o seio com uma das mãos enquanto a outra se apoiou na minha barriga. Cada segundo do nosso tempo eu exultava como uma epifania; mais leves e corajosos que a asa de um pássaro, eu levei meu seio até a sua boca.

Os dedos da sua mão se abriram em pétalas de flor, desvelando o mamilo rijo. Você aproximou o seio do meu rosto, seus olhos estavam fundos. *Chupe*, eu disse em sussurro, mas para mim foi quase um grito. E lentamente a sua boca se aproximou, mas primeiro você me cheirava. Você me sente. Depois o toque da língua morna me percorrendo as beiradas. Depois a boca me engolindo, eu ainda com o seio na mão. E nisso eu via que muita vida saía de mim a você. Esta vida não se perdia, mas retornava e me revirava toda dentro.

Eu sempre falho na primeira noite. Isso, com você, me causou ainda mais tristeza.

Eu não acredito em presságios ou assombrações. Nenhum veneno ou mentira vai me destruir. Não existe morte neste quarto, somos imortais. A mim e a você também, não existe motivo para temer o fim. Eu vi isso: *Carlos...* eu quero você dentro de mim.

Às vezes o homem perde-se tanto em sua própria dor, em seu egoísmo, algo não está funcionando e ele está exausto de falha e vergonha, e segue carregando sozinho uma cruz pesada. E, de repente, em seu caminho seus olhos se cruzam com um olhar feminino. Ela o olha de uma maneira humana, honrada, sem julgamentos. E esse olhar pede somente que ele a reconheça, que saiba que ela existe e buum! Tudo fica mais fácil, o homem não é mais só, a dor some, ele se torna forte, e no lugar onde havia sofrimento e tristeza, uma coisa nova surge. Algo cálido e amoroso, cheio de acolhimento. Tudo a partir daquele único olhar humano. Você me pediu, suas unhas me arranhando levemente a barriga, como se ali você tivesse necessidade de ser frágil sob meu peso. A maior verdade é que nós dormimos enquanto não estamos amando. Mas então você se apaixona e uma porta entre você e Deus é escancarada, você se torna puro como no primeiro dia da Criação, pode com o mundo. Sem saber por que, eu te virei de costas e deitei minha cabeça ao lado da sua, meu sexo, ainda frio, encostando levemente o seu. Ouço as suas respirações, aspiro parte do ar aquecido, beijo a palma da sua mão, as suas costas e pescoço. Cada beijo seu me destruía por dentro e me criava uma coisa nova, porque você sempre deixava um rastro de língua. Algo que ninguém jamais fez, você beijou meus pés... eu me senti amada... Desde ali, toda noite com você pra mim é a última, eu não quero perder um centímetro. Eu quis pedir pra que você os beijasse de novo, mas a sua língua chegou sem avisar na minha boceta e de repente as suas mãos apertavam a minha bunda. Você me lambia devagar, eu me molhava, o seu nariz colado ao meu cu, e até as suas respirações me davam prazer. Eu me abria mais ainda. A minha boca, a minha boceta, o meu cu, todas abertas pra você. Eu enfio meu nariz no seu cu, ele se abre morno e suave, tal como cálice de videira roxa. Você gozou seu gozo na minha boca, o resto desperdiçado no meu colchão. *Vem cá...* me puxou pelo pescoço, *você não sabe que o maior prazer que um homem pode dar a uma mulher é fazer com que ela sinta o próprio gosto?* e me tomou um beijo de muita língua, e gemia enquanto beijava. Morde a minha pele. Meu pau endureceu vermelho-rubro. Quente, igual ao seu sexo, ele roçava nos seus pelos. Eu pego o seu pau com a mão, ele é quente e isso me dá um choque. Eu quero chupá-lo. Ponho o seu pau na minha boca, isso também é uma oração, como uma reverência ou um beijo. A mulher que eu amo... Quando um homem ama uma mulher, ela se torna para ele o ser

mais perfeito e infalível na Terra. Havia tanta felicidade dentro de mim, mas dessa felicidade eu não percebia quase nada. Não existia além de mim e você, o resto eu só perceberia depois.

Enfio o meu pau no seu sexo, Eu sinto você abrir a minha boceta... As nossas mãos se misturam e os nossos gemidos cantam uma canção de nós dois. O homem não sabe se dirige a mulher ou se é dirigido por ela. Não sabe onde ela começa nem onde ele termina.

— Eu Amo você.

Os seus olhos cheios de água e de lua me olham sem desvio, tão comovido que expressava os sentimentos menos com palavras que com a profundidade dos olhos, o tremer da boca, água inquieta banhada de luz de lua e vela, eu vi que você não mentia. Um sentimento quente e nervoso se apossou de mim, como se eu houvesse voltado a escutar, pela primeira vez, Gymnopédie No. 1. Eu estava mais pra Quase uma Fantasia. Era verdade, eu também amava você igualmente. Eu quis te falar isso.

Fiquei calada.

Em cima da mesa uma língua laranja cintila. A vela goteja e goteja. É assim que eu e você vivemos. Nossas almas acendem, nossos corpos fenecem. O nosso abraço final foi o mais forte de toda a minha vida, eu cheguei a chorar, porque você era muito linda. E sabia que jamais veria nada mais belo que você, seus olhos no escuro.

Eu ainda nem acredito que você está aqui.

será que Deus me ama tanto?

Eu também não acredito.

Eu estou tão feliz... Você me mostrou seus dentes. Você gostou do livro que eu te dei? Toda noite eu durmo com ele ao lado da cama. Mas ainda não tive coragem de ler nada além da sua dedicatória.

Os seus olhos pareceram tão felizes, estávamos um na frente do outro, nossas mãos entre o travesseiro e se entrelaçando uma na outra. Eu beijo as suas pálpebras. No interior dos seus olhos escuros eu vejo um fogo e um brilho que eram só seus, ao lado deles eu me encontrava. E penso que, se eu tivesse de olhar pra mim mesmo, escolheria eternamente os seus olhos. E morreria feliz com eles. Sabe quando as nuvens passam na frente da lua cheia e ao redor dela se forma um halo colorido, meio esverdeado? Os seus olhos fazem a mesma coisa.

Você já trouxe alguém aqui?, eu perguntei de repente, surpreendendo a mim mesma com o meu interesse. Uma pessoa, você me disse cheio de ... claramente decepcionado com a própria resposta. Eu me decepcionei um pouco também, mas fiquei aliviada pela sua sinceridade. Não precisa se justificar, eu achei bom o que você falou.

Atrás de mim a chama da vela balança com a brisa suave da noite que nos refresca, as nossas sombras brincam juntas na parede, eu procuro desenhar e guardar o desenho do seu rosto pra sempre com os meus olhos. Eu nunca havia levado ninguém pro meu quarto, todos os meus namorados sempre moraram sozinhos, mas eu me senti muito bem estando num ambiente que não era somente seu, mas familiar. E tive vontade de te levar pro meu quarto também. Quis que você conhecesse a minha parede roxa, os quadros que eu pendurei nela, as fotos das minhas viagens, meu retrato do Elvis.

— Que flor é essa?

— Uma papoula.

— Ela é linda.

— É de onde eu bebo os meus sonhos. Às vezes eu fico triste e não consigo dormir. Ela me ajuda.

— Achei que elas fossem proibidas no Brasil.

— E são. Mas uma amiga me trouxe umas sementes de quando viajou pra Criméias.

— Que massa! Nunca conheci ninguém que houvesse ido pra Criméia.

— Só na literatura.

Um vermelho cheio de sombra...

— Você pode me dar uma muda?

— Posso, mas é melhor que eu te dê uma semente. Ela é bem fácil de germinar, nasce sozinha na terra, mesmo que não leve muita água. Mas depois que cresce, ela precisa de muito cuidado, se não as pétalas caem. Não se adapta muito bem a mudanças, tudo ela sente. Por isso é bom que você pegue uma do começo, pra ir a sentindo.

Me encantava você saber tanto, você falava com tanto cuidado da sua planta, você sempre teve uma voz forte, mas gentil. E quando você falava seu pomo de adão ficava tão

evidente, como se fosse um coração batendo na sua garganta. Ele era tão grande, eu sempre achei muito atraente. E me excitava me excitar com coisas estranhas assim, tão próprias de você. Me passava que entre nós existia muita intimidade.

O que é que você mais gosta em mim?, você me perguntou, e a cada pergunta você sorria e o seu corpo dava espasmos na cama, como se você fosse incapaz de conter a própria felicidade ou o ímpeto de avançar sobre mim. Eu poderia lhe dizer: tudo. Cada coisa sua é preciosa pra mim. A sua voz sempre me foi forte, eu a escuto e ela parece não ter fim. Disse: os seus olhos, foi a primeira coisa que vi de você. Eles são sérios e bonitos.

O que eu mais gosto em você é o seu nariz.

Logo a parte que eu menos gosto?, falei sem poder deixar de rir.

Ôxe e por quê? Ele parece um nariz de ursinho... Me dá vontade...

Nunca sem deixar de sorrir sua mão se aproxima do meu rosto, seu dedo médio e polegar friccionados,

... de te dar um peteleco.

Eu fiquei tão desarmado, era como se você pudesse fazer o que quisesse, e eu não tive a mínima vontade de revidar. O tempo ficou mais lento.

Eu li uma vez que quando a humanidade for feliz em seu todo o tempo vai deixar de existir, que ele não é uma coisa real. É só uma ideia. E, como toda ideia, ele vai perecer quando no pensamento só houver espaço pra felicidade. O que a gente tá vivendo agora representa isso pra mim. Você me puxou pra perto mais uma vez. Ficamos a nos olhar eternamente.

Quando a noite era já era branca, eu nem a havia percebido, um canto de galo rompeu o silêncio. Eu comecei a rir... Vocês têm um galo? E, vendo que você se envergonhava com a minha pergunta, eu disse, sabe, o meu avô tem um sítio em Arapiraca. Costumávamos ir muito pra lá quando eu era criança. Eu nunca tive medo do escuro e o meu avô não gostava de usar energia elétrica na casa, era o homem do candeeiro, como minha avó dizia. Ainda hoje ele é assim. Mas o meu irmão mais novo tinha medo do escuro. O Miguel? Não, o Ravi. Miguel ainda não era nascido. Então, o Ravi tinha muito medo do escuro e ele sempre pedia pra dormir comigo, porque ele se confiava mais em mim, que os nossos irmãos mais velhos não eram de cuidar muito da gente, aí eu que ficava cuidando dele. Aí teve uma vez que a gente tava deitado e era cedo ainda, acho que pouco depois de meia-noite, e o galo cantou. Ah, e detalhe viu, eu

só dormia abraçado comigo. Então eu disse a ele, Ravi, sabe por que eu não tenho medo? Porque olha o galo, ele só dorme no escuro e vê como ele canta forte, cheio de coragem. Ele está nos chamando pra vida. Eu tinha só 11 anos. Depois desse dia ele ainda ficou dormindo um pouco comigo, mas eu já sabia que ele não tinha mais medo. Aí depois ele inventou de dormir sozinho mesmo e me deixou.

Eles crescem rápido né?

Pois é, mas é bom que seja assim também... Você me leva pra casa?

Você puxou a moto debaixo do ipê amarelo, o dia estava fresco, cheio de orvalho nas flores e, não exatamente alegre, mas feliz, vivo. A noite ainda reverberava com muitos resquícios, principalmente o seu jeito de se vestir, tão devagar e despreocupado, que me agradou bastante, a sua calça rasgada cobrindo as pernas, suas botas de couro surradas e camiseta vermelha, eu podia ver o desenho dos seus braços. Tudo em você era tão simples e bem colocado, que nada parecia lhe faltar da natureza.

Na Fernandes Lima você acelerava, o vento frio entrava nas aberturas da minha roupa, eu me agarrava contente na sua barriga. Era verão, e no entanto, como flocos de neve em profusão, começaram a voar das nuvens espaçadas ciscos gelados de chuva carregados pelo vento em espirais leves de ondas. Os raios de sol deslizaram oblíquos como o fluxo de um rio, desviando dos prédios e das barreiras de nuvem, e, em profusão atravessaram os ciscos de chuva formando cor e um brilho dourado que dava forma ao ar. Você soltou as mãos do guidom fazendo-as de asas e gritou que eu fizesse o mesmo. Eu fiz e era liberdade.

Na minha porta você se despediu dizendo que aquela seria a minha última aventura adolescente. Ele é tão bem intencionado assim? Você subiu na moto sem tirar o olhar de mim, tão feliz que você parecia. Antes de dormir eu peguei uma folha em branco e fiz um desenho de você montado na moto pra nunca esquecer de você e daquele momento. No lugar do seu rosto, e no auge de toda a minha habilidade plástica e artística, o seu rosto, o desenho de um ursinho.

Chego em casa. Agora ela foi embora como se nunca houvesse vindo. Ainda é quente onde ela deitou e ainda há seu cheiro e ainda há os seus fios de cabelo cacheado. Mas não é o bastante. Tudo o que eu sonhei que acontecesse caiu nas minhas mãos como uma estrela de cinco dedos. Mas não é o bastante. E é claro que dei e queimei a ela tudo o que havia dentro. Em mim, folhas ainda verdes, meus galhos ainda não quebrados. O dia está claro, belo e quente

feito um copo de vidro deixado no jardim. Mas não é o bastante. Pensar que nos veríamos à noite e, como estranhos, nos manter separados.

Quando nos matamos?

Quando o amor em nós mesmos não é suficiente para nos fazer continuar.

Quando abortamos uma relação de duas almas?

A mesma coisa.

*Amargo e abrupto veio o fim,
mas lento e doce era o tempo entre nós, lentas e doces eram
as noites,
quando minhas mãos não se tocavam em desespero
mas com amor, o teu corpo, que separava as duas.
Quando eu entrava em ti, esta era a possibilidade única
da grande felicidade ser medida
com a exatidão de uma dor aguda. Amargo e abrupto.
(De um poema de Yehuda Amichai.)*

— Você está bonito. Vai sair?

— Eu acho que você vai terminar comigo hoje. Não quero que você me veja desarrumado.

Quando vi o verde do anel em seu dedo, me permiti esperança. Quis abraçá-la, pedir “não vá, por favor, não vá” e tive medo.

Ela me olhou com uma tristeza e uma preocupação que pareceram vir de um lugar muito pessoal e distante, cheio de água que jamais conhecera luz. Com isso, o meu orgulho inicial desmanchou-se no meu próprio olhar que pedia “por favor, me abraça, Patrícia, me abraça”. Eu já poderia cair no chão e ansiar pra que ela coloca-se, com toda delicadeza do mundo, a mão sobre as minhas costas rígidas e se achegasse em mim. Por dentro, eu me perguntava: “será que ela tem medo também? será que a gente ainda pode reverter isso?” e me vi falando *a gente* de novo, como tantas vezes, apenas por não querer me reconhecer sozinho e evitar dizer *você* ou *eu*. Que o dia que fui mais feliz não eu não era eu, mas uma extensão da fala e do braço, dela, me encontro e te encontro te encontro me encontro.

— Vamos conversar na praça? — ela perguntou, mostrando o carro atrás dela.

A praça não ficava a um quilometro de distância da minha casa, mas a viagem até lá foi apagada da minha cabeça, não sabendo dizer se foi rápida ou feita daquele silêncio que estende a imobilidade aparente das coisas. De repente eu estava lá, sentado naquele banco de concreto diante dela, e a tarde já estava toda feia, cheia de nuvens e sem golpes de vento nas árvores.

Como Patrícia se desculpou por não responder às minhas mensagens e perguntou como eu estava, comecei dizendo que assisti a Blue Valentine como ela pediu — é uma injustiça, Baby. Aquilo não é a gente. Não somos aquelas pessoas.

— É sim, Carlos. Não agora, mas eu tenho plena certeza de que se a gente continuar do jeito que tá vamos acabar exatamente daquele jeito.

— Então é fácil. É só não continuar do jeito que tá. Pronto. Vamos trabalhar pra melhorar juntos, Baby! Eu ainda nem te contei da minha semana, das coisas que eu vi...

Eu estava preparado pra lhe contar tudo! Tudo o que vi durante a prática de yoga, que iria somente aceitá-la do jeito que ela era, sem tentar mudá-la ou me machucar tanto. Eu daria tudo e, mesmo quando ela me desse pouco, eu lhe daria ainda mais amor, sem esperar que ela o retornasse, cheio de fé que um dia ela ascendesse e nós realmente fôssemos uma única pessoa, duas extensões de uma só vontade, de um só sentimento puro e generoso. Tudo estava claro e simples, eu só precisava que ela perguntasse da minha semana, uma única abertura e eu responderia tudo.

— Sabe a cena em que ele explode lá no hospital e bate no médico? Eu vejo você claramente ali.

— Meu Bem, por favor...

— Você é um homem violento, Carlos. Você é apaixonante, calmo e bondoso até. Mas essa calma é só na superfície. Por dentro você é um lobo. — Quanto mais ela falava, mais eu sentia a conversa se afastar da mudança, e não haveria volta se nos afastássemos demais. Tive a vontade de pará-la, puxar seu corpo pra mim e lhe dar um beijo, mas não pude deixar de ouvi-la, talvez pra saber como ela realmente me via. — Na primeira vez que você sentiu ciúme de mim, foi por causa de algo que falei sobre um amigo, eu nem entendi o porquê... Perguntei se estava tudo bem e você me respondeu que não queria falar mais daquilo. Então eu fiquei calada, me sentindo tão culpada por deixar você daquele jeito, e sem nem entender os seus motivos ou o que fazer. A gente tava indo pra sua casa de mãos dadas e desviamos de um monte de lixo na calçada da sua rua, continuamos a andar. Então você soltou a minha mão, voltou até uma cadeira de madeira que eu nem tinha visto do lado da lata de lixo e destruiu a cadeira com um chute. Um chute, Carlos, que fez a sua perna sangrar. Como se não bastasse, destruiu os pés e o assento as suas pisadas que pareciam não sei o quê. Você até jogou a lata no chão e fez o mesmo com ela, até sobrar somente pedaços de madeira e lixo e metal retorcido. Uma mulher apareceu na janela do prédio e eu agradeci tanto porque ninguém teve a coragem de falar com você... aí você voltou, calmo do mesmo jeito que foi, e segurou minha mão de novo... — Ela parou de falar e ficou me olhando. Não sei se ela esperava que eu me defendesse ou falasse alguma coisa.

O peito dela se mexia como se o ar fosse pesado e doesse. — Eu não tive medo, meu amor. Pra falar a verdade, eu fiquei excitada. Eu sabia que aquela violência nunca ia ser usada contra mim. Eu amei o seu lobo e quis dar pra você ali mesmo. Não me importaria se vissem ou chamassem a polícia. Eu te amei tanto! Mas brigamos demais. Eu tenho medo que a gente fique que nem a Paula e o namorado dela. Não é isso que eu quero pra minha vida.

— Você tá me comparando com aquele cara? Baby, eu não sou abusivo.

Ela me olhou de novo com aqueles olhos tristes e preocupados, mas dessa vez havia ainda mais tristeza.

— Eu acho que você é o homem da minha vida... mas eu não posso mais. A gente não consegue ficar duas semanas sem brigar, eu não quero, Carlos. Chega.

— Baby, eu também não quero isso. É só a gente trabalhar junto, meu amor.. A gente só precisa tomar mais cuidado um com outro. Olha, o que a gente sente é muito forte, qualquer coisinha que te afaste de mim ou a mim de você, a gente já sente e é difícil. Mas a gente pode aprender. Eu vou ficar mais forte, eu juro! Vou parar de me machucar tanto.

— Você já tentou, Carlos. Eu avisei na Bolívia que aquela ia ser a nossa última chance. Você concordou.

— Baby, por favor, como é que a gente ia mudar magicamente assim da noite pro dia, sem mudar a nossa consciência? Não é justo. Você também não é uma pessoa fácil. Já viu o que acontece quando você bebe? Quando você tem raiva? Você me despreza, meu bem, eu vejo isso nos seus olhos e é a morte pra mim. Cada olhar frio e distante seu, eu morro. As coisas que você fala pra mim, até na viagem quando disse que você e Gabriel não brigavam. A troco de que você me compara com o seu ex? Como é que você diz pra mim que as coisas com ele eram melhores? Quem fala esse tipo de coisa? Inferno! Tudo isso eu aceito de você! O jeito que você dança com os caras quando você bebe, você já chegou até a me dizer que não vê sentido em dançar num lugar que só tenha mulheres, que precisa ter pelo menos um homem pra você sentir vontade de dançar. Mas eu aceito! Falo o que me incomoda, mas aceito. Respeito teu tempo pra perceber isso e mudar. Quantas vezes você já me disse que comigo você pode ser você mesma? que não precisa se segurar ou mentir? Até mesmo no nosso sexo. Eu te amo igual em tudo! Nada me faz amar você menos, Patrícia. Nada! Nem o seu desprezo por mim, que me machuca tanto, eu te amo igual. E é isso que eu quero falar: eu estou cheio de amor aqui, meu bem. Anda comigo, eu tô mais forte pra gente. Não somos ruins juntos! Há felicidade pra gente, e esse

sofrimento que a gente tá passando não é o oposto dela: é o caminho espinhoso pelo qual andamos, caímos e até rastejamos, se preciso, pra chegar até ela. Ela espera por nós naquela cachoeira sombreada pela montanha e o luar claro e prateado, ela nos chama e espera por nós. Há felicidade pra gente, meu amor. Só precisamos trilhá-la. E, enquanto não chegamos, tudo bem, porque nós temos amor, e havendo amor pode-se viver mesmo sem felicidade.

Nos olhos dela eu procurei mudança, eles permaneciam os mesmos, com pouca vida, quase como se o que eu falasse fosse ingênuo, irreal demais. Atrás dela, um casal passou com um cachorro pequeno e eu me tranquilizei por lembrar do sonho que tive com nossos filhos na praia, eu os levava de volta pra casa, ansioso por encontrar a mãe deles.

— Sabe aquele sonho que eu tive quando dormimos na sua casa? Com o anjo na montanha? Há uma coisa que eu não contei... o nome do anjo era Rafael... — Eu tive vergonha quando pronunciei o nome dele, mas ouvi-la pronunciar esse mesmo nome me fez pequeno e insignificante, e eu senti o meu pau encolher — Ele dizia que já era hora de ir, que podíamos subir a montanha em outro dia...

— Você me disse que no sonho você queria subir a montanha. É verdade?

— Sim.

— Então o anjo tem o nome do seu ex. Grande coisa, isso não quer dizer porra nenhuma. — O mesmo olhar sem vida — Não parece óbvio pra você que eu sou a montanha e o seu desejo era subi-la? Você pode subir, meu amor. Independente do que esse anjo idiota disse, a decisão é sua. E ele pode ir pro inferno. Pra mim não importa se é um anjo, Deus ou o diabo, eu não preciso de ninguém contanto que eu tenha você. Você lembra? Não há deserto, precipício ou oceano que eu não atravessasse com você — de novo eu buscava os olhos de Patrícia. A frase vinha de Madame Bovary, o livro do nosso começo. Numa noite enquanto eu procurava livros na minha estante que eu pudesse emprestá-la, ela me mandou uma foto dessa frase dizendo “é você aqui, Baby!” Eu fiquei tão feliz e senti tanta verdade nisso, mas quando repeti a frase na praça não sei dizer se ela já não se lembrava dela ou se as palavras haviam perdido seu significado —. A gente tá num deserto, mas podemos vencê-lo. Segura a minha mão, tá aqui, Baby: segure. Eu não vou te soltar de jeito nenhum, eu vou segurar você.

— Não, Carlos... — A voz dela soou como sempre: forte e decidida. Então eu percebi que ela não tinha vindo pra conversar e tomar uma decisão comigo, ela já tinha decidido há bastante tempo e só agora me comunicava. Por isso não respondia as minhas mensagens, ela

simplesmente não queria se envolver. Nesse momento compreendi uma distância impossível: ela, um vasto continente; eu, uma ilha cercada de mar.

— Baby... por favor... O que você tem? Me deixe entrar... Vêi, você tá com dúvida de alguma coisa? Você acha que quer ficar com ele? pode ficar. Eu espero, não precisa decidir agora. Eu espero você.

— Eu acho que você é o homem da minha vida — os olhos mudaram, neles agora havia pena —, mas eu já me decidi, meu amor, eu vou ficar com o anjo.

Aqui eu vi a luz se apagar dos seus olhos. A sua cabeça pendeu como papoula que, no jardim, sente o peso do fruto e das chuvas de inverno. Eu matei você aqui, não foi, meu amor?

Levantei espremendo a cabeça com as mãos, olhei em volta e o casal continuava a dar voltas na praça com o cachorro, eles pareciam tão comuns e tranquilos que eu comecei a achar que a realidade estava ali, naquela calma que permeava os três, e o que acontecia entre mim e Patrícia não poderia, de jeito algum, ser verdadeiro. A aceroleira atrás dela com os frutos maduros, fui até lá e peguei a mais cheia e bonita, comi uma parte, voltei e coloquei nas mãos de Patrícia a acerola mordida. Li em algum lugar que o significado da palavra comunhão pode remeter ao ato de comer em conjunto, como se o ato de dividir comida pudesse criar um laço entre as pessoas e uni-las. Mas eu assisti à metade da acerola passear pelos seus dedos morenos e fortes que, mesmo ali, me excitaram enquanto pedia em silêncio que ela comesse. Até ela desatar a acerola entre o polegar e o médio, a forma dos meus dentes caída no chão. E, se eu tivesse que escolher um momento entre o que aconteceu antes ou depois, esse seria o pior.

De repente, vieram as imagens de morte. Toda aflição e desejo pelo suicídio, que haviam desaparecido no dia em que eu a conheci, voltaram e eu já começava a imaginar o que aconteceria quando em chegasse em casa. Pensei em minha mãe, minha irmã e a minha avó, pensei em meus amigos, se eles iriam se magoar por conhecerem pouco de mim... pensei se você sofreria, se eu estragaria a sua vida, e doeu, que muito provavelmente daqui a uns meses ou um ano você esqueceria tudo e continuaria a vida boa e feliz que você sempre levou. Finalmente, pensei em meu pai, e senti saudade.

Quis contar a você tudo, mas ao mesmo tempo sabia que só te afastaria ainda mais de mim, essa ideia me pareceu pior que a de morrer no banheiro.

— Mas você me ama...

— O amor não acaba só porque deixamos de nos ver, Carlos.

Só Patrícia sabe combinar sabedoria e estupidez na mesma frase. É assim, a primeira palavra sempre é a mais teatral.

— E o que significa isso?

— Eu não posso mais.

— Não? E por quê? Por acaso você morreu? Eu morri? Toque aqui: tá sentindo? Ele bate pra você. Vê como é forte?! Enquanto ele estiver batendo, não vai acabar pra mim, Patrícia. — Nosso anel de noivado continuava a vibrar na mão dela. — Lembra da gente lá em Sucre? Na praça? — Beijei o anel. Ela quase sorriu, seus olhos apontaram pra baixo e uma cortina de cachos caiu balançando sobre eles, ela quase sorriu. Então eu te vi no seu vestido vermelho de crochê correndo com seus sapatos de salto alto atrás do Arthurzinho na festa de casamento da sua amiga, você parecia até uma cigana; eu com as minhas roupas cinzas, te observava de longe com o seu novo parceiro, formávamos um belo par. Eu te vi dançando e pulando com ele, vi quando você me chamou para dançarmos os três. Lembro o quanto você estava feliz porque já desejava que aquele fosse o nosso filho e você adoraria fazer eu me sentir trocado por ele, sabendo que esse ciúme só me faria amar ainda mais você. Então pela primeira vez eu percebi que você era uma daquelas mulheres que ficam ainda mais bonitas, e adquirem um tom tão especial na pele, quando estão perto de uma criança. Como se a alma de vocês pudesse conversar tão bem por terem a mesma idade... Lembrei ao mesmo tempo do meu sonho com os nossos filhos na praia, eu nadando com o mais velho no mar verde gritava pro nosso caçula pular do píer “vem filho, que o papai segura!”, então ele pula e aspira o sal do mar no nariz (esqueci de mandar ele prender a respiração), voltamos no carro, eu me sentindo culpado “desculpa filho, se sua mãe estivesse aqui, ela não ia deixar isso acontecer” e com medo do que você diria quando nós chegássemos em casa. Mas sentia tanto amor e saudade. Então essa história de separação me pareceu tão ridícula e infundada, como se você me dissesse que o vento havia parado de se mexer. Mas você quase sorriu.

— Meu amor, você precisa me deixar ir... Solte a minha mão.

Nessa hora você soltou a minha mão com força e se levantou num pulo, serrando os punhos das mãos contra as orelhas... Eu juro que na minha alma eu quis me aproximar de você. Mas em mim havia tanta pena, que não houve espaço pra aproximação.

— Tem que ter algo que a gente poça fazer.

Você voltou, segurou as minhas mãos de novo e ficou acorado com a cabeça entre as minhas pernas que tanto amaram você. E se acabou de chorar. Eu rezei tanto pra que você não se ajoelhasse.

— Mas não sobrou nada, meu amor. A gente se afogou. — A partir daí, eu não lembro mais claramente a ordem das coisas, eu já não existia. Eu já voltava pra casa como um fantasma sem nada sentir. Mas só se não houvesse sobrado nada. Ela, diante de mim, eu estendi minha mão ao seu peito. Ele girava calor. Força desordenada.

— É mentira — eu falei —, ainda está aí. Se fosse verdade, eu deixava você ir. Mas é mentira.

— Não importa.

O homem passa tanto tempo com uma mulher, que começa a pensar que ela o pertence.

— Baby, você disse pra sempre.

— Eu sabia que vocêalaria isso, e eu sei que sim e era verdade quando eu disse. Eu estava sentindo todas aquelas coisas, eu só não sinto mais agora. Eu espero que você me perdoe — ela se levantou —. Eu preciso ir agora.

E foi indo em direção ao carro. Não sei por que a segui. De repente, ela abre a porta e tira uma sacola do banco de trás. “Eu escrevi uma carta pra você explicando como foi pra mim. Eu também deixei um pen drive com as nossas fotos.” Na sacola eu vi a carta selada com um adesivo de caderno, vi os livros que eu emprestei e que queria que ela ficasse, vi a canequinha do Peru que ela comprou pra eu usar na casa dela, vi, sobretudo, meu casaco da sorte que eu dei pra ela. — Você vai devolver até o casaco? — Perguntei, ou pensei perguntar e bati a cabeça na janela do carro. Bati, bati e bati, não fiquei tonto. Por dentro eu dizia “não é verdade, é pra gente ficar junto, ela sabe disso, tem que saber” e não ouvi as palavras dela, não senti suas mãos me puxando, o som distante do meu nome jogado fora no ar. Uma ferida quente se abriu em minha testa, seiva me tampou o olho. “Bom”, eu pensava “eu quero destruir: ou eu ou o vidro”. Mas ela disse “você está me machucando!” Então a sensação de areia na boca, o pneu do carro, as sandálias vermelhas. Ela me tomou pelos ombros.

— Meu amor, você tem que ser forte! Leia a carta, as nossas fotos

— Eu vou jogar tudo fora, é tudo mentira.

— Jogue tudo, faça o que você quiser, mas não é mentira. Meu deus, Carlos, olha só pra você menino. Deixa eu te levar pra casa.

— E isso é inconveniente pra você não é? O meu rosto.

Ela não respondeu.

— Vá embora, eu posso ir sozinho. Não preciso da sua pena, eu preciso é de você.

— Entre no carro — ela insistiu, me pegando como se eu fosse uma criança ou um brinquedo que alguém se arrependesse por ter quebrado.

Eu podia ter ficado no chão e não aceitado essa última volta pra casa. Mas eu sabia que isso iria magoá-la, ela voltaria pra casa chorando de raiva e de culpa. Então eu aceitei essa humilhação, pra protege-la, pra não machuca-la ainda mais.

A viagem de volta, eu lembro claramente. Foi rápida. Ela parou o carro, sem desligar o motor, uma dica muito óbvia. A luz laranja do poste entrava pela janela, revelando a respiração pesada no peito, revelando as pernas que eu tanto amei. Eu toquei a maçaneta, minha mão ficou grudada lá, sem querer se mover.

— Adeus, meu amor — ela disse.

Me virei uma última vez, os seus olhos agora tristes. Não havia sentido em perguntar “você tem certeza?”

— Eu amo você — e permaneci na calçada até o carro virar a esquina. Na rua um vento desafiou a firmeza das árvores. Talvez a praça já estivesse mais bonita. Mas eu não fiquei. Ninguém ficou pra observar a beleza das folhas caindo.

Depois que eu acordei não consegui voltar a dormir. Na verdade, eu não queria.

Ainda estava escuro, sabe, mas a hora da noite já não era mais e dava início ao dia que seguiria e seria quente, como todos os outros, nunca igual. Eu quis tirar essa madrugada pra não pensar, pra não falar nada, apenas olhar. Assistir você e quem sabe tirar fotografias mentais e guardar ao máximo cada tonalidade diferente que a luz dava à pele parcialmente descoberta pelo meu lençol azul. O meu desejo: oeste a leste não para, nem um descanso. Eu sei até onde a água chegou no inverno passado, mas não sei até onde o amor chegou em mim. E talvez tenha vazado as minhas margens. Você parada, com as costas da mão sobre o queixo, eu te imaginei levantar e ir na janela fumar um cigarro, te imaginei séria e distante, bonita como todas as vezes que te vi fumar. Te imaginei ficando aqui comigo e não indo embora. Te imaginei ficando para sempre.

No fundo eu sabia você iria embora assim que acordasse e que não voltaria mais. No fundo a gente sempre sabe quando alguém vai embora. Esse momento foi quando te disse que iria fazer a barba de vingança por você ter cortado o cabelo e você nem se importou. Disse, Pode tirar... Ali eu soube que a gente já não era, e no lugar era um eu e você ou um você e eu ou ainda um eu e outro eu. Mas este eu ainda quer ser dois. E por isso eu rezei tanto a um Deus que não acredito pra que você ficasse e nos desse só mais uma das inúmeras chances. Eu te peguei no dedo e desenhei teu contorno no colchão, teus olhos e boca perfeita, parei esse dedo na sua bunda e desejei que te imprimissem de novo os traços que eu acabara de desenhar. Porque com eles eu seria feliz.

Atravessando as frestas da janela, a luz entrava um pouco mais, ainda fria, te dava cor. Não sei por que sorte eu encontrei você ou se era motivo, eu pensava que sim, e parecia que você estivesse caída ali por acaso ou motivo na minha cama. Eu me deitei mais uma vez e te abracei assim, devagar, te preenchendo, como que guardando você, colando meus membros nos teus, adequando a minha forma à tua como se este idiota achasse possível se fundir com alguém. Me lembrei da noite na Laguna e de todas as outras noites que dormi contigo, Patrícia. Foram tantas e insuficientes. Mas o bastante pra deixar a saudade. Tentei pensar que no fundo eu era um homem cheio de sorte. Afinal quantas pessoas poderiam dormir com você? E nenhuma dormiria tão bem quanto eu dormi. Me imaginei assim de longe, me vendo dormir com você. Era como dormir com a imagem secreta de Deus. Só eu saberia, mais ninguém. Nem você, meu amor.

Mas eu queria que você soubesse.

Eu olhei o colchão em que você dormia, te imaginei saindo. Deixaria só uma promessa, de que seria uma cama e não um colchão da próxima vez, do próximo alguém, você realmente merecia mais do que eu pude te dar. E passei o resto da madrugada contando as coisas que eu poderia ter feito, você era bonita.

Na manhã quando o sol rompesse você acordaria, não haveria sorrisos, esses já tinham ficado na noite passada. Eu não tentaria te beijar, porque seria muito triste. Uma última conversa talvez e você iria na janela e na janela os telhados